



**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO PROF. JOSÉ DE SOUZA HERDY PRÓ-  
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO ESCOLA DE CIÊNCIAS,  
EDUCAÇÃO, LETRAS, ARTES E HUMANIDADES PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, CULTURAS E ARTES**

**NATHALIA CRISTINA DE MAGALHÃES BESSA GATO**

**LA BÊTE: O QUE HÁ POR TRÁS DO ÓDIO CONSERVADOR?**

**RIO DE JANEIRO  
FEVEREIRO DE 2023**



**NATHALIA CRISTINA DE MAGALHÃES BESSA GATO**

**LA BÊTE: O QUE HÁ POR TRÁS DO ÓDIO CONSERVADOR?**

Texto apresentado ao Programa de Pós -  
Graduação em Humanidades, Culturas e Artes  
como requisito parcial para o Exame de  
Qualificação para o curso de Mestrado  
Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes.

Área de concentração:  
Representação da Historicidade, Memória e  
Discurso,

**Orientadora: Prof (a) Dra Anna Paula  
Lemos**

**RIO DE JANEIRO**

**ABRIL DE 2023**

Para os meus filhos Milo e Amora.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre cuidador do meu caminho.

A minha mãe, Rosa, sempre incentivadora e fiel espectadora, que dos obstáculos à vitória, nunca me deixou sozinha.

Ao meu irmão Rodrigo, a minha tia Angela e a Nininha, por tudo, sempre.

Ao meu marido Eduardo, pelo apoio e companheirismo e por trilhar todo esse caminho, desde quando ainda era um sonho, ao meu lado.

Aos meus filhos, Milo e Amora, que entenderam a minha ausência.

A minha professora Orientadora, Anna Paula, pela disponibilidade imediata e por suas preciosas instruções.

A todos os professores do programa e a aos meus colegas de classe, sempre incentivadores.

## RESUMO

O segundo semestre de 2017, o Brasil foi palco de muitas polêmicas que colocavam o cenário artístico em evidência, principalmente em decorrência da exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* e da performance *La Bête*, devido a acusações de apologia à pedofilia, à zoofilia e ao vilipêndio religioso, feitas por camadas mais conservadoras da sociedade. O objetivo desse estudo foi fazer uma analogia entre essas reações exacerbadas, especialmente sobre *La Bête*, com o machismo estrutural e os discursos de ódio, buscando entender o que há por trás do ódio conservador. Para realizar essa dissertação, foi realizada uma pesquisa de dados no período entre março de 2022 e fevereiro de 2023. Como fontes de dados foram utilizados artigos, livros e reportagens, de distintos veículos de imprensa, consultados por meio da Internet. Também foi feita uma pesquisa através de redes sociais, para analisar dados sobre os comentários da população em geral a respeito da polêmica gerada com a exposição *Queermuseu* e *La Bête*. Perante todo o exposto nesse estudo, pode-se constatar que por trás do ódio conservador que atacou *Queermuseu* e *La Bête* há uma ideologia cultural machista, patriarcal, historicamente construída, que foi desenvolvida séculos atrás, em paralelo ao crescimento do capitalismo. Qualquer comportamento desviante era punido pela própria sociedade, que não aceitava nada que viesse a questionar a família branca, cristã, monogâmica, liderada pelo homem. Essa mentalidade conservadora, baseada no puritanismo, prosseguiu enraizada ao longo dos séculos e ainda hoje faz parte da crença e do estilo de vida de milhões de pessoas. Com o crescimento das igrejas evangélicas, que nutrem essa mentalidade em seus fiéis, muitos políticos se aproveitam dessa massa de manobra já pronta, se aproximam desses grupos, os nutrem com *fake news* e os transformam em arma política contra seus opositores, de esquerda. Foi isso o que ocorreu com a exposição *Queermuseu* e a performance *La Bête*. Por trazerem arte questionadora, foram atacadas por esses grupos, que aproveitaram a oportunidade para criarem um roteiro falacioso, usando essa arte como instrumento para provocar pânico entre grupos de extrema direita, como se a arte de esquerda fosse uma grave ameaça à família e aos bons costumes. Esse estudo finaliza suas considerações com a certeza de que apenas com investimento em educação, o que necessariamente precisa incluir a educação artística, é que o Estado será capaz de combater o ódio conservador e o machismo estrutural. A educação é o único caminho para produzir uma população com pensamento crítico, sem preconceitos e igualitária. Mas, para tal, é preciso vontade política.

**Palavras-chave:** La Bête, Queermuseu, Arte, Performance, Machismo estrutural; Extrema-direita.

## ABSTRACT

In the second half of 2017, Brazil was the scene of many controversies that put the artistic scene in evidence, mainly due to the exhibition Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira and the performance La Bête, due to accusations of apology for pedophilia, zoophilia and religious vilification, made by more conservative layers of society. The objective of this study was to make an analogy between these exacerbated reactions, especially about La Bête, with structural machismo and hate speech, seeking to understand what is behind conservative hatred. To carry out this dissertation, a data survey was carried out between March 2022 and February 2023. As data sources, articles, books and reports were used, from different press vehicles, consulted through the Internet. A survey was also carried out through social networks, to analyze data on the comments of the general population regarding the controversy generated by the Queermuseu and La Bête exhibition. Given all of the above in this study, it can be seen that behind the conservative hatred that attacked Queermuseu and La Bête there is a sexist, patriarchal, historically constructed cultural ideology that was developed centuries ago, in parallel with the growth of capitalism. . Any deviant behavior was punished by society itself, which did not accept anything that came to question the white, Christian, monogamous, male-led family. This conservative mindset, based on Puritanism, has remained rooted over the centuries and is still part of the belief and lifestyle of millions of people today. With the growth of evangelical churches, which nourish this mentality in their followers, many politicians take advantage of this ready-made mass of maneuver, approaching these groups, nourishing them with fake news and turning them into a political weapon against their leftist opponents. This is what happened with the Queermuseu exhibition and the performance La Bête. For bringing questioning art, they were attacked by these groups, who took the opportunity to create a fallacious script, using this art as an instrument to provoke panic among extreme right-wing groups, as if left-wing art was a serious threat to family and good mores. This study ends its considerations with the certainty that only with investment in education, which necessarily needs to include artistic education, will the State be able to combat conservative hatred and structural machismo. Education is the only way to produce a critical thinking, unprejudiced and egalitarian population. But to do so, political will is needed.

Keywords: La Bête, Queermuseum, Art, Performance, Structural Machismo; Extreme right.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: <i>Cena de interior II</i> de Adriana Varejão, 1994. ....	26
Figura 2: <i>Travesti da lambada e deusa das águas</i> de Bia Leite, 2013.....	27
Figura 3: <i>Et verbum</i> de Antônio Obá, 2011.....	28
Figura 4: <i>Cruzando Jesus Cristo com a Deusa Schiva</i> de Fernando Baril, 1996.....	29
Figura 5: Comentários à postagem do Santander. ....	30
Figura 6: Comentários ao vídeo de Arthur do Val no <i>YouTube</i> . ....	34
Figura 7: Comentários ao vídeo de Arthur do Val em sua página do <i>Facebook</i> .....	34
Figura 8: <i>Bichos</i> , de Lygia Clark.....	44
Figura 9: <i>La Bête</i> . ....	46
Figura 10: <i>La Bête</i> . ....	46
Figura 11: Postagem no <i>Facebook</i> de Jair Bolsonaro sobre <i>La Bête</i> . ....	48
Figura 12: Comentários à postagem no <i>Facebook</i> de Jair Bolsonaro sobre <i>La Bête</i> . ....	48
Figura 13: Postagem de Magno Malta no <i>Facebook</i> sobre a revogação da censura à peça <i>O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu</i> , e comentários. ....	52
Figura 14: Comentários à postagem de Magno Malta no <i>Facebook</i> . ....	53
Figura 15: Imagens postadas nos comentários à postagem de Magno Malta no <i>Facebook</i> . ....	54

## SUMARIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 A EXPOSIÇÃO QUEERMUSEU.....</b>	<b>16</b>
2.1 SEXUALIDADE, GÊNERO, TABUS E O TERMO <i>QUEER</i> .....	16
2.2 EXPOSIÇÃO <i>QUEERMUSEU</i> .....	23
2.3 SOBRE AS OBRAS E A POLÊMICA .....	25
<b>3 LA BÊTE E A PERFORMANCE COMO LINGUAGEM.....</b>	<b>44</b>
3.1 <i>OS BICHOS</i> DE LYGIA CLARK.....	44
3.2 <i>LA BÊTE</i> .....	45
3.3 OUTRAS ARTES ATACADAS PELOS CONSERVADORES .....	51
3.4 A PERFORMANCE COMO LINGUAGEM.....	57
3.5 ARTE POLÍTICA E O ÓDIO CONSERVADOR .....	62
<b>4 REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO ESTRUTURAL E O ÓDIO CONSERVADOR.....</b>	<b>66</b>
4.1 MACHISMO ESTRUTURAL E A BIOPOLÍTICA.....	66
4.2 MACHISMO ESTRUTURAL, ÓDIO CONSERVADOR E DISCURSOS DE ÓDIO .....	70
4.4 A VIOLÊNCIA RESULTANTE DOS DISCURSOS DE ÓDIO E DO MACHISMO ESTRUTURAL .....	79
<b>5 COMBATENDO O ÓDIO CONSERVADOR COM ARTE, CULTURA E EDUCAÇÃO – A EXPERIÊNCIA <i>QUEERMUSEU</i> E <i>LA BÊTE</i> .....</b>	<b>83</b>
5.1 EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA COMO CONTRAMOVIMENTOS.....	83
5.2 <i>QUEER</i> , MACHISMO E POSIÇÕES SOCIAIS SIMBÓLICAS .....	86
5.3 GÊNERO E HETERONORMATIVIDADE NA REPERCUSSÃO DA MOSTRA <i>QUEERMUSEU</i> E DA PERFORMANCE <i>LA BÊTE</i> .....	89
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>106</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 2017, surgiram diversas polêmicas que colocavam o cenário artístico em evidência, em decorrência da exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* e da performance *La Bête*, que geraram polêmica devido a inúmeras acusações, das camadas mais conservadoras da sociedade (encabeçadas pelo Movimento Brasil Livre – MBL<sup>1</sup> e por setores religiosos), de apologia à pedofilia, à zoofilia e ao vilipêndio religioso. A polêmica foi tão grande que levou ao encerramento antecipado da exposição.

Especificamente em relação a performance *La Bête*, de Wagner Schwartz, houve severas críticas de ativistas conservadores. Na performance, o artista se apresentava nu, deitado no chão do Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, em alusão a obra *Bichos*<sup>2</sup> da artista Lygia Clark. Assim, o artista entregava seu corpo para que fosse manipulado como os bichos propostos por Clark na década de 1970. É importante esclarecer que a performance *La Bête* ocorria em uma sala reservada do museu, na qual havia indicação etária e informando que a performance continha nudez. Contudo, passou a circular uma fotografia, na qual havia uma criança tocando perna e braços do artista. Com isso, inúmeros discursos agressivos e conservadores surgiram nas redes sociais, afirmando que o MAM estava proporcionando arte pornográfica e sexual para o público infantil. Cabe ressaltar que tal criança estava no museu acompanhada de sua mãe, a qual autorizou sua presença e a interação com o artista. Mas a situação saiu do controle, com grupos conservadores escandalizando a performance, descontextualizando-a e tratando-a como sexual, sendo que se tratava apenas de nudez artística (SELISTRE; DUARTE, 2018).

À época, essa autora que vos escreve lecionava Arte nas turmas de ensino médio de uma escola da rede particular e, diante das notícias veiculadas pela mídia, principalmente dos comentários negativos que eram feitos nas redes sociais, percebeu que essa evidência do cenário artístico foi apreendida pelo público em geral de uma maneira negativa. A fala dos alunos em sala de aula reproduzia as condenações morais que jorravam aos montes nas redes sociais e, o que ficou claro desde o primeiro momento, foi que aqueles que se manifestavam contrários a essas produções artísticas não tinham qualquer vivência ou relação com o universo das artes. Em contrapartida, aqueles que defendiam e se mostravam a favor da reabertura e da manutenção

---

<sup>1</sup> Movimento Brasil Livre (MBL) é um movimento político brasileiro liberal conservador de direita, formado em 2014.

<sup>2</sup> Esculturas criadas utilizando placas de metais ligadas por dobradiças, que permitiam a criação de novas formas a partir da manipulação do público (Nota da autora).

do diálogo proposto por aqueles objetos artísticos, que foram escorraçados pelos conservadores, estavam diretamente ligados ao universo artístico e correspondiam a uma pequena parcela da opinião pública, composta em geral por artistas, intelectuais, atores e escritores.

Dentro e fora de sala de aula, até mesmo com colegas professores, o desdém pelo universo da arte se acentuou e a arte contemporânea, incompreendida, passou a receber um olhar pejorativo. Para o público leigo, aquilo que não era belo era automaticamente desqualificado. Essa reação evidenciou a deficiência no ensino das artes na formação do estudante/indivíduo que não foi capaz, por si só, de abordar o elemento artístico ou o diálogo proposto pelas obras sem se envenenar com condenações morais e rasas.

Nas aulas de arte, principalmente para o terceiro ano do ensino médio, ficou evidente a necessidade de descortinar o universo de produção por trás de cada obra polemizada. Para tanto, essa autora abordou com os alunos a trajetória dos artistas, o processo de criação e finalmente o diálogo proposto pelas obras. O objetivo era desvencilhar o olhar do espectador da carga condenatória “pré-imposta” pelos discursos conservadores presentes nos comentários e vídeos postados nas redes sociais, acreditando que, em sala de aula, o objetivo de “desconstruir a desqualificação” imediata da obra de arte, seja lá qual for, foi atingido.

Muitas vezes foi utilizado como exemplo o Minimalismo, no qual o que se vê é única e exclusivamente aquele objeto simplificado e qualquer outro elemento que se pretenda adjetivar à obra é única e exclusivamente responsabilidade do espectador, pois apesar da arte ser viva e provocar reações, a interpretação da mesma é individual. Da mesma maneira, as obras polemizadas em 2017 abrem um diálogo para questões da sociedade contemporânea, visto que adjetivá-las é externar um posicionamento que diz respeito à relação sujeito-mundo e à relação sujeito-sociedade.

No entanto, esse olhar artístico não foi fácil de ser abordado fora de sala de aula, pois o público em geral, munido da armadura do “essa é minha opinião e ponto” comprou o discurso (criado pela extrema direita conservadora) de que a arte se dirigia para um caminho desmoralizante, que as instituições privadas e públicas financiavam balbúrdias comprometendo a educação dos filhos da família tradicional brasileira com a ajuda, é claro, de doutrinadores de esquerda infiltrados nas instituições de educação.

Entende-se que a história precisa de tempo para compreender e delinear os caminhos que conduzem a sociedade, mas é possível fazer um recorte nesse tumultuado cenário artístico do segundo semestre de 2017 para abordar a ascensão de discursos conservadores que ganharam força e mostraram seus resultados nas eleições presidenciais de 2018, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro. Este, um representante da extrema direita brasileira que, ao longo de sua

carreira como deputado e durante a campanha presidencial, foi autor de inúmeras falas homofóbicas, misóginas, racistas, fascistas e preconceituosas, além de clara intolerância religiosa, em país sabidamente laico. Desde sua eleição, um forte debate político ganhou força pelo país, no qual se constatou uma clara divisão entre a extrema direita conservadora e a esquerda. A extrema direita usava o *slogan* de campanha de Bolsonaro “Deus, Pátria, Família”, cuja origem se encontra no integralismo de extrema direita, considerado a versão brasileira do fascismo.

Assim, durante seu governo, a população extremista de direita ganhou voz e passou a atacar com discursos de ódio as minorias e, nesse contexto, a arte, exigindo a censura de tudo aquilo que não estivesse de acordo com o que enxergavam como a “família tradicional brasileira” – composta por um pai, uma mãe e seus filhos, em núcleo familiar hierárquico no qual a mãe e os filhos são submissos ao pai. Inclusive, em sua campanha presidencial, a exposição *Queermuseu* foi usada e descontextualizada para conquistar votos dos conservadores e atacar a esquerda. Em uma de suas falas polêmicas, Bolsonaro disse que “Tem que fuzilar os autores dessa exposição”<sup>3</sup>.

Esse discurso altamente conservador fez renascer e aflorar o fascismo que ainda estava vivo em muitos, herança do integralismo brasileiro. Com sua eleição, conquistas seculares dos movimentos sociais de esquerda, como o dos trabalhadores, o feminista, o negro, o dos povos tradicionais e o LGBTQIA+<sup>4</sup> estiveram em risco e alguns foram perdidos com os retrocessos<sup>5</sup> desse governo e com a falta de investimento em políticas públicas relacionadas a esses grupos, com destaque para o genocídio recentemente divulgado pela mídia do povo Yanomami<sup>6</sup>, cujo território foi invadido por garimpeiros, com a conivência do governo federal ao longo do governo Bolsonaro (2019-2022), levando a morte de centenas de indígenas.

Com relação a arte, o ataque do governo às expressões artísticas teve início com a extinção do Ministério da Cultura, logo em seu primeiro dia de governo, em 1º de janeiro de 2019, seguida a uma política de ataque ideológico e censura às mais diversas expressões culturais e artísticas, com cortes de recursos para projetos e eventos culturais. O governo passou a escolher os temas dos filmes que receberiam recursos públicos, reforçando ainda mais a prática da censura, com o intuito de “combater o marxismo cultural”. Um total desmonte da

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-bolsonaro-diz-que-tem-que-fuzilar-os-autores-da-queermuseu>>. Acesso em: jan. 2023.

<sup>4</sup> Sigla que significa: Lésbicas; Gays; Bissexuais; Transgêneros; Queer; Intersexuais; Assexuais; + (demais orientações sexuais e identidades de gênero) (Nota da autora).

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.enfpt.org.br/retrocessos-do-governo-bolsonaro>>. Acesso em: jan. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roaima/noticia/2023/01/21/ministro-da-justica-determina-inquerito-para-apurar-genocidio-e-crimes-ambientais-na-terra-yanomai.ghtml>>. Acesso em: jan. 2023.

cultura brasileira foi levado a cabo durante esse governo, culminando com o incêndio da Cinemateca Brasileira<sup>7</sup>, em julho de 2021, por total descaso com o patrimônio cultural nacional, visto que o governo federal foi alertado em diferentes ocasiões sobre o risco que corria o acervo da instituição. Com isso, o governo foi acusado por diversos senadores, que afirmaram que essa tragédia foi um exemplo do descaso do governo com a cultura brasileira.

Na luta para impedir a continuidade desses retrocessos, a instauração da censura e de uma possível ditadura de extrema direita no país, houve uma união política sem precedentes na história do Brasil, com políticos e partidos de ideologias opostas se unindo em torno do nome de Luiz Inácio Lula da Silva, para democraticamente vencer Bolsonaro nas urnas e impedir sua reeleição em 2022.

Em uma fala significativa desse momento histórico do país, a senadora e atual Ministra do Planejamento, Simone Tebet<sup>8</sup>, disse, sobre a importância dessa união em torno do nome de Lula: “Nós não podemos fracassar pelo bem de nossos filhos”. Ela se questionava sobre “O que foi que aconteceu na sociedade brasileira que nós não vimos e que permitiu que o Bolsonarismo<sup>9</sup> ficasse maior do que o Bolsonaro?!”. Em sua análise, Simone Tebet compara o momento com a ascensão do nazismo e do fascismo na Europa, sendo que no bolsonarismo havia o agravante do uso de *Fake News* e das redes sociais para propagá-las, o que multiplicava esse discurso de ódio e ganhava, por meio de uma quase lavagem cerebral, mais adeptos. Por isso, “[...] mais quatro anos de Bolsonaro significaria mudar a alma e o caráter do povo brasileiro”. Para Simone, esse seria o resultado de “[...] uma geração oito anos sendo contaminada por um presidente que não dá exemplo, que usa palavras chulas, que mente descaradamente, que agride as minorias, que não tem respeito por quem pensa diferente”.

No entanto, ainda que Lula tenha sido eleito em 2022 e essa seja uma grande vitória sobre a extrema direita e o conservadorismo no Brasil, em 2023 segue-se um Brasil altamente segmentado e essa divisão pode ser pensada através de diversos ângulos, inclusive a partir do *Queermuseu*, *La Bête* e seus desdobramentos.

Há diversos estudos que abordam a temática política descortinando o panorama sob o qual emerge o “fenômeno” *Queermuseu* e *La Bête*, dentre eles é citado nesse trabalho a relevante contribuição de Ana Paula Moritz nesse cenário. É fato que o desenrolar da polêmica

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/30/incendio-na-cinemateca-e-resultado-de-descaso-do-governo-apontam-senadores>>. Acesso em: jan. 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/nao-podemos-fracassar-pelo-bem-de-nossos-filhos-diz-simone-tebet-sobre-o-2-turno-43dc>>. Acesso em: jan. 2023.

<sup>9</sup> Nomeia-se os apoiadores do agora ex-presidente Jair Messias Bolsonaro como bolsonaristas e o movimento de apoio às suas ideologias e ideias de bolsonarismo, como um movimento sectário (Nota da autora).

está impregnado pela “opinião” dos grupos conservadores de extrema direita, mas o que estaria por trás de um posicionamento tão hostil por parte desses representantes políticos? Por que e como, de repente, um número imenso de pessoas se debruçavam na internet para, de maneira feroz, atacar obras de arte, artistas e museus? De que maneira o público em geral foi convencido pelas narrativas dessas figuras políticas a atacar uma exposição de arte?

É notório que o discurso de quem atacava a mostra e *La Bête* se concentrava em um posicionamento que insistia na preservação da “família tradicional brasileira” que, supostamente, estaria enfrentando uma grande ameaça diante de algumas mudanças de comportamento ocorridas nos últimos anos, como o crescimento e o reconhecimento da luta pelos movimentos LGBTQIA+ e as novas discussões sobre identidade de gênero.

A exposição *Queermuseu* e a performance *La Bête* acabaram inaugurando uma sequência de ataques e censuras a manifestações artísticas que aconteceram no segundo semestre de 2017, como a censura do monólogo “O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu<sup>10</sup>” estrelado por uma transexual, que foi impedido de ser apresentado no SESC<sup>11</sup> Jundiaí devido a uma liminar expedida por um juiz ao atender as solicitações de grupos políticos, religiosos e da TFP<sup>12</sup> (Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade).

No caso da TFP, cabe aqui um adendo para contextualizá-la, visto estar associada à extrema direita brasileira e ter tido papel importante no golpe de 1964, na defesa da ditadura militar no Brasil e, recentemente, na eleição de Bolsonaro em 2018. Trata-se de um movimento ligado à Igreja Católica, nascido em 1960, sob o enfoque, sobretudo, do ultramontanismo que, por sua vez, surgiu como uma força contrária ao modernismo, envolvendo leigos e clérigos, com uma visão restauradora do que consideravam como um passado glorioso da Igreja, vivido sobretudo na Alta Idade Média. Portanto, a TFP buscava retornar e seguir os valores medievais. Destacava-se entre as funções da TFP combater o que chamavam de esquerdismo católico (movimentos religiosos de alguma forma ligados a questões sociais) e, no campo temporal, o comunismo e o liberalismo. Atacavam a arte moderna, considerando-a paganizada e bestial. Defendiam uma maior presença da igreja e de Deus na política, nas artes, nas legislações etc., com total oposição ao laicismo. Devido ao seu radicalismo e devoção ao seu criador, Plínio Corrêa de Oliveira, há os que consideram a TFP como uma seita, pois também se caracteriza como um movimento sectário, além de, após sua criação, ter surgido inúmeros atritos com a

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://medium.com/revista-bravo/liminar-veta-pe%C3%A7a-com-jesus-trans-103e0b714028>>. Acesso em: abr. 2022.

<sup>11</sup> Sigla para Serviço Social do Comércio (Nota da autora).

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.tfp.org.br>>. Acesso em: abr. 2022.

hierarquia católica. Para Plínio e seus seguidores, era preciso combater o “mal” em suas formas embrionárias ou veladas. Com a morte de Plínio, a TFP enfrentou uma série de divisões e processos judiciais, culminando na posse da sigla e de quase todos os bens móveis e imóveis da antiga entidade nas mãos de uma nova personalidade jurídica, os Arautos do Evangelho, que foi aprovada pela igreja católica (SANTOS JÚNIOR, 2008).

Observa-se que há muitas semelhanças entre a TFP e o bolsonarismo. Não por acaso, a TFP apoiou a candidatura e o governo Bolsonaro, especialmente na figura dos Arautos do Evangelho, que atualmente é considerada uma seita fascista, que tem como um de seus objetivos transformar jovens de classes menos favorecidas em soldados dessa seita. De acordo com uma reportagem do Intercept<sup>13</sup>, os Arautos do Evangelho costumam recrutar crianças de origem pobre, seduzindo seus pais com a possibilidade de que seus filhos possam estudar de graça em uma escola que fica em um castelo (pois as unidades escolares são em construções que se assemelham a castelos medievais), seguindo princípios católicos e disciplina militar. No entanto, o que ocorre é que os alunos passam por uma lavagem cerebral que os induz a rejeitar a própria família e os obrigam a cultuar os fundadores dessa seita como divindades. Plínio Correa deve ser idolatrado como se fosse um santo católico, além de também adorarem como santidades as figuras da mãe de Plínio, Dona Lucilia, e do fundador dos Arautos do Evangelho, João Clá, considerado por eles como o único santo vivo. São, ainda, obrigadas a se consagrarem como “escravas” de João Clá.

Atualmente, possuem pouco mais de 3 mil membros/adeptos e cerca de 700 alunos, em 15 colégios localizados em várias cidades do país. Existe uma série de denúncias sendo investigadas pela polícia, de agressões físicas, verbais, assédio sexual, alienação parental, tortura, estupro e até homicídio relacionadas com essas escolas. A organização está presente em 78 países de cinco continentes, é ativa e coordena uma rede fundamentalista católica internacional com ligações políticas com a extrema direita desses vários países. Também ligada a ela está a Ordo Iuris, um instituto jurídico que ajuda a financiar os grupos pró-família no mundo inteiro. Juntas, difundem ideais monarquistas, machistas, homofóbicos e financiam campanhas contra direitos LGBTQIA+ e contra o aborto<sup>14</sup>.

Historicamente, os “valores” da extrema direita em relação à mulher e à família têm sido marcados pela influência desses cristãos tradicionalistas. Eles vêm de uma visão naturalista e essencialista que determina papéis diferenciados e hierárquicos para homens e mulheres. Para

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://theintercept.com/2022/04/30/arautos-do-evangelho-seita-aliada-bolsonaro-justica>>. Acesso em: jan. 2023.

<sup>14</sup> Ibid.

eles, há uma diferença natural entre os sexos, que determina para as mulheres o papel de reprodutoras e donas de casa, sendo a família a célula básica da sociedade e o pai de família quem exerce autoridade sobre ela (ROJTMAN, 2017).

Tudo isso mostra que há, no conservadorismo brasileiro, um forte cunho patriarcal, opressor, misógino e homofóbico. Um sistema baseado em um machismo estrutural, que sustenta o patriarcado e nutre a cultura de uma masculinidade tóxica. Helio Hintze (2020) explica que machismo estrutural vai além do machismo pura e simples, pois se relaciona como uma forma pela qual a construção, a organização, a disposição e a ordem dos elementos que compõem o corpo social fornecem sustentação à dominação patriarcal, enaltecendo os valores constituídos como “masculinos” em detrimento daqueles considerados como “femininos” em todas as suas manifestações. Não é apenas um sentir machista, trata-se de um sistema opressor, de exercício de poder, que se traduz em uma enorme gama de preconceitos, discriminações e segregações, culminando em variadas formas de violência contra a mulher e contra tudo que não for considerado masculino (como o movimento LGBTQIA+).

Portanto, há uma ligação direta entre o machismo estrutural e o ódio conservador, visto que esse último é, essencialmente, uma intolerância à liberdade do outro. Nutre-se um ódio descabido e uma violência gratuita contra todos aqueles que são e pensam diferente, havendo foco geralmente direcionado contra minorias, como defensores de movimentos sociais (portanto de ideologia de esquerda), feministas, negros, povos tradicionais, ambientalistas, artistas, LGBTQIA+ etc.

Em governos que exacerbam essa ideologia, ela é usada na busca pela legitimidade do poder patriarcal, que se faz através da afirmação de uma forte identidade sexual masculina como única força possível. Cria-se, assim, uma arrogância nacional da violência, particularmente de gênero, e uma relação esquizofrênica entre o estado de direito e a realidade cotidiana, que se estabelecem como um sistema voltado a perpetuar um patriarcado, herdado de sua história colonial. Assim, os subjugados pela colonização e os colonos imperialistas de outrora tornam-se os agentes de uma dominação baseada no imperialismo sexual. Para tal, considera-se que todos os meios são válidos, incluindo declarações misóginas, ameaças sexistas ou exposição de práticas sexuais perversas, estupro ou feminicídios, como símbolos da força sexual masculina para se opor principalmente ao feminismo, subjugando as mulheres (PALMIERI, 2017).

Compreender como esse discurso consegue arrebatar tantas pessoas, inclusive mulheres e minorias que são prejudicadas por esse conservadorismo e radicalismo, se faz necessário. Pois essas acabam sendo tão manipuladas ao ponto de defenderem pautas contra si mesmas. Fica claro que, para tal, esses grupos políticos-religiosos usam a doutrinação cristã e o moralismo,

fazendo com que consigam levar os próprios oprimidos a legitimarem seu discurso opressor. Para isso, precisam validar seus pensamentos retrógrados, o que fazem incutindo medo e lutando contra os avanços das causas sociais, contra uma educação libertária e crítica e contra a arte e cultura, pois através delas se leva o sujeito ao questionamento. É uma pessoa que se questiona, pensa por si mesma e se torna capaz de romper com esse sistema opressor.

Assim, esse trabalho surge de uma inquietação ao associar o “fenômeno *Queermuseu*” e *La Bête* a uma atitude política e sentir que, embora muitos trabalhos nesse sentido já tenham sido produzidos, há ainda uma lacuna, que seria preenchida através da associação direta dessa polêmica ao machismo estrutural. O machismo, o racismo e a homofobia no Brasil, embora evidentes, são comumente “varridos para debaixo do tapete”. Difícil brasileiro que nunca tenha ouvido alguém dizer: “Eu não sou homofóbico/racista. Tenho até amigos gays/negros”. Como se essa própria fala não fosse homofóbica/racista...

Da mesma maneira o brasileiro se habituou, desde 2017, a ouvir de um eleitor bolsonarista: “Eu gosto dele porque ele fala o que pensa e o que ninguém tem coragem de dizer!”. Ou seja, ele veio dar aval à sentimentos fascistas que se encontravam ocultos em um número considerável de pessoas (cerca de metade da população brasileira, o que é assustador). Assim, esse homem foi eleito e o Brasil teve, por quatro anos, um representante no poder executivo que legitimou e estimulou o discurso fascista e preconceituoso da extrema direita. Uma sociedade que elege esse tipo de representatividade não pode se furtar de ser pensada como uma sociedade homofóbica e machista que está muito longe de deixar de considerar a heterocisnormatividade<sup>15</sup> como regra e naturalizar a exclusão e a discriminação da minoria não englobada por ela.

Dito isso, o objetivo desse estudo foi, a partir da polêmica gerada com a exposição *Queermuseu* e a performance *La Bête*, fazer uma analogia entre essas reações, especialmente sobre *La Bête*, com o machismo estrutural e os discursos de ódio, buscando entender o que há por trás do ódio conservador. Os objetivos específicos foram: apresentar e analisar as polêmicas geradas sobre *Queermuseu* e *La Bête*; entender a performance como linguagem; esclarecer o que é o machismo estrutural e sua relação com a biopolítica e os discursos de ódio; sugerir a arte, a cultura e a educação como instrumentos para combater o ódio conservador.

Para realizar essa dissertação, foi utilizada uma metodologia híbrida. Foram realizadas pesquisas de dados no período entre março de 2022 e fevereiro de 2023. Como fontes de dados foram utilizados artigos, livros e reportagens, de distintos veículos de imprensa, especialmente

---

<sup>15</sup> É a ideia de construção de uma sociedade na qual a norma é que todos os corpos se desenvolvam para se tornarem cis gênero e heterossexuais (Nota da autora).

aqueles que fizeram alusão aos supracitados eventos artísticos de 2017, consultados por meio da Internet. Também foi feita uma pesquisa através de redes sociais, para coletar e analisar dados sobre os comentários da população em geral a respeito da polêmica gerada com a exposição *Queermuseu e La Bête*.

Assim, foi feita uma análise sobre as reações da sociedade a exposição *Queermuseu* e a performance *La Bête*, contextualizando essas reações com a política e as ações dos grupos conservadores de extrema direita.

Também foi utilizada a análise de conteúdo fundamentada por Laurence Bardin (2016), cuja função primordial é o desvendar crítico. Após a *leitura flutuante*, fase em que há um primeiro contato com os documentos a serem analisados, tomou-se o caminho por uma abordagem qualitativa cujo objetivo é a compreensão dos atores sociais e sua situação em determinado âmbito, tal abordagem tem o propósito de culminar na compreensão detalhada do comportamento das pessoas em contextos sociais específicos.

Esse estudo se dividiu em seis sessões, iniciando por essa introdução, que apresenta os conceitos iniciais necessários à compreensão desse estudo, seus objetivos, justificativa e metodologia usada. É seguido por um desenvolvimento por meio de quatro sessões (capítulos 2 a 5), conforme descritos a seguir, finalizando com as considerações finais.

No capítulo dois, a exposição *Queermuseu* é apresentada ao leitor, revelando aspectos sobre sua elaboração, sua proposta e o desenrolar da sua prematura interrupção, trazendo apontamentos de seu curador Gaudêncio Fidelis e com a apresentação de algumas de suas obras mais polêmicas, que ilustraram grande parte das notícias veiculadas nas mídias sociais, muitas vezes recortadas de seu contexto original. Também é apresentado um breve histórico sobre a sexualidade na sociedade e os tabus relacionados.

No terceiro capítulo é apresentada a performance *La Bête*, cuja polêmica pode ser pensada como um desdobramento do “fenômeno *Queermuseu*” tendo em vista a proporção das interações e julgamentos que promoveu nas mídias sociais. É feita aqui uma analogia à performance *Rhythm 0* de Marina Abramovic com o objetivo de gerar uma reflexão, considerando época e discurso de gênero, sobre as duas performances.

O quarto capítulo traz uma apresentação sobre o conceito de machismo estrutural e sobre como pode-se pensá-lo tendo como cenário o Brasil atual, dividido politicamente e marcado por um conflito de duas narrativas contrárias. Faz-se sua analogia com a biopolítica, o ódio conservador e os discursos de ódio, apontando para a violência gerada a partir desse sistema machista patriarcal.

O quinto capítulo mostra o caminho para combater esse sistema e o machismo estrutural a partir a arte, cultura e educação, utilizando o ocorrido com *Queermuseu* e *La Bête* como pano de fundo.

Nas Considerações Finais há uma análise e um possível desfecho para a hipótese de que o ódio conservador traz consigo a chancela do machismo como um incontestável “recurso” do povo brasileiro.

## 2 A EXPOSIÇÃO QUEERMUSEU

### 2.1 SEXUALIDADE, GÊNERO, TABUS E O TERMO *QUEER*

Antes de refletir sobre a exposição e suas obras, é necessário abordar questões de sexualidade e gênero e depois adentrar ao conceito do termo *Queer* e sua representatividade, para compreender melhor os tabus envolvidos nessas relações.

Afinal, segundo Foucault (1999), a história da sexualidade pode ser lida como a crônica de uma crescente repressão:

[...] a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente (FOUCAULT, 1999, p.11).

Discursos sobre a sexualidade sempre existiram, aparecendo em momentos sócio-históricos precisos, na forma de tentativas de normatizar as práticas sexuais, conforme os padrões de cada época, tendo por objetivo o controle da vida social e política através do controle do corpo e da sexualidade. Nas sociedades ocidentais, a sexualidade se tornou uma construção, uma invenção, inseparável do discurso e do jogo de poder dentro dos quais ela é constituída e, ao mesmo tempo, se constitui. Nesse contexto, a regulamentação do sexo torna-se um assunto do Estado, guiado pelas elites dominantes e pela religião, desenvolvendo dispositivos que visam regular a sexualidade, controlá-la ou mesmo curar suas manifestações consideradas por esses grupos como “desviantes” (SALLES; CECCARELLI, 2010).

De acordo com Quijano (2005), um fato que influenciou na questão histórica da sexualidade na sociedade foi o dualismo nas relações entre o corpo e o não-corpo na perspectiva eurocêntrica e cristã:

A ideia de diferenciação entre o “corpo” e o “não-corpo” na experiência humana é virtualmente universal à história da humanidade, comum a todas as “culturas” ou “civilizações” historicamente conhecidas. Mas é também comum a todas –até o aparecimento do eurocentrismo– a permanente copresença dos dois elementos como duas dimensões não separáveis do ser humano, em qualquer aspecto, instância ou comportamento. O processo de separação destes elementos do ser humano é parte de uma longa história do mundo cristão sobre a base da ideia da primazia da “alma” sobre o “corpo”. Porém, esta história mostra também uma longa e não resolvida ambivalência da teologia cristã sobre este ponto em particular. Certamente, é a “alma” o objeto privilegiado de salvação. Mas no final das contas, é o “corpo” o ressuscitado, como culminação da salvação (QUIJANO, 2005, p.128-129).

A história mostra que houve uma cultura repressiva do cristianismo, principalmente entre os séculos XV e XVI, no período da Inquisição, no qual a primazia da “alma” foi enfatizada e, talvez, exasperada, tornando o “corpo” o objeto básico dessa repressão. Com isso, a “alma” pode aparecer quase separada das relações intersubjetivas no interior do mundo cristão. Surgiu, assim, uma radical separação entre “razão/sujeito” e “corpo”, na qual o “corpo” é apenas “objeto” de conhecimento. O ser humano seria, portanto, um ser dotado de “razão”, um dom se concebe como localizado exclusivamente na alma. Como o “corpo” está separado da “razão”, por definição é incapaz de raciocinar, não tendo nada a ver com a razão/sujeito. Ao se produzir essa separação, as relações entre ambos devem ser vistas unicamente como relações entre a razão/sujeito humana e o corpo/natureza humana, ou entre “espírito” e “natureza”. Com isso, na racionalidade eurocêntrica o “corpo” foi fixado como “objeto” de conhecimento, fora do entorno do sujeito/razão (QUIJANO, 2005).

Esse dualismo radical teve sérias influências também na dominação entre raças, pois foi com base na “objetivização” do “corpo” como “natureza”, ou seja, com sua expulsão do âmbito do “espírito”, que se tornou possível a teorização “científica” da questão de raça, pois a partir da perspectiva eurocêntrica, certas raças passaram a ser condenadas como “inferiores” por não serem sujeitos “racionais”. Em certo sentido, isto os converteu em domináveis e exploráveis. Essa teoria não só determinou relações raciais de dominação, como as relações sexuais de dominação. Daí em diante, o lugar das mulheres ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores “racialmente”, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza (QUIJANO, 2005).

Ao longo da história, desde que os dogmas cristãos passaram a controlar boa parte das sociedades, em especial as ocidentais, tanto os corpos nus quanto o sexo se tornaram grandes tabus, estando associados ao pecado e à punição divina. Segundo Simone de Beauvoir (1970), ao se pensar o sexo para além da biologia, constata-se que os corpos estão submetidos a tabus e leis.

Tabu é uma proibição convencional imposta por tradição ou costume a certos atos, modos de vestir, temas, palavras etc., que são tidos como impuros. Trata-se de uma proibição que não pode ser violada, sob pena de reprovação e perseguição social. Diante desses tabus, muito do diálogo sobre erotismo, desejo, satisfação e fantasias sexuais é impedido, com base em preconceitos morais e religiosos. Tabus e preconceitos sexuais existem há séculos e podem acarretar problemas que, muitas vezes, não ocorreriam se a sexualidade fosse esclarecida de forma clara e verdadeira. Inclusive entre os jovens há tabus e preconceitos relacionados ao

gênero e ao sexo, e muitos ainda não sabem definir sua própria sexualidade (WEISHEIMER et al., 2008).

Ao abordar a questão dos tabus, Theodor Adorno (1995) diz que, para ele, tabus significam representações inconscientes ou pré-conscientes, que se sedimentam em uma coletiva de representações, conservando-se com muita tenacidade como preconceitos psicológicos e sociais, que por sua vez retroagem sobre a realidade convertendo-se em forças reais.

No caso de tabus relacionados à sexualidade, é relevante ter em mente que a sexualidade não envolve somente o biológico, mas também elementos psicológicos, como desejo e fantasias. Porém, esses elementos são moldados pela cultura social em que o indivíduo está inserido, através da moral, dos costumes e da forma como a sexualidade é vista por ele. Os preconceitos e mitos existentes sobre a sexualidade são históricos e por muitos anos procurou-se não falar sobre o assunto, o que aumentou e agravou ainda mais esses mitos e tabus, enraizando outros já existentes. Ou seja, a maneira como a sexualidade é vista e/ou encarada pelo indivíduo pode mudar o comportamento humano e seu contexto social. Daí a importância do exercício saudável da sexualidade humana e da responsabilidade dos atos e atitudes, destacando que os assuntos ligados à sexualidade, rodeados de mitos e tabus, devem ser desmistificados (WEISHEIMER et al., 2008).

Nesse sentido, Preciado (2014) defende que deve-se deixar de estudar e de descrever o sexo como parte da história natural das sociedades humanas. Deve ser estudado sem tabus. Acredita que a história da humanidade se beneficiaria se fosse rebatizada como "história das tecnologias", na qual o sexo e o gênero seriam dispositivos inscritos em um sistema tecnológico complexo. Defende a ideia de contrassexualidade, que seria uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto de um contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas.

A contrassexualidade também aponta para a substituição desse contrato social por um contrato contrassexual, no âmbito do qual os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos também como falantes. Nesse contexto, a contrassexualidade afirma que o desejo, a excitação sexual e o orgasmo nada são além de produtos, que dizem respeito a certa tecnologia sexual, que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade (PRECIADO, 2014).

Nos dois últimos séculos, a sexualidade tornou-se objeto privilegiado do olhar de cientistas, religiosos, psiquiatras, antropólogos, educadores, passando a se constituir,

efetivamente, em foco de estudo. A partir de então, passou a ser descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, educada e normatizada, por variadas perspectivas. Ainda hoje, a sexualidade segue sendo alvo da vigilância e do controle dos mais diversos setores e atores sociais, tendo ampliadas e diversificadas suas formas de regulação e de instituições que se autorizam a lhe ditar normas e definir padrões de pureza, sanidade ou insanidade, bem como delimitando seus saberes e as práticas pertinentes, como adequados ou infames. Dentre esses reguladores estão instituições tradicionais, como o Estado, as igrejas ou a ciência, associados a outras instâncias e grupos organizados, que também reivindicam, sobre ela, suas verdades e sua ética. Com isso, as “minorias” sexuais tem se tornado cada vez mais visíveis e, conseqüentemente, a luta entre elas e os grupos conservadores vem se tornando mais acirrada (LOURO, 2001).

Nos anos de 1970, a política de identidade praticada assumiu um caráter, em busca da aceitação e integração de homossexuais no sistema social, visto que a maior visibilidade de gays e lésbicas sugeria que o movimento já não perturbava o *status quo* como antes. Apesar disso, havia tensões e críticas internas, pois, para muitos (especialmente para os grupos negros, latinos e jovens), essas campanhas estavam marcadas pelos valores patriarcais brancos e de classe média, já que adotavam ideais convencionais, como o relacionamento comprometido e monogâmico. Para algumas lésbicas, o movimento repetia o privilegiamento masculino, já evidente na sociedade, fazendo com que suas reivindicações e experiências continuassem secundárias diante às dos homens gays. Por outro, no caso dos bissexuais, sadomasoquistas e transsexuais essa política era excludente e mantinha sua condição marginalizada (LOURO, 2001).

Assim, surge a teoria *queer*, que tem início nos anos 1970 como parte da contracultura nos Estados Unidos. Sua proposta inicial implicava em uma luta contra o sistema social, visto como origem da opressão sexual, que deveria ser transformado. Foi apenas na década de 80 que a comunidade LGBT americana passou a usar com sentido positivo, pois até então o termo *queer* era usado de forma pejorativa, já que na língua inglesa implica a conotação de “bizarro”, “excêntrico”, “esquisito”:

*Queer* é estranho, raro, esquisito. *Queer* é também o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do ‘entre lugares’, do ‘indecidível’ (TREVISAN, 2018, p.507).

O termo *queer*, com toda sua carga de estranheza e de deboche, foi então assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais, justamente no intuito de caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação ao *status quo*. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização, de onde quer que ela venha. Contudo, seu principal alvo de oposição é a heteronormatividade compulsória da sociedade, tendo em segundo plano a crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa “[...] a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO, 2001, p.546).

As identidades *queer* acabam sendo estigmatizados. Pode-se entender estigma como a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. Devido aos estigmas que sua aparência apresenta, gera no outro uma série de preconceitos, sendo que essas concepções, são transformadas em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso (GOFFMAN, 2004).

Os movimentos sociais e a contracultura relacionados com a teoria *queer* buscavam combater esses estigmas e enfatizavam que as desigualdades existentes iam além da esfera econômica, envolvendo a política, que em alguns casos focavam o corpo, a sexualidade e o desejo. Com a epidemia de síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) nos Estados Unidos, em 1980, valores conservadores ganharam força, culpabilizando os homossexuais pela doença, mas, paralelo a isso, também surgiram movimentos de resistências, como o *Queer Nation*, uma organização ativista LGBTQIA+, criada para combater a escalada da violência antigay e o preconceito nas artes e nos meios de comunicação social. Foi nesse cenário que a teoria *queer* ganhou força, ou seja, como reação e resistência a um novo momento biopolítico<sup>16</sup> instaurado pela AIDS (MISKOLCI, 2012), ou seja, os conservadores procuravam combater a homossexualidade por meio do medo da AIDS, colocando a sociedade contra os homossexuais, culpando-os e punindo-os.

Porém, segundo Preciado (2011), na Europa esse movimento teve outro contexto:

---

<sup>16</sup> O conceito de biopolítica será explorado mais a frente nesse trabalho, mas aqui cabe explicar que esse termo ganhou visão com os estudos de Michel Foucault, ao promover uma análise sobre o deslocamento do exercício do poder soberano sobre o povo a partir do poder disciplinar. Diante dessa nova forma de organização, o poder estatal deixou de estar centralizado na figura de um rei e passou a ser multiplicado e disseminado por todo tecido social. Com isso, ganharam importância as instituições disciplinares (escolas, prisões, hospitais etc.), que se tornaram estratégicas para essa nova configuração do poder soberano, pois é através delas que o poder não apenas se dispersa, mas se assegura (FOUCAULT, 1987). Passou-se a governar pelo “poder de fazer viver”. Foucault denominou essa forma de governar como biopolítica, que seria um conjunto de técnicas de saber e poder articuladas no governo dos indivíduos e da população, com o intuito de discipliná-la e controlá-la por meio de práticas sutis que investem sobre um corpo saudável, dócil e produtivo, voltado ao mercado de trabalho e consumidor. Passa-se da punição à vigilância, pois se percebeu que, do ponto de vista da economia do poder, é mais eficaz e mais rentável vigiar e doutrinar do que punir (FOUCAULT, 1998).

Diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, os movimentos *queer* na Europa inspiram-se nas culturas anarquistas e nas emergentes culturas transgêneros para combater o “Império Sexual”, propondo, notadamente, uma desontologização das políticas de identidades. Não há mais uma base natural (“mulher”, “gay” etc.) que possa legitimar a ação política. O que importa não é a “diferença sexual” ou a “diferença dos/as homossexuais”, mas as multidões *queer*. Uma multidão de corpos: corpos transgêneros, homens sem pênis, *gounis garous*, ciborgues, *femmes butchs*, bichas lesbianas... A “multidão sexual” aparece, assim, como o sujeito possível da política *queer* (PRECIADO, 2011, p.11).

Esse movimento *queer* trazia reflexões sobre a heteronormatividade, por meio da qual gays e lésbicas normalizados eram aceitos, enquanto aqueles outros grupos que fugiam à regra eram considerados abjetos. E havia uma crítica aos movimentos sociais com pautas em políticas de identidade. Sendo assim, esse movimento apresentava receptividade para os que se sentiam deslocados do movimento homossexual tradicional, entre eles as travestis, transexuais e não brancos, pois estes muitas vezes não eram considerados dignos de integrarem esse movimento (MISKOLCI, 2012).

Com a nova política *queer*, o destaque estava em chamar atenção para necessidade de desconstrução das normas e convenções culturais de identidade dos sujeitos, em uma perspectiva biopolítica foucaultiana, destacando que o binário hétero-homo, enquanto construção histórica, precisava ser repensado e analisado. Esse movimento trouxe uma ampliação do conceito de gênero, anteriormente compreendido apenas como homens e mulheres, passando a ser compreendido como um elemento relacionado com as normas e a cultura. Também promove uma reconfiguração do feminismo, que expande seu alcance para além das mulheres (MISKOLCI, 2012).

Segundo Judith Butler:

Explicar as categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder supõe uma forma de investigação crítica, a qual Foucault, reformulando Nietzsche, chamou de “genealogia”. A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. A tarefa dessa investigação é centrar-se — e descentrar-se — nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2018, p.9).

Diante dessas novas formas de expressão de gênero, com as quais a sociedade teve que se confrontar, Judith Butler (2018) diz que a genealogia toma como foco o gênero e a análise relacional que ele sugere, fazendo com que não haja mais uma noção ou um conceito estável

para feminino ou masculino, ou para mulher e homem. No caso específico da teoria feminista, se tornou necessário resolver as questões da identidade primária para dar continuidade à tarefa política. Com isso, novos questionamentos se impuseram, podendo-se citar alguns, como:

Que possibilidades políticas são consequência de uma crítica radical das categorias de identidade? Que formas novas de política surgem quando a noção de identidade como base comum já não restringe o discurso sobre políticas feministas? E até que ponto o esforço para localizar uma identidade comum como fundamento para uma política feminista impede uma investigação radical sobre as construções e as normas políticas da própria identidade? (BUTLER, 2018, p.9).

Assim, o movimento *queer* surge em um contexto de *backlash*, termo inglês traduzido como “contramovimento”, que busca encarar o crescimento de movimentos neoconservadores, apoiados pela inversão da narrativa sobre direitos, que se propagaram reivindicando direitos de grupos politicamente hegemônicos (homens brancos heterossexuais) que estariam supostamente sendo violados pelos avanços na promoção de direitos de grupos subalternizados (minorias). Em outras palavras, esses movimentos neoconservadores adotam uma agenda em cujo centro está a noção de que existiriam grupos moralmente indignos do direito a ter direitos (CERQUEIRA, 2021).

Na verdade, nada mais é do que uma inversão narrativa dentro de um plano patriarcal, buscando promover retrocessos em várias frentes, como na promoção de direitos reprodutivos, de conquistas de movimentos sociais, na igualdade racial e, no plano das diversidades sexuais e de expressões de gênero, pelo recurso à narrativa da ideologia de gênero e pela imposição de retrocessos na promoção de direitos LGBTQIA+. Diante disso, os contramovimentos resultam em deslocamentos das expectativas funcionais do Estado, que são baseadas em um núcleo de um tipo específico e normalizado de família branca, cis, heterossexual e biparental, implicando em transformações importantes na gestão da máquina pública (CERQUEIRA, 2021).

Nesse contexto de desconstrução de conceitos de gênero, conforme sugere Simone de Beauvoir (1970), ninguém nasce mulher, torna-se mulher, pois o gênero é construído, ainda que, segundo Butler (2018), haja um agente implicado em sua formulação, um cogito que, de algum modo, assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro.

Marcia Tiburi (2018) acrescenta que, no contexto do patriarcado, a identidade é um parâmetro heteroconstruído, enquanto no feminismo a identidade é um elemento da construção de si, que passa necessariamente pelo autorreconhecimento de cada um acerca de si mesmo. Diante desse conceito, as mulheres trans têm todo o direito de se dizerem mulheres, da mesma forma que qualquer pessoa que se identifique com esse signo.

Para ajudar a trabalhar na sociedade esse processo de desconstrução e reconstrução de conceitos, dentro do movimento *queer*, é preciso assumir uma atitude epistemológica, que não se restringe às identidades e aos conhecimentos sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. Diante disso, as formas de expressão *queer* são, necessariamente, perversas, subversivas, impertinentes, irreverentes, profanas e desrespeitosas (LOURO, 2001). Dito isso, cabe agora partir para a análise e a contextualização da exposição *Queermuseu*.

## 2.2 EXPOSIÇÃO *QUEERMUSEU*

A exposição *Queermuseu – Cartografias da diferença na Arte Brasileira* foi inicialmente patrocinada, promovida e realizada pelo Banco Santander, através do programa Santander Cultural, em Porto Alegre. A exposição teve início em agosto de 2017 e seguiria até 8 de outubro do mesmo ano, mas teve sua trajetória drasticamente alterada após sofrer um grande ataque difamatório, como será visto adiante.

Segundo Gaudêncio Fidelis (2018), curador da mostra, *Queermuseu* é um museu desviante, que produz conhecimento sobre a produção artística a partir do desvio da norma canônica. A exposição possui uma engenharia conceitual que consiste em promover uma discussão teórica e artística sobre a extensão do que seja *queer* e do que esse grande leque representa, para abrigar o conjunto de manifestações culturais, expressões de gênero e sexualidade, tendências artísticas e comportamentos fora da norma de vastos segmentos da sociedade contemporânea. Ela é, enfim, um considerável campo de manifestações que expressa a complexidade e adversidade da cultura contemporânea em toda a sua extensão.

Assim, o desvio encerra o encerra o paradoxo de que, ao fugir da norma, encontra-se com o outro que a própria norma tenta evitar. É, portanto, a fuga de uma estrutura normativa que faz dessa exposição um acontecimento de transversalidade discursiva, capaz de intervir no debate público de maneira eficiente e perene. A *Queermuseu* é assim um museu deslocado para outro lugar fora das regras heterocêntricas e heteronormativas e, dessa forma, totalmente vocacionado para tal (FIDELIS, 2018, p.11).

Conforme explica Howard Becker (2008), quando uma regra social é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, um desviante, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Para o autor, esse

desviante é encarado como um *outsider*. Contudo, essa pessoa pode ter uma opinião diferente. Pode não aceitar a regra pela qual está sendo julgada e não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo. Dessa forma, emerge um segundo significado do termo: aquele que infringe a regra pode pensar que seus juízes é que são *outsiders*. Mesmo porque, se observa facilmente que diferentes grupos consideram diferentes coisas desviantes. Por si só isso já serve de alerta ao fato de que a pessoa que faz o julgamento de desvio, o processo pelo qual se chega ao julgamento e a situação em que ele é feito podem estar intimamente envolvidos no fenômeno de desvio.

Para Fidelis (2018), o museu do desvio, como chamado anteriormente, foi pensado para imprimir uma virada epistemológica acerca da arte e da memória, a fim de destituir uma perspectiva descolonizada do corpo, da cultura e das subjetividades, incluindo o que o curador chama de “descolonização da forma artística”. Em suas palavras, o processo descolonizador consiste em destituir o campo de consolidação da obra como privilegiado pelos artifícios da institucionalidade e substituí-los pela estrutura disfuncional do “choque” por meio do contraste funcional de imagens. Descolonizar o pensamento e rearticulá-lo em um confronto de ideias dissonantes fora da lógica binária e das dicotomias que são frequentes em exposições formalistas foi uma constante na elaboração da *Queermuseu*.

A mostra contava com 264 obras de 85 artistas brasileiros de diversas gerações, dentre eles, artistas consagrados dentro e fora do país como, Lygia Clark, Adriana Varejão, Leonilson, Farnese de Andrade, Cândido Portinari, Flávio de Carvalho, Pedro Américo e Alfredo Volpi. As obras eram provenientes de coleções públicas e privadas, 36 delas pertencentes a museus públicos brasileiros. Pelo menos 104 dessas obras podem ser consideradas históricas segundo critérios historiográficos, ou seja, com mais de 10 anos de existência, como por exemplo, uma pintura de Pedro Américo produzida há mais de 130 anos.

Trata-se de um modelo de exposição inédito no Brasil, por reunir obras de diversos períodos (históricas e contemporâneas) para iluminar as questões abordadas pela mostra como gênero, diversidade (incluindo diversidade artística) e diferença (com a finalidade de promover a aceitação e a convivência com a diferença a partir da forma artística). A mostra incluía obras que não tratam das questões de gênero ou sexualidade de forma direta ou literal, o que possibilitaria uma ampliação conceitual da palavra “gênero”, que no campo da arte pode abranger distintas modalidades, como esculturas, desenhos, pinturas, fotografias etc.

Essas obras, agrupadas a partir de diversos empréstimos de coleções distintas, estariam reunidas lado a lado em uma exposição apenas uma única vez, o que caracterizaria um fato inédito, singular e ao mesmo tempo histórico. A exposição também era inédita sob a perspectiva

do tema e do modelo de organização empregado, cuja engenharia demarcava um complexo campo de cruzamento articulado espacialmente, realizando e produzindo um confronto (um choque) de imagens.

Conforme alegam Selistre e Duarte (2018), tanto a exposição *Queermuseu* como a performance *La Bête*, que será abordada adiante, geraram grandes polêmicas no circuito social e político do Brasil, fazendo surgir acusações de que a arte não deve abordar temas controversos e delicados e que deveria concentrar-se apenas no belo. Porém, seguir essa sugestão caminharia à um retorno a épocas como o Renascimento, no qual a arte estava sob tutela do Estado e da Igreja. Esquece-se que a história da arte é rica justamente por ter se servido, incontáveis vezes, de temáticas desagradáveis, que fogem de temáticas corriqueiras para abordar assuntos complexos e muitas vezes chocantes e perturbadores.

Diante disso, é importante registrar que a exposição *Queermuseu* não é a primeira a abordar a sexualidade na arte, visto que desde os primórdios são inúmeros os artistas que se interessam pelo comportamento sexual e afetivo, e o registram de mil maneiras, de forma metafórica ou não. Também cabe frisar que a arte envolve crítica, distanciamento e interpretação, que se encontra embasada na história, na filosofia, no questionamento e discernimento, portanto, não se pode admitir que seja censurada por discursos autoritários e nem que apresente ou seja influenciada por verdades absolutas, visto estar aberta às interpretações de seu público. A arte é viva e busca gerar/provocar pensamento e questionamento frente aos problemas, sejam eles antigos ou contemporâneos, a fim de levar a reflexão e não a verdades absolutas (SELISTRE; DUARTE, 2018).

### 2.3 SOBRE AS OBRAS E A POLÊMICA

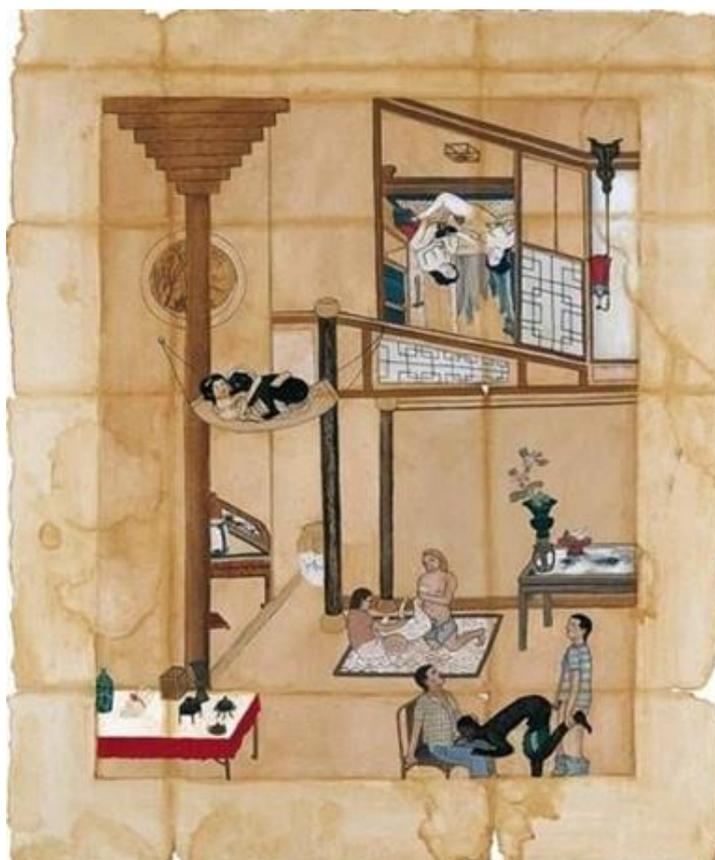
Não havia classificação indicativa para a visitação e a entrada era gratuita. Porém, devido a acusações de zoofilia, pedofilia e blasfêmia por grupos conservadores e de extrema direita, a exposição foi precocemente encerrada. Dias após o início da exposição, integrantes do MBL ao qual se juntaram fundamentalistas e outros setores da direita e ultradireita brasileira, ingressaram sistematicamente na exposição produzindo conteúdo midiático através de uma narrativa difamatória e de caráter moralista, baseados em um número restrito de obras. Por meio desse plano de ataque, foram escolhidas obras específicas que foram editadas, descontextualizadas e disseminadas pelas redes sociais.

Essas imagens (já que não podemos falar em obras nesse caso), mesmo porque muitas delas foram recortadas em detalhes, como as obras de Antônio Obá, Adriana Varejão e Bia Leite, agora são vistas não só como obras, mas como dispositivos potencialmente capazes de praticar pedofilia, incitar vilipêndio ou transformar-se em outra natureza que não corresponde mais à sua, tais como ser e/ou transformar-se em pornografia (FIDELIS, 2018, p.45).

Dentre as obras (e seus recortes) mais viralizadas estavam: *Cena de interior II* de Adriana Varejão; *Travesti da lambada e deusa das águas* de Bia Leite; *Et verbum* de Antônio Obá; e *Cruzando Jesus Cristo com o Deus Shiva* do artista Fernando Baril.

A obra *Cena de interior II* (Figura 1) de Adriana Varejão, foi feita em 1994, e apresenta cenas de sexo entre duas figuras femininas japonesas, uma figura japonesa e um negro, dois homens brancos e um negro e duas figuras masculinas brancas indistintas com uma cabra. Foi justamente esta última a que mais gerou polêmica, pois foi recortada da obra e compartilhada isoladamente nas redes sociais.

Figura 1: *Cena de interior II* de Adriana Varejão, 1994.



Fonte: SILVA; SILVA, 2019.

A artista, em entrevista à Gustavo Foster (2017), ressalta que a pintura é uma compilação de práticas sexuais existentes, sendo que algumas são históricas, como as chungas (clássicas imagens eróticas da arte popular japonesa) e outras baseadas em narrativas literárias ou

coletadas pela artista em viagens pelo Brasil. De acordo com ela, seu trabalho não visa julgar essas práticas, apenas jogar luz sobre coisas que muitas vezes existem escondidas. É, portanto, um aspecto do seu trabalho, provocar uma reflexão adulta sobre o tema exposto na obra.

Outra que gerou discordâncias foi a *Travesti da lambada e deusa das águas* de Bia Leite, produzida em 2013 (Figura 2). Segundo Santos e Silva (2021), as obras faziam parte da série “Criança Viada”, inspirada no *tumblr*<sup>17</sup> homônimo criado pelo jornalista Iran Giusti, em 2012, cujo objetivo era divulgar fotografias pessoais de adultos em sua fase de infância, desconstruindo expressões de gênero tidas como normais e naturalizadas.

Figura 2: *Travesti da lambada e deusa das águas* de Bia Leite, 2013.



Fonte: VEJA ONLINE, 2017.<sup>18</sup>

De acordo com a artista Bia Leite, nessa obra ela procurou utilizar de ironia para discutir a vivência da homossexualidade na infância e adolescência, a partir de gírias do universo gay. A inspiração no *tumblr* “Criança Viada” de Iran Giusti veio do fato de a página discutir a questão do *bullying* na infância, ao qual muitas crianças são submetidas por apresentarem sexualidade que difere da dita normatividade hétero. As imagens publicadas na página eram enviadas livremente por adultos que, se identificando atualmente ou não como homossexuais,

<sup>17</sup> *Tumblr* é uma plataforma de *blogging* que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, links, citações, áudio e diálogos (Nota da autora).

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/rio-grande-do-sul/veja-imagens-da-exposicao-cancelada-pelo-santander-no-rs>>. Acesso em: jan. 2023.

se consideravam “crianças viadas” na infância. Então, inspirada por essas fotos, Bia Leite as reproduziu livremente em sua obra.

A terceira polêmica citada é a obra *Et verbum* de Antônio Obá, produzida em 2011 (Figura 3), consistia em uma caixa de madeira repleta de hóstias escritas com corante alimentício. Cada hóstia trazia palavras que faziam referência a partes do corpo, como: braço, vulva, língua, dentre outras. O nome *Et verbum* remete à frase usada durante o processo de celebração da eucaristia nas missas católicas: *et verbum caro factum est* (e o verbo se fez carne), fazendo alusão ao fenômeno da transubstanciação da palavra em corpo de Cristo (TAVARES, 2022).

Figura 3: *Et verbum* de Antônio Obá, 2011.



Fonte: OBÁ, 2011.<sup>19</sup>

O artista buscou, com sua obra, provocar a possibilidade da transubstanciação de corpos femininos, havendo nisso um forte questionamento em relação as posições historicamente adotadas pelo catolicismo, de repressão às mulheres. Outro questionamento trazido foi o uso de hóstias não consagradas, que aponta para uma discussão crítica a respeito de questões referentes ao catolicismo brasileiro, em especial quando é levado em conta o contexto de outras obras do artista, que sempre se apresenta com interesse nos processos de conversão forçada ocorridos durante o período escravocrata no país. Assim, o intuito da obra era o de instigar uma percepção crítica sobre a religiosidade, ou seja, não se encontrava na esfera da devoção religiosa, mas sim de uma crítica histórica e cultural, que é necessária no Brasil, um país marcado por um legado escravagista e pelo preconceito racial contra as religiões de matriz africana (TAVARES, 2022).

<sup>19</sup> Disponível em: <[https://www.flickr.com/photos/flaneur\\_83/6148858340](https://www.flickr.com/photos/flaneur_83/6148858340)>. Acesso em: jan. 2023.



serviram como exemplos para difundir a crença de que estes artistas estariam ligados a uma agenda política de esquerda, cujo interesse seria o de corromper a moral e os bons costumes, ameaçar crianças e ofender a fé cristã, iniciando mais um capítulo na guerra cultural (JAREMTCHUK; MIGUEL, 2020).

Guerra cultural, pensar de ser um fenômeno muito anterior à emergência do bolsonarismo, se tornou o grito de guerra bolsonarista, pois se trata do verdadeiro eixo do projeto autoritário de poder encabeçado por Jair Bolsonaro, que bradou em sua campanha pelas eleições de 2018 que havia algo maior que eleição em jogo: a derrubada da hegemonia cultural da esquerda no Brasil. Trata-se de um projeto de aniquilamento das instituições democráticas, de igualdade e garantia de direitos fundamentais criadas pela Constituição de 1988. Essa guerra cultural ataca não apenas as artes, mas também as universidades, que são vistas como o centro de uma doutrinação contrária aos valores tradicionais da civilização cristã e ocidental (ROCHA, 2021).

Voltando à questão da exposição, essas citadas obras foram acusadas de zoofilia, pedofilia e vilipêndio religioso (os comentários podem ser vistos na Figura 5 a seguir, cujas fotos e nomes de seus autores foram omitidas, por motivos éticos) e a exposição foi encerrada pelo Santander 30 dias antes do previsto, que se pronunciou em nota através de sua página no *Facebook*<sup>20</sup>, no dia 10 de setembro de 2017:

Nos últimos dias, recebemos diversas manifestações críticas sobre a exposição *Queermuseu* - Cartografias da diferença na Arte Brasileira, inaugurada em agosto no Santander Cultural. Pedimos sinceras desculpas a todos os que se sentiram ofendidos por alguma obra que fazia parte da mostra. O objetivo do Santander Cultural é incentivar as artes e promover o debate sobre as grandes questões do mundo contemporâneo, e não gerar qualquer tipo de desrespeito e discórdia. Nosso papel, como um espaço cultural, é dar luz ao trabalho de curadores e artistas brasileiros para gerar reflexão. Sempre fazemos isso sem interferir no conteúdo para preservar a independência dos autores, e essa tem sido a maneira mais eficaz de levar ao público um trabalho inovador e de qualidade. Desta vez, no entanto, ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição *Queermuseu* desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perde seu propósito maior, que é elevar a condição humana. O Santander Cultural não chancela um tipo de arte, mas sim a arte na sua pluralidade, alicerçada no profundo respeito que temos por cada indivíduo. Por essa razão, decidimos encerrar a mostra neste domingo, 10/09. Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre diversidade e outros grandes temas contemporâneos.

Figura 5: Comentários à postagem do Santander.

<sup>20</sup>Disponível em:

<<https://www.facebook.com/santanderbrasil/posts/pfbid0xUKUESEY7EFbNMirXAkMicpxmgeKdk4XmMNm4qeD5VqR6Z35KiD8K8Vu4gdHzUdsl>>. Acesso em: maio 2022.

Só tenho uma coisa a dizer a este banco: - Obrigado por ser cabo eleitoral de **Jair Messias Bolsonaro**, e de graça. Tudo que ele vem falando sobre a ação dos iMundos (esquerdistas) foi confirmada nessa exposição criminosa. E depois o chamam de nazista, homofóbico, racista etc. Obrigado mesmo, esse episódio ajudará demais o meu candidato à presidência chegar lá

5 ano(s) Gosto Responder 280

Não aceito as sinceraa desculpas de um banco que alega não ter visto se o que estava financiando era ofensivo e criminoso. Nenhum patrocinador patrocina sem saber a que está vinculando sua imagem.

5 ano(s) Gosto Responder 359

Vocês são uns canalhas criminosos despuadorados. Deveriam manter essa exposição aberta perpetuamente na casa de cada um de vocês para verem os resultados dessa barbárie nas crianças bem de perto.

5 ano(s) Gosto Responder 378

Foram na onda da esquerda progressista desconstrutora e se fuderam!!!! Agora, respirem fundo e sintam a brisa do prejuízo que a instituição sofrerá!!! Vou até pegar minha pipoca 🍿👊

5 ano(s) Gosto Responder 2,6 m

Vcs estão loucos? Justificar uma mostra nojenta dessas como se fosse "respeito à diversidade", me explica qual respeito temos que ter com abuso sexual de menores e de animais! Seus nojentos, vou encerrar minha conta nesse banco!

5 ano(s) Gosto Responder 383

Não tenho palavras para descrever tamanha baixez da parte de vcs e dos artistas. Isso é crime em todos os sentidos. Devem ser responsabilizados.

5 ano(s) Gosto Responder 2,9 m

Não irei perder tempo direcionando palavras a essa empresa, mas gostaria de parabenizar aos conservadores aqui, feliz por ver que o conservadorismo vive !!!

5 ano(s) Gosto Responder 598

Traduzindo a nota desses bastas covardes: "O povo ainda não está pronto para aceitar todo tipo de perversidade maluca que nós fomentamos, mas, para evitar prejuízos, vamos fazer de conta que nos sensibilizamos."

5 ano(s) Gosto Responder 1,8 m

Srs. um exemplo de arte, para não incorrerem em erro, "se" houver uma próxima vez. A Virgem Velada - Giovanni Strazza - Século XIX, esculpida em mármore Carrara.



5 ano(s) Gosto Responder 569

Provocar cristão é fácil, ainda tem o costume de baixar a cabeça e orar. Agora aproveita que vcs são um banco espanhol, faz um parecido contra Maomé na Espanha!

5 ano(s) Gosto Responder 3,1 m

Então se colocarmos todo tipo de doença e insanidade em gravuras elas passam a ser algo admirável? Até onde sei, exaltamos coisas boas com as artes e não esse nível de doença. Muito infeliz essa exposição. Ao menos retiraram...

5 ano(s) Gosto Responder 318

E eu pensei que fosse sensacionalismo de religiões!!! Mas foi uma baita falta de respeito com quem é católico escrever palavrões nas hóstias né. Que feio.

5 ano(s) Gosto Responder 4,1 m

Foi o Santander que demitiu a analista Sinara Polycarpo Figueiredo, por ter informado aos clientes que a economia iria piorar com a reeleição de Dilma Rousseff (PT). Este "banco" está seguindo à risca a cartilha do "politicamente correto" imposta pela PTzada!

5 ano(s) Gosto Responder 2 m

Sou ateu, nem por isso faço essas cagadas.. Putz. Não preciso quebrar santo(imagem), rasgar biblia, muito menos enfiar crucifixo no rabo. Isso se chama escrotice! E isso era pra ser impedido, não importa religião, gênero, cultura, etc. Só um pouco de respeito ja que é isso que tanto a esquerda prega.

5 ano(s) Gosto Responder 812

Mesmo assim já rasguei meu cartão e vou cancelar minha conta!!! Existem artistas em cada esquina escondidos com verdadeiras obras de arte!! É só andar um pouco nas feiras culturais!!!! Canalhas!!! Mil vezes Canalhas!!!

5 ano(s) Gosto Responder 308

"Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre a diversidade e outros temas contemporâneos" - e desde quando pedofilia e zoofilia se enquadram nestes debates quando a eles se faz apologia? O que isto tem a ver com diversidade??? Nossa sociedade não irá chegar ao cúmulo de adoecer a ponto de acreditar que isto é inclusão, que isto é diversidade. Não é! É querer enfiar goela abaixo "ideologias" doentias. Nossas crianças precisam de proteção e não vamos apoiar a nada que tente minimizar ou "naturalizar" a pedofilia. Não é normal e nunca, JAMAIS será!

5 ano(s) Gosto Responder 1,3 m

Os responsáveis devem responder criminalmente por apologia à pedofilia e escárnio da fé alheia.

5 ano(s) Gosto Responder 1,7 m

Fonte: Colagem elaborada pela autora, a partir da página do *Facebook* do Santander.

Antes de tudo, conforme defendem Silva e Silva (2019), a arte tem por função despertar reações em quem as contempla, sendo que seus significados irão depender do contexto social e do local de exposição, bem como dos filtros do observador, salientando que não existem interpretações certas ou erradas. É característica da arte a provocação, a possibilidade de

expressar impressões, sentimentos, significados que não estão acessíveis por outras linguagens. Especialmente a arte contemporânea, por ter a intenção de afrontar valores, vem para provocar e transgredir com suas obras.

A arte tem o papel fundamental de despertar o pensamento crítico. Através da arte, se enfrentam as barreiras impostas pelos discursos dominantes, que procuram impor uma leitura negativista e superficial ao mediar os sentidos de temas sociais relevantes. Também é veículo e instrumento para a abertura a entes discursivos marginalizados, que têm e sempre tiveram seu lugar de fala<sup>21</sup> obstruído. Em suas mais diversas modalidades (visuais e literárias), as produções artísticas são um lugar privilegiado para o encontro entre o político e o cultural. No entanto, seguem sendo atacadas por discursos conservadores e pseudomoralistas, em uma sociedade dominada pelos meios de comunicação (MIRANDA; ALÓS, 2018).

A narrativa que surgiu, contrária a exposição, bradava contra uma suposta doutrinação de crianças e jovens promovida pela esquerda (como mostra a Figura 5). Uma ilustração do que engloba esse discurso pode ser encontrado em um vídeo<sup>22</sup>, de quase 10 minutos de duração, postado no canal “Mãe Falei” no *YouTube* por Arthur Do Val<sup>23</sup> que já na apresentação se refere ironicamente ao tema da exposição; “sobre diversidade, olha que tema bonito!” e questiona sobre a visitação das crianças e jovens à mostra, reforçando com veemência a acusação de crime de zoofilia e pedofilia.

Do Val diz não enxergar qualidade nesse tipo de obra que, segundo ele, “é uma porcaria”. Embora não tenha se sentido ofendido diretamente com isso, mas, nas suas palavras, com o fato de “isso fazer parte, claramente, de uma agenda autoritária de esquerda, com pessoas querendo de maneira autoritária empurrar isso goela abaixo, não só de adultos, mas para crianças e jovens” e quando “a galera de esquerda começa a dizer que isso é cultura e deve ser ensinado e dever ser promovido enquanto cultura para jovens”. Mesmo alegando não querer abordar a questão religiosa, faz o seguinte questionamento; “Se a exposição tirasse sarro das religiões afroamericanas e indígenas, como a esquerda se comportaria?” Arthur, com seus

---

<sup>21</sup> Em definição trazida por Djamila Ribeiro (2017), lugar de fala remete ao local de fala do locutor, referente a sua realidade social, financeira e pessoal ao proferir um discurso sobre determinado tema. Trata-se do lugar que cada um ocupa socialmente, que faz com que tenha experiências distintas e com perspectivas diversas. A partir disso, a autora demonstra que o lugar de fala parte da desconstrução da ideia de um sujeito universal, ou seja, de um sujeito que representaria todas as vozes da sociedade, pois isso deixaria de lado as individualidades e a total capacidade de outras vozes protagonizarem suas próprias experiências, de seu próprio e diverso lugar de fala.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FiSNvXJYmP4&t=3s>>. Acesso em: maio 2022.

<sup>23</sup> Integrante do MBL, eleito deputado estadual de São Paulo em 2019. Renunciou ao mandato em Abril de 2022 após ter áudios vazados em que, em decorrência de uma viagem para a Ucrânia após a invasão russa no país, declara que ucranianas são fáceis porque são pobres e sexualiza a vulnerabilidade dessas mulheres em uma situação de guerra. Após a polêmica, Arthur também se afastou do MBL, antes de sofrer uma possível desfiliação (Nota da autora).

questionamentos, tem a intenção de representar pais que, segundo ele, ao matricularem seus filhos em escolas públicas “são obrigados a financiar esse tipo de exposição de homens comendo animais com crianças trans” e cita a verba concedida à exposição através da Lei Rouanet.

O então integrante do MBL diz; “Eu não sou artista, mas sou pagador de impostos. E sou obrigado a financiar exposições como essa?” E vai além; propõe uma suposta exposição contra o comunismo, onde haveria crianças (representações, creio eu/ quero crer) praticando sexo com um homem barbudo que se parece com o Karl Marx e questiona; “perai, agora eu virei um gênio contra o comunismo? É isso?”. E ainda questiona como a esquerda reagiria se “outras barbaridades, que seriam consideradas genialidades” fossem praticadas e conclui que “transpassariam a linha do aceitável”.

Por fim, Arthur do Val nega que o movimento impulsionado pelo MBL tenha sido uma forma de censura (já que muitas manifestações estavam sendo realizadas apontando como censura o fechamento da exposição) e reafirma o posicionamento de boicote do grupo. Segundo ele haveria uma diferença entre censura e boicote já que a empresa (Santander) muda seu posicionamento, no seu ponto de vista, reconhecendo “essa cagada que o Santander fez”. Ao finalizar sua fala, faz um apelo político: “Se você é contra essa doutrinação das crianças, agora você tem um projeto de lei que vai fazer isso acabar”, ele se refere ao Escola sem Partido<sup>24</sup> e propõe para seus seguidores que assinem um abaixo-assinado para impulsionar esse projeto a ser apresentado em Brasília “para mudar essa realidade em termos de absurdo como essa exposição ridícula do Santander”. Na descrição do vídeo há uma conta do Banco Bradesco em nome de Arthur Moledo do Val para que seguidores façam suas contribuições financeiras para “uma iniciativa que está fazendo a diferença para mudar o país”. Alguns comentários feitos

---

<sup>24</sup> O Programa Escola sem Partido é uma proposta de lei — federal, estadual e municipal — que torna obrigatória a afixação, em todas as salas de aula do ensino fundamental e médio, de um cartaz com os seguintes:

**Deveres do Professor:**

- 1 - O professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias.
- 2- O professor não favorecerá nem prejudicará os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas.
- 3- O professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas.
- 4- Ao tratar de questões políticas, sócio-culturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade –, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito.
- 5- O professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.
- 6- O professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de terceiros, dentro da sala de aula.

Fonte: <<http://escolasempartido.org/programa-escola-sem-partido>>. Acesso em: maio 2022.

sobre esse vídeo podem ser vistos nas Figuras 6 (em sua página no *YouTube*) e 7 (de sua página do *Facebook*).

Figura 6: Comentários ao vídeo de Arthur do Val no *YouTube*.



**MBL censura Exposição Queermuseu do Santander**  
439 mil visualizações há 5 anos ...mais

Mamaefalei 2,62 mil [Inscrever-se](#)

41 mil [Compartilhar](#) [Remix](#)

Comentários 3,8 mil

Cara, Artur, isso esta desgastando as pessoas fora desta matrix de esquerda de uma forma jamais vista. Esta luta é muito desgastante, mas em fim, não podemos parar. Bora levantar a cabeça e continuar a luta!

Realmente um absurdo isso, provavelmente essa imundície de exposição vai ser (mais uma) mancha na história do nosso país.

Se fosse uma exposição ZOANDO o candomblé ou a umbanda, o "artista" teria sido processado.

"O ser humano é o pior tipo de gente que tem"  
- Luiz Hygino

Ma da nojo só de pensar em uma criança vendo essa exposição

TEMOS QUE DEFENDER NOSSAS CRIANÇAS E ANIMAIS DESTAS BESTAS SATÂNICAS

Exposições desse tipo nunca mais !. Vamos nos juntar !

Mano parabéns pelo seu sangue frio em apanhar desses lixos sem revidar, pode ter certeza que sua luta vai ser compensada.

Me senti ofendida com o uso da lei rouanet (coisa que nós sabemos muito bem que banco não precisa disso) mano, é meu dinheiro, o dinheiro da minha família e várias outras, que preferiam que esse dinheiro fosse destinado a SAÚDE E EDUCAÇÃO que estão fudidas e precisando de dinheiro, mas não! Eles vão gastar com imagens que REPRESENTAM CRIME, ou pedofilia e zoofilia são permitidos agora? O que esta acontecendo com esse pais?

"Eu acho que imagem de pedofilia não é proibida, ela é só de mal gosto." - Mario Sergio Cortella (Não acredito que já li livros desse cara).

Eu sou católico de muita fé e busco a santa eucaristia para minha vida..e essa exposição me chocou de tal forma que chorei bastante...rezo pelas almas dessas pessoas que não sabem o que sabem porque se soubessem nunca fariam isso ....e no fim haverá choro e ranger de dentes no lago de enxofre fervente.

A exposição foi GENIAL.  
Ela mostra que é possível usar o dinheiro publico pra fazer a merda que for e ninguém faz nada kkkkk.

Não precisa ser artista para julgar a arte. O melhor padrão para julgar a arte é a beleza. O objetivo da arte não é impactar ou confrontar, esse é o objetivo da crítica.

no começo do ano eu tinha uma professora de artes que ela estava explicando sobre arte, ela disse que um cara coloco um cachorro amarrado e deixo morrer so para ver se o povo iria ajudar, e disse que isso e arte

Muito bem Arthur! É isso aí!! Qualquer pessoa que tenha uma uma mínima noção de moral é contra essa "arte". Para mim arte é uma livre expressão de coração a qual não se deve ofender crença, moral e ética. Qualquer pessoa pode se expressar, contudo sem desrespeitar os outros. É por isso que o Brasil está do jeito que está. Porque existe hoje uma inversão de valores. Todos querem fazer o que querem sem se preocupar com o próximo. E com o que é certo. Hoje o CERTO é ERRADO, E O ERRADO É CERTO! Fica difícil! Pois eu, como professora, jamais levaria meus alunos para ver tal aberração! Isso não é arte! Isso é um estupro mental e um desrespeito a moral ética e cristã. Será que essas escolas que levaram essas crianças tiveram as assinaturas de autorização dos pais? Porque, se fosse meu filho, eu o tiraria na hora dessa escola!

Vou colocar uma flor na bunda e tirar um foto e vou ser aplaudido e chamado de grande gênio da arte :)

TODOS OS ENVOLVIDOS NESSES ATOS CRIMINOSOS, SEJAM ELES PUBLICOS E PRIVADOS, DEVERIAM SER DENUNCIADOS, PROCESSADOS, JULGADOS E CONDENADOS.

Na minha opinião como professora de Artes, esses "artistas" que gostam de causar demais só fazem isso porque não sabem fazer porcaria nenhuma, a estética deles são horríveis e o conceito das obras são péssimos e não possuem outro propósito além de horrorizar o público. Tantos verdadeiros artistas plásticos por esse nosso país que realmente possuem habilidades extraordinárias para pinturas, esculturas, desenhos e que não são reconhecidos, enquanto esses merdas querem nos forçar a aceitar tal exposição sem que fiquemos horrorizados e indignados pelo fato de o nosso dinheiro estar sendo usado para esse fim.

Fonte: Colagem elaborada pela autora, a partir da página do *YouTube* de Arthur do Val.

Figura 7: Comentários ao vídeo de Arthur do Val (entrevista) em sua página do *Facebook*.

De onde veio este povo escroto que invadiu o Brasil? E como foi que nós permitimos a eles a acenderem ao poder?

Estou completamente escandalizado!

Obrigado Arthur por defender a integridade do país. Onde estão os crentes, católicos e kerdicistas? Estão todos muito ocupados salvando a própria alma? Não existe mais uma consciência nacional para preservar a inocência e a integridade física e moral das crianças do Brasil?

5 ano(s) Gosto Responder

Louco existe pra tudo! Ninguém conseguirá controlar o que pessoas que se dizem artistas resolvem desenhar, criar ou fotografar...

Eu particularmente não chamo isso de arte, chamo de apelo a libertinagem, - sendo mais particular ainda - parece até pagamento de promessa ao demônio da crença cristã.

O ponto mais crítico desse fato lamentável é as autoridades não terem fiscalizado da forma correta... Ver mais

5 ano(s) Gosto Responder 1

Esse curador deve ser aluno de Dilma, pois percebe em suas palavras um pouco das palavras dos discursos de Dilma! 😂😂😂😂😂😂

E o pior de tudo que ele não se arrepende, e ainda afirma que estava certo no que ele fez! 800 mil para arte de vagabundos drogados? Ver arte de barriga vazia e morrendo na fila do hospital? Esse dinheiro poderia ir para os Hospitais Públicos de Porto alegre! BRASIL um País governado por canalhas! [#BolsonaroPresidente2018](#)

5 ano(s) Gosto Responder 1

Acho que arte não deveria ser usada pra blasfemar religiões. Mas como defendem que vale tudo e não pode ser censurada ou boicotada por mais torpe que seja, sugiro, no maior dos sentimentos democráticos, que o QueerMuseum e o Santander, incentivem uma exposição sobre Maomé, Alá ou a memória de Saladino. No mínimo aprenderiam o quão seletiva é a sua democracia ao sentir as diferentes reações entre esmurrar e chutar membros do MBL e um membro do ISIS.

Prometo que abriria uma conta no Santander se assim o fizessem. Difícil seria encontrar uma agência que não estivesse em pedaços.

5 ano(s) Gosto Responder 1

Não há mais limites para esse tipo de arte! Expor a figura de uma criança segurada por dois adultos, sendo violentada sexualmente por uma terceira e mais dois adultos assistindo a cena...e ainda tiveram a crueldade de acrescentar um ursinho largado no canto da parede...Chamam isso de arte???? Gente, quem tem crianças...pense seriamente nessa multidão que aplaude esse tipo de coisa...porque a situação é estarecedora! Parabéns MBL foi Brilhante a sua atuação!

5 ano(s) Gosto Responder 2

Eu amei a exposição do seu ponto de vista Artur além de claro objetivo foi muito coerente ao contrário desse esquerdopata, isso realmente deve ta virando doença não é possível. O cara Ainda enfatizou várias vezes q a "exposição era voltada para crianças e adolescentes... pedofilia, zoofilia, ainda em algumas imagens vi 2 pessoas brancas segurando 1 pessoa negra em atos sexuais (acho q um estupro) como se este fosse submisso... engraçado q tudo é racismo ainda não vi nenhum movimento reivindicar seus direitos

5 ano(s) Gosto Responder

Inacreditável... quem assistiu o Em Pauta da GloboNews hoje, 15 set, assistiu a um espetáculo deprimente. Simplesmente os jornalistas e comentaristas mostrando seu inconformismo com a "censura" imposta o que provocou o fechamento da exposição. Pasmem, as "obras" expostas foram comparadas às obras de Michelangelo. Mais, a convidada, apoiada pelos demais, dizia que o brasileiro precisa se acostumar, aceitar que o sexo é uma coisa boa, necessária, afinal, daí é que nascemos e as crianças podem sim, aprender com aquilo.

Realmente, aquelas bestas devem ter sido geradas mediante o cruzamento de humanos com animais e algumas imagens representavam o exato momento de suas concepções. Absurdos argumentos. Inadmissíveis. Toda a sorte de perversões tratadas como sexo saudável.

5 ano(s) Gosto Responder 1

Um tempo atrás, no tempo em que a humanidade almejava o Céu, a arte tinha a nobre missão de expressar, exaltar e até mesmo recriar e multiplicar o que há de bom e belo, elevando nosso espírito e nos remetendo às coisas do alto, a arte sacra nada mais era do que o reflexo da inteligência criadora do Pai celeste.

Porém, infelizmente, o que impera hoje em dia é a "arte moderna pós-cristã" que não tem por objetivo retratar o que há de bom e belo, mas sim chocar, escandalizar, desconstruir e "quebrar tabus", espalhando o que há de mais baixo, corrompido, sujo e decaído na natureza humana. Salvo raríssimas exceções, a arte moderna é, portanto, a exaltação do mau e do feio com ânimos destruidor em detrimento do bom e do belo criador.

5 ano(s) Gosto Responder 23

Fonte: Colagem elaborada pela autora, a partir da página do *Facebook* de Arthur do Val.

Tamanha indignação como essa demonstrada por Arthur Do Val tem associação direta com o discurso da extrema direita. Segundo Jaremtchuk e Miguel (2020), a campanha difamatória que foi propagada contra a *Queermuseu* também revela a distância entre grande parte da população brasileira e o acesso às artes, já que toda a indignação suscitada pelo caso se sustentava em um discurso moralista conservador, explorado pelos grupos extremistas de

direita, sem que houvesse contato direto do público com as obras, ou mesmo envolvimento com as prerrogativas da curadoria. Portanto, enfrentar essas questões estruturais preconceituosas se torna relevante para defender a liberdade de expressão no país.

Aproximadamente dois dias após as manifestações do Movimento Brasil Livre (MBL), contendo vídeos e fotografias da exposição, a *Queermuseu* foi fechada. Esse abrupto encerramento da mostra acarretou uma enxurrada de conteúdo midiático centralizado em dois posicionamentos contrários, um pró e outro contra a realização da exposição. Diante desse conteúdo imenso postado por diversas pessoas e grupos nas redes sociais após a repercussão do seu fechamento, pode-se cunhar o termo “fenômeno*Queermuseu*”, que diz respeito a gigantesca mobilização que o assunto despertou a nível nacional e até mesmo internacional, pois não havia jornal ou rede social que não mencionasse aos montes o episódio.

Embora o grupo conservador endossasse o discurso de “boicote” em uma tentativa de negar o termo “censura”, Gaudêncio afirma que ao reter as obras da exposição pelo período de trinta dias (nos quais a exposição permaneceu montada e sem acesso ao público), houve sim censura e explica que:

Aqui é importante salientar o porquê da atitude do Santander em reter as obras caracteriza um fato grave, com diversas consequências, entre elas, da própria censura. O Santander solicitou o empréstimo dessas 264 obras com o objetivo de organizar uma exibição pública, e estas foram gentilmente concedidas pelos emprestadores. Tal procedimento é realizado por meio de um protocolo internacional de empréstimo, realizado através de um *loan form* (formulário de empréstimo), um documento contratual que determina os requisitos necessários para o empréstimo (seguro, climatização, direitos de imagem e outras necessidades específicas de cada emprestador). Ao fechar a exposição, o Santander automaticamente cancela o contrato de empréstimo e subverte o objeto deste ao não devolver de imediato as obras aos seus emprestadores. Vale lembrar que inúmeras delas pertenciam a museus públicos, sendo que algumas estavam em exposição permanente. Mesmo obras pertencentes a coleções privadas deixaram de ser vistas ou emprestadas para outras exposições no período, inclusive muitas delas foram negociadas pela curadoria para serem exibidas na *Queermuseu* em vez de outras exposições (FIDELIS, 2018, p.23).

O curador se refere a essa suspensão da visibilidade como um “sequestro das obras” e afirma desconhecer qualquer outra exposição que tenha sido condenada *a posteriori* pela própria instituição que a promoveu e ressalta que ao inscrever o projeto da exposição na Lei Rouanet, o seu conteúdo havia necessariamente passado pelo crivo da instituição.

A direção do Santander na pessoa do seu Superintendente Carlos Trevi, em Porto Alegre, que é membro da CNIC – Comissão Nacional de Incentivo à Cultura, comissão que julga os projetos da Lei Rouanet, e a Vice-Presidência de Marketing, na pessoa do executivo Marcos Madureira, tiveram acesso ao conteúdo da exposição e a uma parcelada obras já no ano anterior à sua realização, bem como a lista completa de obras com fotos em alta resolução, em 03 de maio de 2017 (FIDELIS, 2018, p.23).

Nunca no Brasil havia se falado tanto em Lei Roanet. Milhares de pessoas bradavam na mídia questionando o uso da verba pública para uma “exposição como essa” e o grupo Santander decidiu devolver a verba de 800 mil reais captados pela Lei<sup>25</sup>. Parlamentares se pronunciaram sobre a exposição e seu encerramento na sessão plenária da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul na terça-feira seguinte ao seu fechamento<sup>26</sup> e ainda no dia 12 de setembro de 2017, o líder da bancada do PSDB, Lucas Redecker protocolou um projeto de lei que instituiu classificação indicativa em exposições, amostras e eventos culturais no âmbito do estado do Rio Grande do Sul<sup>27</sup>. No dia 13 de setembro de 2017, quarta-feira, na Comissão de Direitos Humanos, o promotor da Infância e Juventude de Porto Alegre, Júlio Almeida, afirmou não haver crime na exposição de arte cancelada pelo Espaço Cultural Santander antecipadamente<sup>28</sup>. No dia 14 de setembro, diante do requerimento protocolado pelo senador Magno Malta, solicitou-se que fosse ouvido o representante do Santander em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-tratos<sup>29</sup>. O senador, solicitou também o comparecimento compulsório dos presidentes dos Conselhos Federais de Medicina, de Psiquiatria e de Psicologia na CPI<sup>30</sup>. Na mesma semana foi indeferida liminar para reabrir a mostra *Queermuseu*<sup>31</sup>.

Na semana seguinte ao fechamento da *Queermuseu*, a exposição era manchete em todas as mídias. Ainda em setembro, o Ministério Público recomenda a reabertura da exposição, chegando à conclusão de que não havia indícios de pedofilia e zoofilia nas obras expostas. Fabiano de Moraes, procurador regional dos direitos do cidadão, em comunicado afirmou que o fechamento da exposição era prejudicial à liberdade de expressão artística<sup>32</sup>, mas mesmo assim, o Santander Cultural decidiu não reabrir a exposição.

Em outubro de 2017 começava a se materializar a ideia de novamente expor *Queermuseu* ao público e foi cogitado reabri-la no Museu de Arte do Rio (MAR), levando a

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/497338376/santander-promete-devolver-a-receita-dinheiro-de-exposicao-cancelada>>. Acesso em: set. 2022.

<sup>26</sup> Ver em Anexo I.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://al-rs.jusbrasil.com.br/noticias/497712609/redecker-protocola-projeto-que-institui-classificacao-etaria-em-eventos-culturais>>. Acesso em: set. 2022.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://al-rs.jusbrasil.com.br/noticias/498236494/assembleia-posiciona-se-quanto-a-polemica-exposicao-queermuseu>>. Acesso em: set. 2022.

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://senado.jusbrasil.com.br/noticias/498307106/cpi-dos-maus-tratos-quer-ouvir-representante-do-santander-sobre-exposicao-de-diversidade-sexual>>. Acesso em: set. 2022.

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://senado.jusbrasil.com.br/noticias/498815868/cpi-dos-maus-tratos-quer-convocar-conselhos-de-medicina-psiquiatria-e-psicologia>>. Acesso em: set. 2022.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/499156529/indeferida-liminar-para-reabrir-mostra-queermuseu>>. Acesso em: set. 2022.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1922753-ministerio-publico-recomenda-a-reabertura-da-exposicao-queermuseu.shtml>>. Acesso em: set. 2022.

exposição para o Rio de Janeiro, mas essa possibilidade foi rapidamente rejeitada pelo então prefeito da cidade Marcelo Crivella, que se pronunciou: “Saiu no jornal que vai ser no MAR. Só se for no fundo do mar”<sup>33</sup>. Diante da recusa do evangélico, inicia-se a campanha mais bem sucedida de *crowd funding* (financiamento coletivo) já realizada no Brasil até então, com a mobilização da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Com o engajamento de diversas pessoas ligadas ao universo da arte, foram arrecadados R\$1.081.176,00. Para Fidelis essas não foi apenas uma campanha de financiamento coletivo, mas uma tomada de decisão política diante do obscurantismo:

Durante a jornada de preparação para a reabertura desta exposição pela sociedade, contamos com o apoio de diversos agentes do campo da cultura, do universo das escolas de samba, de representantes de rodas de jongo, de artistas, galerias de arte, patronos, alunos, colecionadores, militantes, ativistas e membros das causas e comunidades LGBTI+, profissionais da imprensa, do movimento social organizado e amplos setores da sociedade para juntos, darmos uma resposta de impacto, marcando em definitivo uma tomada de posição em favor da democracia plena. A EAV transformou-se, assim, nesse centro catalizador contra a censura e em favor da liberdade de expressão (...) (FIDELIS, 2018, p.9).

A campanha contou com o engajamento do movimento **#342, 342 – Artes – contra a censura e difamação**, formado por um grupo de artistas brasileiros com a intenção de combater a criminalização e a censura às manifestações artísticas e culturais por grupos conservadores. Foi realizado um leilão com obras doadas diretamente por 81 artistas. Caetano Veloso chegou a realizar um show beneficente no Parque Lage para a *Queermuseu*, representando um impulso enorme para a campanha. Lula Buarque de Holanda, cineasta, produziu o vídeo da campanha. É importante ressaltar que todas as participações foram voluntárias.

Para Ana Paula Moritz, a decisão de encerrar, fechar ou censurar a exposição impossibilitou a realização de qualquer diálogo ou debate: “Todas essas relações tensionadas dentro de um centro cultural e de uma exposição de arte questionadora e provocadora foram impedidas de se desenvolver” (MORITZ, 2018, p.33).

E ainda em relação ao pronunciamento do grupo Santander, a pesquisadora questiona o objetivo da instituição que seria *incentivar as artes e promover o debate sobre as grandes questões do mundo contemporâneo e elevar a condição humana*, mas contraditoriamente “[...] ao invés de promover o debate sobre as questões que ecoaram a partir da mostra, a atitude de encerrá-la buscou também encerrar o debate” (p.35), fazendo assim com que a instituição saísse

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/crivella-sobre-queermuseu-no-rio-so-se-for-no-fundo-do-mar>>. Acesso em: set. 2022.

do foco da polêmica se consolidando como “[...] um espaço politicamente neutralizado e sujeito às formas de dominação econômica e ideológica na qual o dissenso e o debate não podem ocorrer livremente” (p.34). Sendo assim, uma interpretação possível para as manifestações em decorrência da exposição *Queermuseu*, seria que supostos tabus representados pelas obras são intoleráveis para a sociedade, embora a mesma reconheça sua existência enquanto se nega a encará-la.

A pesquisa da Ana Paula Moritz é extremamente importante, em primeiro lugar por seu conteúdo e em segundo lugar porque ela acompanhou a “reabertura” da mostra no Parque Lage e entrevistou espectadores e funcionários da exposição:

Conversamos com funcionários da segurança, todos de uma empresa terceirizada, perguntamos se estavam dispostos a falar (com anonimato garantido), se tinham visto a exposição e o que tinham achado dela. Quatro funcionários se dispuseram a falar, os outros, sob alegação de estarem em horário e ambiente de trabalho, preferiram se eximir. As respostas que obtivemos eram, em sua grande maioria, tímidas. Uma funcionária que estava na porta da sala principal disse que não tinha conseguido ver a exposição por conta do horário de trabalho, disse que ‘viu rápido’ e quando questionada sobre o que tinha achado do que tinha visto, respondeu: ‘fiquei um pouco chocada com a imagem de Cristo, (do artista Fernando Baril, que estava logo na entrada da sala principal) mas não tenho nada contra’ Dois funcionários estavam juntos na entrada da terceira sala, ao que nos aproximamos e perguntamos se eles topariam responder algumas perguntas, um deles ficou visivelmente incomodado e preferiu não falar, enquanto o outro, bastante animado, disse que tinha visto a exposição e que tinha achado ‘show de bola’. Um outro funcionário, o mais marcante, estava na porta da sala que a obra de Adriana Varejão, uma das que gerou mais polêmica, estava exposta. Ao perguntar ao rapaz se ele tinha visto a exposição, ele respondeu que ‘sim, duas vezes’. Ao que então perguntamos o que ele tinha achado, e ele responde: ‘da primeira vez eu vi sozinho e não tinha gostado muito não, mas da segunda vez vi com os monitores do educativo explicando, foi totalmente diferente, eu consegui entender melhor as coisas e foi muito melhor e mais legal’ (MORITZ, 2018, p.54).

Diante dos relatos, a pesquisadora destaca a grande importância dos mediadores ao apresentarem novas possibilidades e perspectivas em relação às obras, e observa que na mídia eram disponibilizados diversos conteúdos em que as palavras *arte*, *artística* e *obra de arte* eram colocadas entre aspas, desqualificando o possível diálogo dessas obras e concedendo-lhes um aspecto pejorativo, além de implicitamente apresentar a questão já superada; “isso é arte?”.

Essa questão remete ao que abordou Pierre Bourdieu (1989), de que existem produções simbólicas, nesse caso a arte, usadas como instrumentos de dominação, que cumprem uma função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, contribuindo para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica). Agem como cultura que separa, como instrumento de distinção, que legitima as distinções compelindo todas as demais culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação

à cultura dominante. Ou seja, a classe dominante determina o que é e o que não é arte, em um movimento para subjugar a arte produzida que, de alguma forma, a ameaça. Trata-se de uma forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, que tem a função de perpetuar barreiras simbólicas no sentido de oprimir determinados grupos, coibindo suas formas de se expressar.

Obviamente é pertinente tratar das características estéticas das obras, do seu contexto de criação, da trajetória do artista que propõe um novo diálogo a partir da elaboração de determinada materialidade, mas há também o caráter ativista que pode possuir tal criação; o ativismo artístico propõe uma articulação entre as questões relevantes para a sociedade e para o cenário das lutas sociais já que a arte pode ser considerada como um dispositivo de enfrentamento:

(...) a capacidade libertária da Arte, no sentido da fruição da subjetividade e da exploração da própria humanidade do ser, jaz na sua característica peculiar de transcender os constructos sociais imperativos e deslocar a experiência da sociabilidade hegemônica. Ou seja, a Arte é política. (PEDRONI, 2019, p.26).

O segundo semestre de 2017 foi palco de diversas polêmicas envolvendo manifestações artísticas e intelectuais. Um vídeo bastante difundido na época mostrava uma performance realizada no MAM – Museu de Arte Moderna em São Paulo que tratava-se de *La Bête*, que será apresentada com mais detalhes no próximo capítulo, onde o artista Wagner Schwartz encenava uma apropriação da obra *Bicho* de Lygia Clark em que o “artista-bicho” fica vulnerável e disponível ao manuseio por parte dos espectadores durante aproximadamente 40 minutos. A parte da performance que foi viralizada nas redes sociais mostra uma criança tocando o tornozelo do artista que estava nu.

Ainda em setembro uma apresentação da peça *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu* que seria realizada no Sesc Jundiaí em São Paulo foi cancelada por uma liminar<sup>34</sup>. O monólogo, escrito por uma transexual inglesa, Jo Clifford, aborda a maneira como ela resolveu lidar com a religião após a mudança de sexo. Em novembro do mesmo ano a filósofa americana Judith Butler, uma das principais teóricas do movimento feminista e da teoria *queer*, foi

---

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1919033-peca-com-transexual-em-papel-de-jesus-e-cancelada-apos-decisao-judicial.shtml>>. Acesso em: out. 2022.

hostilizada em sua viagem ao Brasil<sup>35</sup>, acusada de promover uma ideologia nefasta que têm por objetivo acelerar o processo de corrupção e fragmentação da sociedade<sup>36</sup>.

Segundo Maria Marta Martins o discurso que se instaurou ao redor da mostra *Queermuseu* e se difundiu pelas redes sociais em defesa da infância e da família é uma estratégia que objetiva demarcar posições político partidárias que têm por finalidade fortalecer a ala conservadora de direita “à custa de um discurso de demonização da esquerda ‘libertina’ que dissemina a desordem, a imoralidade e a perversão, sem mesmo poupar as crianças” (MARTINS, 2020, p.57), desconsiderando inclusive as mudanças nas condições de existência e de funcionamento dos núcleos familiares contemporâneos.

Atualmente, observa-se um discurso político de “ordem”, com apelo ao retorno dos valores conservadores da moral, dos bons costumes e da “família tradicional brasileira”.

A verdade que o golpe de minoridade que a direita conservadora capitalista tentou forjar (e parece ter conseguido) é a de que a esquerda, tomada como comunista e imoral, badernou a vida da sociedade brasileira e somente a direita pode colocar a “casa em ordem”, opondo-se a tudo que foi construído nos governos do PT. Com o intento de deixar claro que o país caiu na desordem e na libertinagem, nenhuma oportunidade de manipular e distorcer fatos da realidade é desperdiçada. Como exemplo, temos a repercussão do clamor criado ao redor da mostra censurada, em defesa da criança vítima de pedofilia e de prostituição infantil e contra a devassidão que tomou conta da política brasileira e vitimou toda a população, em especial a criança. (MARTINS, 2020, p.59).

Em sua tese; *O discurso bolsonarista e a desconstrução do Brasil*, Frederico Campean (2019) apresenta o governo Jair Bolsonaro como contraditório, com um discurso extremista em relação a qualquer oposição e aos direitos das minorias. Campean parte das reflexões de Umberto Eco, que discorre sobre as características do que o italiano chama “fascismo eterno” ou “Ur-Fascismo”, para propor uma analogia entre o governo brasileiro e cita algumas características que seria comum a ambos, entre elas estão: o culto da tradição, irracionalismo, aproveitamento das frustrações individuais e sociais, elitismo, a formação de uma mitologia em torno da ideia de herói, o machismo, entre outras. E sobre o lema bolsonarista “*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!*”, destaca que está implícito nessa fala, além do que diz respeito à família, a dignidade, a correção, a submissão e a moral (em consonância com o discurso evangélico), a supressão de direitos da minoria.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/do-psol-a-militante-conservadora-a-mulher-que-hostilizou-butler>>. Acesso em: out. 2022.

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/11/07/judith-butler-bruxa-manifestacoes-sao-paulo-ideologia-genero>>. Acesso em: out. 2022.

Um governo que já em seu lema falava pela voz do conservadorismo contrário a grupos minoritários e alvos de opressão. Neste discurso a palavra Deus se opõe a: homossexualismo; religiões afro-brasileiras; liberdade de pensamento; esquerda; comunismo; Direitos Humanos, etc. Como já disse se trata de uma “apropriação linguística”, de grande força simbólica, aqui, Deus não é a paz ou a união, muito menos a tolerância ou o acolhimento. O vocábulo é ressignificado para fazer relações discursivas de oposição. Por exemplo: Deus – ente supremo contrário às práticas “pecaminosas” – Logo, Deus, contrário ao Homossexualismo. Onde contrário ao homossexualismo é contrário ao ser homoafetivo em si. Jogando com a religião para condenar uma prática sexual própria da natureza e que é erroneamente recriminada e considerada, contrariando todos os modernos estudos e as mais antigas culturas, como “contrária à natureza”, imoral. (CAMPEAN, 2019, p.129).

Cabe destacar que o então presidente Jair Messias Bolsonaro, desde sempre, em sua trajetória política e social defendeu a tortura, demonstrou aversão aos Direitos Humanos, se posicionou contra os direitos das minorias e possui diversas falas que enaltecem a violência contra as mulheres, a homofobia e o racismo. Exemplos de suas falas homofóbicas são: “Ninguém gosta de homossexual, a gente suporta”<sup>37</sup>, “Sou homofóbico, sim, com muito orgulho.”<sup>38</sup>, “Pautas LGBT destroem a família”<sup>39</sup> ou ainda “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”<sup>40</sup>, “O filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele”<sup>41</sup>, “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim elevai ter morrido mesmo”<sup>42</sup>, “A sociedade é ofendida, a família é ofendida. A sociedade é conservadora. Eu considero agressivo. Lógico que me incomoda. Família gay não existe”<sup>43</sup>... entre tantas outras falas emblemáticas.

Uma sociedade que elege esse tipo de representatividade não pode se furtar de ser pensada como uma sociedade homofóbica e machista que está muito longe de deixar de considerar a heterocisnormatividade como regra e naturalizar a exclusão e a discriminação da minoria não englobada por ela.

Para concluir esse debate, cabe citar novamente Ana Paula Moritz (2018), que apresenta o conceito de guerra cultural como dois conjuntos morais que se contrapõem, sendo um

<sup>37</sup> Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/30/interna\\_politica,1318523/bolsonaro-ninguem-gosta-de-homossexual-a-gente-suporta.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/10/30/interna_politica,1318523/bolsonaro-ninguem-gosta-de-homossexual-a-gente-suporta.shtml)>. Acesso em: abr. 2022.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video>>. Acesso em: abr. 2022.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://spbancarios.com.br/01/2022/jair-bolsonaro-afirma-pautas-lgbt-destroem-familia>>. Acesso em: abr. 2022.

<sup>40</sup> Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna\\_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml)>. Acesso em: abr. 2022.

<sup>41</sup> Ibid.

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/jair-bolsonaro-como-ele-reagiria-se-tivesse-um-filho-gay>>. Acesso em: abr. 2022.

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/100-frases-homofobicas-jair-bolsonaro>>. Acesso em: abr. 2022.

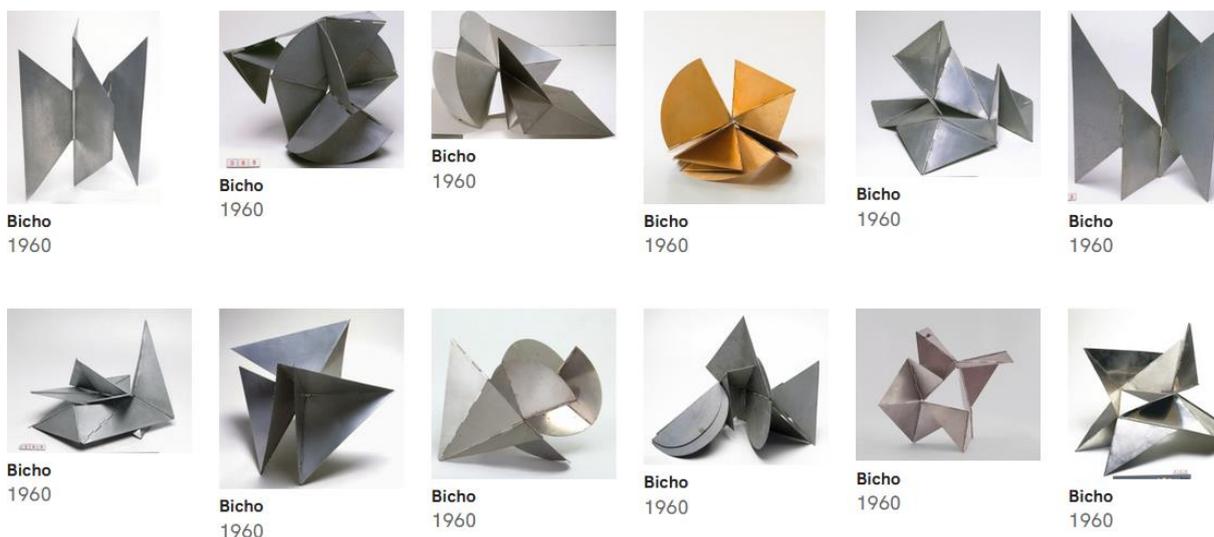
progressista e o outro ortodoxo, que tomam conta do espaço público na forma de disputa de opiniões contrárias. Nesse sentido é necessária uma reflexão apartidária sobre os caminhos para os quais rumam a história brasileira. Sabe-se ser possível adotar diversas perspectivas para repensar esse cenário de fragmentação. Dessa maneira, pode-se partir de uma perspectiva econômica, histórica, política, filosófica, sociológica dentre tantas outras, além da perspectiva artística. Diante do exposto, pode-se considerar que o episódio *Queermuseu, La Bête* e seus desdobramentos também possibilita remontar a trajetória recente desse duelo de narrativas contemporâneo, sendo possível partir do posicionamento crítico do sujeito como espectador da mostra para traçar seu posicionamento ideológico.

### 3 LA BÊTE E A PERFORMANCE COMO LINGUAGEM

#### 3.1 OS BICHOS DE LYGIA CLARK

Dias após *Queermuseu* ter sido polemizada, foi a vez de olhares furiosos se voltarem para a performance *La Bête*, de Wagner Schwartz, realizada no MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo no dia 26 de setembro. A performance foi criada a partir de uma leitura da obra *Os Bichos* de Lygia Clark. Produzida de 1960 a 1964, *Os Bichos* (Figura 8) são compostos por bioformas de alumínio ou folha de flandres, inteiriços ou dobradiços, que se movimentam quando tangidos, ou seja, podem/devem ser manipulados.

Figura 8: *Bichos*, de Lygia Clark.



Fonte: Portal Lygia Clark<sup>44</sup>.

Segundo informações do Portal Lygia Clark<sup>45</sup>, a exposição os *Bichos* (que requerem a coparticipação do espectador, para sua manipulação) obteve um grande êxito e gerou numerosas críticas positivas na imprensa. Para Mario Pedrosa (2006), Lygia Clark revolucionou a arte:

A entrada de Lygia Clark na arena da arte, onde a distância psíquica entre a obra e o espectador (condição que até bem pouco tempo parecia indispensável ao entendimento da obra) foi suprimida, não é de agora nem veio de supetão. Surgiu ao longo de todo um processo, no curso do qual a artista foi, de tateio em tateio, encontrando seu caminho, descobrindo o que procurava, alterando seu conceito de arte, modificando seu modo de viver. [...] Desde que recomendou que se tocasse nas suas “obras de arte”, isto é, nos seus “bichos”, seu ideal ou seu compromisso não é

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://portal.lygiaclark.org.br/obras/55680/bichos>>. Acesso em: fev. 2023.

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://portal.lygiaclark.org.br/linha-do-tempo>>. Acesso em: fev. 2023.

mais formal-artístico, mas estético-vital. Não é nem mesmo a arte, que ela reverencia ou que quer, mas o comportamento diante da existência, a ação totalizadora da vida, a força catalizadora de uma atividade criativa que no universo une, reúne, funde esse lado e o outro lado, o antes e o depois, o baixo e o alto, o ontem e o amanhã, naquilo que Husserl chamou “o campo da presença eterna” (PEDROSA, 2006, p.29).

Para Rolnik (1999, p.2), a paisagem com a qual a obra de Lygia Clark dialogava era com a de libertação do objeto de arte de sua inércia formalista e de sua aura mitificadora, ao criar objetos vivos, “[...] nos quais se pudesse entrever as forças, a processualidade incessante, a potência vital que a tudo agita”.

Através dos bichos, Lygia opera na dimensão espaço-temporal. Ou seja, não se trata mais de um espaço contemplativo, mas sim de um espaço circundante. Ao criar um espaço interior “vivo”, com os bichos, Lygia resolve a dialética do dentro e fora, do avesso e direito, pois os bichos deixam-se ser penetrados pelo espaço circundante. A artista convida o espectador a mover as partes do bicho que, por sua vez, lhe devolve uma multiplicidade de combinações improvisadas no aqui/agora. O bicho não é estático e está sempre se fazendo no instante em que o espectador exerce sua ação (CARVALHO, 2011).

Segundo Ricardo Fabbrini (2013), o bicho nunca é o mesmo pois se renova através da manipulação do espectador, ou ex-espectador (agora participante). É uma máquina de construir espaços imprevistos, que uma vez manipulada se abre a uma nova constelação de formas, sombras e reflexos construindo uma nova realidade espacial; “um corpo a corpo entre duas entidades vivas”, como dizia Lygia Clark. Sendo assim, a participação frente ao bicho não se limitaria ao breve contato ou à manipulação superficial já que para movimentá-lo seria necessário um efetivo movimento corporal; o gesto, que nesse caso seria se assemelha mais a “um comportamento”. Ainda segundo Fabbrini, a diferença entre a participação requerida pelo Bicho e pela arte cinética do período não reside apenas na intenção da força mecânica necessária para que a obra se movimente, mas no tipo de participação do corpo – e de reação da forma – envolvidos no processo de manipulação.

### 3.2 LA BÊTE

*La Bête* é o nome dado a uma performance criada por Wagner Schwartz, que é um premiado artista brasileiro, performer, coreógrafo e escritor. Em *La Bête*, há a manipulação de uma réplica de plástico de uma das esculturas da série *Bichos*, de Lygia Clark (Figuras 9 e 10).

O objeto permite a articulação das diferentes partes do seu corpo através de suas dobradiças e o público é convidado a participar.

Figura 9: *La Bête*.



Fonte: SCHWARTZ.<sup>46</sup>

Figura 10: *La Bête*.



Fonte: TIBURI, 2019.

*La Bête*, desde 2005, foi apresentada diversas vezes no Brasil e na Europa. Wagner Schwartz, em entrevista a Eliane Brum<sup>47</sup> do jornal El País, em 2018, relata que a performance

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.wagnerschwartz.com/la-b-te>>. Acesso em: fev. 2023.

<sup>47</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964\\_080093.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html)>. Acesso em: nov. 2022.

surgiu no momento em que se depara com uma das esculturas “*Bichos*” de Lygia Clark exibida em uma caixa de vidro em Paris:

Ela era feita de metal. Era maior que minhas mãos. Tinha por volta de oito partes, planas e pontiagudas como golas de camisa, envelhecidas pelo tempo. Na França, os Bichos podem ser chamados de ‘Bêtes’

Quando foram criados, na década de 1960, os Bichos permitiam a articulação das diferentes partes do seu corpo através das dobradiças. Nas exposições, eles somente realizariam a sua função como obra de arte quando houvesse participação do público. Em 2005, ao ver um Bicho preso, prometia ele e a mim mesmo que iria retirar seu corpo de dentro daquela caixa de vidro, para que a relação entre o objeto e as pessoas fosse retomada.

Lygia Clark dizia que um Bicho era um organismo vivo, uma obra essencialmente atuante. Entre o público e ele se estabelecia uma integração total, existencial. Na relação entre ambos não havia passividade, nem do público, nem do objeto. Nesse contato produzia-se uma espécie de corpo a corpo entre o que ela nomeava como ‘duas entidades vivas’: o Bicho e aquele que o dobra e desdobra.

Os Bichos não foram concebidos para serem observados, mas para serem manipulados. Clark considerava a ação das pessoas que formam um público tão importante quanto suas esculturas. No momento em que um Bicho é fechado dentro de uma caixa de vidro, desconsidera-se a ação da pessoa, desconsidera-se uma parte da obra, desconsidera-se uma das partes dos Bichos.

À vista disso, eu me senti trancado. E, de fato, precisava encontrar uma forma de transformar a sensação de ter sido preso. Seria impossível, no entanto ‘soltar’ aquela escultura da caixa de vidro, já que eu não podia adquirir um original. Para que seus movimentos voltassem, pensei, eu, deveria me tornar um Bicho. Comprei uma réplica de plástico e criei (a performance) *La Bête*.

Segundo a própria Lygia Clark, essas esculturas têm um caráter orgânico, as dobradiças que unem seus planos lembram uma espinha dorsal. Quando perguntavam a ela quantos movimentos um Bicho pode fazer, ela respondia: ‘Eu não sei, você não sabe, mas ele sabe’. Clark criou uma relação simbólica entre as articulações do objeto e as do corpo humano. Imaginei que, artisticamente, poderia ser interessante dar vida a essa associação.

Em *La Bête*, tenho a réplica de um Bicho nas mãos. Coloco essa réplica no chão. Ajoelho, deito, sento ao seu lado. Dobro e desdobro suas extremidades em silêncio. Depois de algum tempo, como quem não quer continuar a manobra sozinho, pergunto ao público, até então espectador: ‘Alguém quer tentar?’. Ofereço então meu corpo aos presentes, como a réplica da réplica de um Bicho de Lygia Clark.

Porém, após um vídeo fragmentado e descontextualizado da performance viralizar nas redes, Wagner Schwartz foi hostilizado, não só virtualmente: A performance chegava ao fim quando uma amiga que o artista não via há algum tempo, Elisabete, se aproximou com sua filha para participar da apresentação. A menina tocou o artista como parte da proposta da obra e isso foi o suficiente para Wagner ser previamente condenado como pedófilo.

Grupos ligados a movimentos extremistas de direita promoveram protestos diante do museu com a adesão de internautas enfurecidos que clamavam pelo retorno da moral e dos bons costumes, por uma sociedade digna do ‘cidadão de bem’. O curador da mostra, Luis Camilo Osório, foi ameaçado e no dia 30 de setembro, em uma manifestação contra a performance, a assessora de imprensa do MAM, Roberta Montanari, foi agredida com um soco.

Wagner Schwartz narra que, após o encerramento da performance, percebeu que o marido de Elisabete estava inquieto ao telefone, foi quando soube que um vídeo recortado da performance havia sido viralizado na internet. O vídeo mostrava a filha do casal (sem a proteção de sua identidade) interagindo com a obra. Ainda no mesmo dia, ao entrar em um taxi, o artista verificou em seu celular um grande número atualizações e mensagens de ódio, nas quais era chamado de pedófilo, além de ameaças.

O ex-presidente Jair Bolsonaro, à época ainda deputado federal em campanha presidencial, se aproveitou da situação e fez uma postagem em sua conta do *Facebook*<sup>48</sup>, condenando a obra, como mostra a Figura 11, o que ganhou milhares de curtidas e comentários de apoio (Figuras 11 e 12).

Figura 11: Postagem no *Facebook* de Jair Bolsonaro sobre *La Bête*.

**Jair Messias Bolsonaro** · Seguir · 28/09/2017

- Cenas que revoltam... uma criança é estimulada a tocar homem nu "em nome da Cultur... Ver Mais

Há muitos anos atrás falei: estão escancarando as portas para a pedofilia! Só não vê quem não quer ou compactua!

5 ano(s) Gosto 15 m

**Carlos Bolsonaro** @Carlo... · 5 min

Não tenha dúvidas, um dos próximos passos da esquerda no Brasil é tentar legalizar a pedofilia! Tomem conta de seus filhos!

5 ano(s) Gosto 6,7 m

Eu venho dizendo isso há pelo menos uns 4 anos: o lobby pedófilo está avançando no Brasil, com ares de bom mocismo acadêmico e inocência à la Jardim do Éden, e farão do Brasil terra arrasada se a população não se revoltar contra esses homens-demônio.

5 ano(s) Gosto Responder 9

Engraçado pelo que vi no vídeo a criança está constrangida e os adultos não estão, esses adultos devem ser igual Jean Willians tudo doente onde já se viu deixar uma criança fazer isso?!

5 ano(s) Gosto Responder 13

Quem acha isso engraçado nao tem filho em casa, a irresponsável da pessoa q fala q e mãe. Me inoja ver q os Direitos da familia da lei e dos bons principios nao sao mas prioridade, decência, vergonha na cara, ja nao sao mas valorizados. Isso nao e arte isso falta de vergonha na cara de respeito com essa criança, e biblico que o pais nao veja a nudes dos filhos e nem o filhos do pais. Agora vem com essa, cade os direitos das crianças...

5 ano(s) Gosto 39

Já que parece que a lei não aplica-se quando o assunto é "Arte", que tal esses "artistas" comecem a tomar umas porradas em nome dela?

Não poderemos ser presos, uma vez que estaremos fazendo "arte" também... "arte medieval". Chique, não?!

5 ano(s) Gosto Responder 60

Bolsonaro, lembro de quando você falava que futuramente estariam escancarando as portas pra pedofilia e olha o que acontece! Essa esquerda é canalha demais, nem as crianças estão perdendo! Espero que quando o senhor for o presidente do Brasil, dê um jeito nisso, pois está difícil aguentar.

5 ano(s) Gosto Responder 52

Cadê os pais dessa criança!? O Conselho tutelar vai muito na casa de pobre tirar os filhos por menos do que isso, será que vão tirar essa criança desses pais, irresponsável!? Quantas crianças são abusadas nesse país, que triste!

5 ano(s) Gosto Responder 10

Desculpa mas não entendi nada!!! Em nome de q cultura?? Um homem deitado nu uma criança em volta gatinhando, alguém sabe explicar oq tava acontecendo ali? Pq não vi nada de cultura, teatral, produtivo, relevante. Isso não é nem liberdade de expressão!

5 ano(s) Gosto Responder 13

Chega! Agora tudo foi passado dos limites, estragou minha noite, sinto ânsia de vômito, sabendo que esses estão aí, livres e soltos pervertendo e destruindo gerações. Não achava que seria necessário, mas os militares tem que tomar esse país e restaurar a ordem e valores. É o único jeito.

5 ano(s) Gosto Responder 33

Eles lutam pela desconstrução total da família e da sociedade tradicional... Sodoma seria festa de criança perto dessa sociedade de esquerda corrompida e depravada! Povo asqueroso! Canalhas!

Fonte: Colagem elaborada pela autora, a partir da página do *Facebook* de Jair Bolsonaro.

Figura 12: Comentários à postagem no *Facebook* de Jair Bolsonaro sobre *La Bête*.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://fb.watch/je7C4d8LuZ>

## 40 Razões pra votar em Bolsonaro:

- 1- Pablo Vittar deixará o Brasil caso Bolsonaro seja eleito Presidente (boatos)
- 2- O Lula odeia ele
- 3- A Dilma odeia ele
- 4- A Maria do Rosario odeia ele
- 5- O Jean Willys odeia ele
- 6- O Ciro Gomes odeia ele
- 7- O PT e o PSDB odeia ele
- 8- O Aécio odeia ele
- 9- O PSOL odeia ele
- 10- O STF odeia ele
- 11- A GLOBO odeia ele
- 12- A RECORD odeia ele
- 13- O FHC odeia ele
- 14- ele é cristão ;
- 15- é militar;
- 16- é honesto;
- 17- fala a verdade doa a quem doer;
- 18- é armamentista;
- 19- defende a família e os bons costumes;
- 20- é contra a legalização das drogas;
- 21- é de direita;
- 22- tem os melhores projetos para segurança pública;
- 23- é a favor da diminuição da maioridade penal;
- 24- é totalmente contra o fim da PM;
- 25- é contra a legalização do aborto;
- 26- defende um País com mais setores privados e menos estado;
- 27- menos interferência do estado na vida das famílias;
- 28- é favor do aumento de pena para menores e castração química para estupradores;
- 29- apoia o fim do MST e sindicatos pelegos e subservientes;
- 30- é contra a ideologia de gênero e kit gay nas escolas;
- 31- é contra a lei de migração;
- 32- é contra o bolivarianismo
- 33- o único que tem ideias para geração de empregos, usando os minérios que existem em abundância no Brasil ;
- 34- projetos pra criar excludentes de ilícitude, com objetivo de proteger o cidadão de bem e a policia;
- 35- nunca teve seu nome envolvido em corrupção;
- 36- é a favor de trabalho forçado pra criminosos;
- 37- é contra doutrinações nas escolas;
- 38- contra a implantação de religiões anti-cristãs nas escolas;
- 39- esta preocupado com as escolas e hospitais, não com presídios.
- 40- não vai sustentar ONGs que defendem a bandidagem.

5 ano(s) Gosto Responder 137

E depois a GloboNews vem falar da reação exaltada das pessoas contra essas barbaridades como se nós fossemos os extremistas e preconceituosos.

5 ano(s) Gosto Responder 28

Quero chamar atenção aqui para o povo paulistano. Cadê o prefeito de SP [João Doria](#) que disse em campanha que seria à favor do Escola Sem Partido, ou seja, CONTRA a ideologia de gênero que é o que está levando a toda essa degeneração com nossas crianças? ??

Não vejo os eleitores cobrarem ele, e muito menos vi a senhora [Carla Zambelli](#) que fez Live com ele e disse que ia cobrar caso o prefeito fosse eleito, até hoje, nenhuma cobrança. NADA.

Acorda, minha gente. Chega de demagogia, ele não fala em assuntos polêmicos como esse que atinge a família tradicional e os cristãos, que são MAIORIA no país.

5 ano(s) Gosto Responder 59

Se repararem a criança logo tenta sair fora, toca nas pontinhas dos dedos da mão nitidamente constrangida (afinal é um homem pelado deitado. Nada de arte.) Mas a "artista" induz ela a voltar a mexer no cara (provavelmente torcendo para uma menina mexer no "desconhecido") mas aí ela mexe no pé e tchau né... E o otário lá atrás a parabeniza pra incitar o q? Que é certo uma menina interagir com um corpo de um adulto nu??? Precisamos de um homem de verdade no poder e com poder pra acabar com essa nojeira no país.

5 ano(s) Gosto Responder 71

Não é possível que achem isso CULTURA! Ato de pedofilia explícita, onde que uma criança vai brincar com o corpo de um homem nu? Cadê as autoridades para prender esse bando de pedófilos esses CANALHAS???

5 ano(s) Gosto Responder 8

Eles estão chegando na reta final. Acelerando a agenda sem descanso já sabendo que o "start" do despertar da intervenção militar está tomando rumo. É melhor o povo acordar bem rápido senão será tarde demais. FFAA Neles!!!! E Bolsonaro na presidência pós intervenção.

5 ano(s) Gosto Responder 42

Vivemos numa época complicada. Querem que os padres se casem e que os casados se divorciem. Querem que os héticos morem juntos, sem se casar, e os homossexuais se casem na igreja. Querem que as mulheres se vistam como os homens, e os homens como as mulheres.

Não há vagas para os doentes nos hospitais, mas há incentivo e patrocínio pra quem quer fazer mudança de sexo. Ser a favor da religião é ditadura, mas urinar em cima dos crucifixos é liberdade de expressão. Se isso não for Fim dos tempos, deve ser o ensaio.

5 ano(s) Gosto Responder 86

E impressionante a tara que essa esquerda iMunda tem por crianças. Tarados nojentos

5 ano(s) Gosto Responder 164

Eu como Pai de uma princesinha de 5 anos, mora comigo é meu maior tesouro, eu NUNCA vou aceitar isso numa escola, isso é o lixo de Cultura que estão querendo sabotar em nosso país.

5 ano(s) Gosto Responder 97

Você leva uma criança para tocar um homem nu, quando um pedófilo vir até ela mostrando as partes íntimas e pedindo para ela tocar ela não saberá o que é certo ou errado. Como isso pode acontecer? Um absurdo, um abuso, um lixo. Nojo.

5 ano(s) Gosto Responder 97

Ridículo, obsceno. Isso sim não é estupro de vulnerável??? constranger, instigar uma criança a fazer algo do qual não tem entendimento . Absurdo !!!!

5 ano(s) Gosto Responder 36

Em nome da cultura? Um homem nu deitado no chão?! Que arte cultural é essa?! Tá precisando de umas chibatadas nas costas, para aprender a respeitar as nossas crianças!

5 ano(s) Gosto Responder 26

Em nome da "cultura" coisas absurdas serão expostas como "cool", protexo contra à "caretime", não importa se isso venha ferir, leis menores ou mesmo à CF, em nome da cultura Cristãos serão decapitados, estupradores e genocidas exaltados, pedófilos aceitos, tais como canibais, necrófilos e demais escórias do mundo, qualquer coisa pode "ser" arte, porém arte "não" pode ser qualquer coisa...

5 ano(s) Gosto Responder 32

Isso jamais será arte, é pedofilia escancarada!

Os pais dessa criança devem perder a guarda da filha, se permitem isto, imagine só o que essa criança passa. Além disso todos devem ser presos, é um antro de doentes querendo dizer que são visionários!

5 ano(s) Gosto Responder 9,4 m

Se continuar a deixar esses canalhas considerar isso arte não quero saber o que vai ser do futuro, isso tem que acabar, chega dessa corja esquerdista doente!!

5 ano(s) Gosto Responder 162

Não podemos nos contentar apenas com a Presidência, precisamos vencer a Guerra Cultural também. Esquerdistas não tem valores morais, farão QUALQUER coisa para não perder o poder.

#EsquerdismoDoe

5 ano(s) Gosto Responder 27

REVOLTA É POUCO...horrorizando as nossas crianças e ainda somos obrigados a chamar isso de arte? CANALHAS...VERMES ASQUEROSOS...E ainda tem quem defende essa imundície! E NEM ADIANTA VIR COM JUSTIFICATIVAS...Não há nada...absolutamente nada...NADAAAA...que justifique essa imoralidade com uma criança...NADAAAA!!! Escrevo onde tiver que escrever...falo onde tiver que falar...MEU VOTO É DE BOLSONARO...e quem não gostar...bata a cabeça na parede de revolta....

5 ano(s) Gosto Responder 723

E irão alegar que é cultura, tudo falam que é cultura cambada de canalhas safados!!! E os pais dessa criança ? Deviam responder processo por apologia a pedofilia!!!

5 ano(s) Gosto Responder 6

...se umas desgraças dessas se expõe para uma filha ou filho meu, eu encho de bala! Canalhas, pederastas, pedófilos, esquerda maldita emboscando crianças para que sejam depravados e vagabundos como eles!

5 ano(s) Gosto Responder 8

Pedofilia vai virar cultura? É isso? Tem que pegar esse povinho (tudo bandido disfarçado) dá uma surra de pinto de boi depois coloca sentado, pelado em cima de um formigueiro, deixa lá por uns 3 dias, depois queima vivo (pq isso aí não é cultura, isso é BRUXARIA!!!!)!!!

5 ano(s) Gosto Responder 8

Fonte: Colagem elaborada pela autora, a partir da página do *Facebook* de Jair Bolsonaro.

Além dessas agressões e ameaças nas postagens, com o passar dos dias *fake news* foram disseminadas. Elas narravam o suicídio de Wagner ou noticiavam que o artista havia sido morto a pauladas. Os ataques a integridade moral e física do *performer* fizeram com que ele passasse a dormir na casa de amigos e parentes, pois havia o medo de que alguém descobrisse seu endereço e materializasse algumas das ameaças que recebia.

Wagner prestou um depoimento de quase três horas na 4ª Delegacia de Polícia de Repressão à Pedofilia. Um inquérito foi aberto pelo Ministério Público de São Paulo para apurar se houve crime. O artista, os curadores da mostra e a mãe da criança foram convocados para prestarem depoimentos na CPI dos Maus-Tratos do Senado Federal. Por fim, o Ministério Público de São Paulo solicitou o arquivamento do inquérito policial, já que a mera nudez de um adulto não configura crime ou pornografia.

Para Olivieri e Natale (2018), a melhor definição, já adotada no mundo moderno, seria a de que a arte é aquilo que o próprio artista – amador ou profissional – disser que é:

Na verdade, toda manifestação artística deve ter sua existência assegurada. Adicionalmente, não existe assunto, palavra, conteúdo, imagem ou tema proibido na arte. A obra artística pode vir a ser amadora ou de mau gosto e pode ser assim classificada pelo público. Mas a exposição, circulação e o acesso a uma obra de arte não podem ser proibidos porque ela é provocativa, pornográfica, erótica, obscena, política, religiosa, de gênero etc.

Ao artista, como a todos os cidadãos – maioria ou minoria -, deve ser garantido o direito à expressão. E mais, a todo cidadão deve ser garantido o direito ao acesso às ideias e às expressões artísticas. Importante evidenciar que a liberdade de expressão assegura não apenas o direito de produzir e comunicar pensamentos e obras, mas também o acesso a elas. A cada cidadão deve ser garantido o direito de ouvir o outro lado, ponderar outra ideia e argumentar opiniões, sem que o Estado intermedeie o que cada um pode ou não ouvir e dizer.

E, por fim, se a circulação de uma obra de arte causar dano a alguém, configurando crime ou ilícito civil, que se apurem os danos e que sejam ressarcidos. Mas sempre posteriormente, nunca com censura prévia. E que esses danos sejam comprováveis e relevantes, e não apenas o mal-estar pelo contato com o diferente ou com o mal gosto.

Diante do que foi exposto é inevitável a conclusão de que *La Bête* não foi atacada por seu caráter artístico ou estético, aliás, a onda conservadora que se manifestava enaltecia um olhar ideológico que foi se solidificando até atingir seu ápice em outubro de 2018, o que não é inédito, visto que em outros momentos, no Brasil e no mundo, se observa esse movimento de censura e “desmoralização” da arte em prol de determinada ideologia.

Na opinião de Marcia Tiburi (2019), tratou-se de um processo de “espetacularização difamatório e calunioso”, que foi levado a termo por grupos de extrema-direita, que são especialistas em produzir e propagar desinformação e todo tipo de *fake News*, em prol de objetivos específicos, buscando chamar a atenção e conquistar capital midiático nas redes sociais. Para Tiburi, o ataque promovido contra *La Bête* faz parte de conjunto do ataque às artes, às ciências e à educação, que o Brasil vem sofrendo, sobretudo nos últimos anos, com a ascensão da extrema direita. São ataques orquestrados e coordenados contra tudo aquilo que é democrático. Trata-se de um ataque à democracia em nome do poder ilimitado de tiranos que não medem esforços para alcançar mais e mais poder.

Ocorre que o obscurantismo entrou em cena como combustível de uma guerra não convencional, introduzido no país por meio de atividades programadas com fins específicos. Nesse caso, atacar a arte faz parte das estratégias de grupos conservadores que avançam na direção do poder. Esses grupos são especialistas em produzir efeitos, sendo que o que é estratégico deve parecer espontâneo, para cativar as massas e fazê-las agir conforme seus planos prévios, tornando-as massas de manobra (TIBURI, 2019).

### 3.3 OUTRAS ARTES ATACADAS PELOS CONSERVADORES

*La Bête* não está sozinha. É necessário lembrar que, além de *La Bête* e *Queermuseu*, outras atividades artísticas e intelectuais promovidas no mesmo período foram consideradas como provocações por grande parte da parcela conservadora e de extrema direita da sociedade, que bradava sua fúria nas redes sociais sobre o pretexto de que essas obras incitavam o desvio moral e de comportamento da geração mais jovem.

Dois meses antes de *La Bête*, o artista Maicon K foi detido em Brasília por “ato obsceno” ao se apresentar nu na performance DNA de DAN, mesmo a performance já tendo sido apresentada diversas outras vezes (assim como *La Bête*). Em uma ação da Polícia Militar, Maicon seguiu de viatura para a 5<sup>o</sup> Delegacia de Polícia (Asa Sul), onde precisou assinar um termo circunstanciado de ato obsceno<sup>49</sup>.

Outra manifestação polemizada foi a apresentação da peça *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu* que em setembro de 2017 seria realizada no Sesc Jundiaí em São Paulo, mas foi cancelada por uma liminar<sup>50</sup>. O monólogo, escrito por uma transexual inglesa, Jo Clifford, aborda a maneira como ela resolveu lidar com a religião após a mudança de sexo. Estreou em 2016 no Festival Internacional de Londrina e foi apresentada, após a censura, em outras cidades. O Sesc ganhou um primeiro recurso em outubro de 2017 e definitivamente em segunda instância, em fevereiro de 2018, pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, suspendendo a censura<sup>51</sup>. O senador Magno Malta, revoltado, fez uma postagem no *Facebook* com grande repercussão de apoio entre os conservadores, como mostram as Figuras 13, 14 e 15.

<sup>49</sup> Disponível em:

<[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/07/16/interna\\_cidadesdf,610075/artista-e-presodurante-apresentacao-que-integra-o-palco-giratorio.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/07/16/interna_cidadesdf,610075/artista-e-presodurante-apresentacao-que-integra-o-palco-giratorio.shtml)>. Acesso em: dez. 2022.

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1919033-peca-com-transexual-em-papel-de-jesus-e-cancelada-apos-decisao-judicial.shtml>>. Acesso em: out. 22.

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/justica-derruba-liminar-que-proibia-peca-em-jundiai.shtml>>. Acesso em: dez. 2022.

Figura 13: Postagem de Magno Malta no Facebook sobre a revogação da censura à peça *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, e comentários.

**Magno Malta** • Seguir  
03/10/2017 · 🌐

Prefeito de Jundiaí, São Paulo, proíbe peça teatral que traz Jesus como mulher transgênero. O SESC recorreu na justiça e apresentação da peça de teatro "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu" será encenada. Senador Magno Malta, presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Família, parabenizou o prefeito e vereadores, mas recomendou a população denunciar o fato ao Conselho Nacional de Justiça. O espetáculo é uma mistura de monólogo e contação de histórias com Jesus representado por uma mulher transgênero. Veja o vídeo gravado nesta terça-feira pelo senador Magno Malta.



5,8 m 477 comentários · 2,5 m partilhas

Terminei agora uma linda peça de "arte moderna" para mostrar para quem um dia resolver mostrar a sua "arte moderna" para o meu filho (a), no colégio dele (a) ou para alguma criança da minha vizinhança, família ou amigos.

Boa noite!



5 ano(s) Gosto Responder

Não foram nascidos de DEUS, é pouco... não foram nascidos, foram C.....

5 ano(s) Gosto Responder

Parabéns magno Malta por briga pela família brasileira contra esses perversos

5 ano(s) Gosto Responder

As pessoas têm é que criar vergonha na cara, e não ir nessas abominações diabólica. No entanto as pessoas reclamam, mas muitos vão pra assistir essas obras do inferno. No momento que não tiver público nessas exposições, eles vão entender que não é isso que as pessoas querem.

5 ano(s) Gosto Responder

isso é revoltante, mas todo cristão temem q as blasfêmias e as hipocrisias contra Deus vai acontecer querendo nós ou não, pois as profecias terão q si cumprir, isso tudo é sinal do fim dos tempos.

5 ano(s) Gosto Responder

Se ninguém for assistir será a melhor escolher por fazer. Isso é imoral....Que exemplo pros nossos filho e netos....Isso acaba com a família. Falta de respeito.

5 ano(s) Gosto Responder

Senador, é preciso dá um basta nos esquerdopatas que tentam em denegrir a família cristã.



5 ano(s) Gosto Responder

**Carlos Bolsonaro** @CarlosBolsonaro

Ou vc cobra de seu parlamentar agora ou sendo gay, hetero, negro, branco... estará fadado às garras do socialismo!

**Jair Bolsonaro** @jairbolsonaro

A pedido do TSE a Câmara vota, nessa quarta-feira, projeto que revoga a lei do Voto Impresso. É o SISTEMA agindo.

5 ano(s) Gosto Responder

Esses imbecis estão criando uma guerra "santa". Essa viadagem de gênero e ataque as religiões vai acabar em sangue.

Quem quiser ser viado ou sapata que seja, pode até fumar a sua maconha, mas não envolvam as pessoas de bem nisso. Usem seu lixo e descartem ele, não contaminem a sociedade.

5 ano(s) Gosto Responder

É incrível como minoria desprovida de noção de respeito à vida, sem respeito à família e o que é pior sem respeito e temor a DEUS, que é o criador da instituição mais antiga do planeta terra. Pode se levantar juízes, políticos, ativistas, mas o que vai prevalecer é a preservação da espécie humana e digo mais as portas do inferno não hão de prevalecer contra a família, contra a política, contra o Brasil, pois há um povo que Deus chama por seu nome que está orando pelo Brasil. Maior são o número de pessoas do bem do que as pessoas influenciadas pelo mau. Maior é DEUS do que todo esse movimento.

5 ano(s) Gosto Responder

Par um juiz que se diz culto tomar uma atitude desse nível ele tem serios problemas conjugais corno ou viado !!!!!

5 ano(s) Gosto Responder

As pessoas as vezes se perguntam porque acontecem tantas tragédias no mundo, será que ainda não perceberam que Deus esta entristecido com a humanidade, são tantas atrocidades que acontecem, olha isso agora, estão deturpando a vida de Jesus, a historia sagrada, estao brincando com Deus! É porque não conhecem a sua ira!

5 ano(s) Gosto Responder

AMALDIÇOADOS QUEM PRODUZIU, QUEM DIVULGA, QUEM ASSISTE E MALDITO SEJAM TODOS QUE ASSISTIREM ESSA DESGRAÇA - MALDITOS SEJAM

5 ano(s) Gosto Responder

Fonte: Colagem elaborada pela autora, a partir da página do Facebook<sup>52</sup> de Magno Malta.

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://fb.watch/jebo9IJKYI>>. Acesso em: mar. 2023.

Figura 14: Comentários à postagem de Magno Malta no Facebook.

Não levem seus familiares para assistirem essa blasfêmia. Eles sobrevivem do dinheiro dos ingressos. Nós, o povo, temos o poder para extinguir estes infames

5 ano(s) Gosto Responder

Última palavra é do senhor ,que ele tenho misericórdia da vida desse juiz infelizmente o povo não toma uma decisão de invadir uma semana dessa e fazer algo pra essa pouca vergonha acabar

5 ano(s) Gosto Responder 1

E pq ja não foi fazer a denúncia magno malta??ta esperando o que?? O certo e ninguém ir assistir..ninguém pq quem vai a um evento desses..se junta aos porcos 🐷🐷🐷🐷🐷🐷

5 ano(s) Gosto Responder

Infelizmente no Brasil os canalhas tem liberdade pra divulgar depravação sem ser punidos pela lei que não é em defesa do cidadão de bem que defende a família e os bons costumes

5 ano(s) Gosto Responder

Parabéns prefeito,cobra se mata no ninho, se não ela pode se multiplicar e envenenar a cidade. OU isso aqui vai virar uma putaria.

5 ano(s) Gosto Responder 2

Os juizes brasileiros pensam que são seres superiores, que tudo que eles falem é a última palavra 😡😡😡😡  
Maior que qualquer juiz e autoridade é Deus!

Se nós que somos a favor da família tradicional se unirmos venceremos qualquer barreira.

5 ano(s) Gosto Responder 5

Cadê a bancada evangélica eu vejo aí o senhor Magno Malta aquele cabo alguns de vocês que tu ainda falando aí entendeu mas a maioria é outra vergonha eu não me sinto honrado com essa bancada evangélica se a bancada evangélica é uma falda

5 ano(s) Gosto Responder

Se estivéssemos em guerra diria que estamos sendo atacados por armas de destruição em massa.

5 ano(s) Gosto Responder

Sou cristão, mas não sou sangue de barata. Qualquer afronta nossa fé e crenças terão respostas a altura, não derei a segunda face para esta corja de pervertidos a serviço do diabo, estão cutucando onça com vara curta, mexendo em casa de marimbondos, toda ação provoca uma reação! Ou acabam com esta libertinagem que esses malditos integrantes do LGBT estão tendo a ponto de afrontarem nossas crenças, ou tomamos nos mesmos uma iniciativa a altura dessas afrontas absurdas que estamos sendo obrigados a engolir atualmente.

5 ano(s) Gosto Responder

"Quando eu disse que o gayzismo se transformaria em instrumento de perseguição anticristã, responderam que eu era louco. Quando disse que o passo seguinte seria a descriminalização da pedofilia, mais louco ainda. Se o pessoal simplesmente lesse os debates entre os guias iluminados do movimento revolucionário, saberia que estão na fila de espera, para ser legitimados como condutas normais e inatacáveis, o incesto, a necrofilia e o canibalismo." ( Olavo de Carvalho )

5 ano(s) Gosto Responder

Sou de Jundiáí ,só tenho uma coisa pra falar pro senhor juiz ,respeite nossa população nossas crianças ,não se transforme num lixo igual esses que apoiam essas atitudes que querem chamar de cultura , malditos sejam quem apoiam essas atitudes querendo acabar com a família com os valores e respeito entre nois .Acorda senhor juiz exigirmos respeito .

5 ano(s) Gosto Responder

Eu já vi vídeos de Mulçumanos matando viado. Porque esses viados FDP não fazem sátiras com Maomé??? Só querem pregar Cristo na cruz????

5 ano(s) Gosto Responder 3

A viadagem não respeita a nossa fé, não respeitam nossas crianças, querem forçar as pessoas a concordarem com suas ideologias, agridem de forma sarcástica a moral e a ética, depois se fazem de vítimas, de pobre coitado exigindo respeito dos outros. Dessa forma: NUNCA, JAMAIS TERÃO!!!

5 ano(s) Gosto Responder

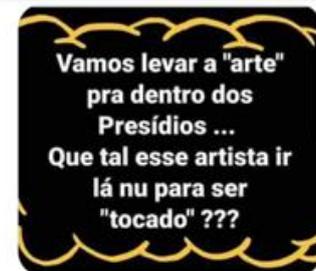
Estamos, a sociedade moralmente sadia, sob a ditadura de uma grande anomalia denominada "politicamente correto". E nossas autoridades capitularam diante disso, exarando suas decisões baseadas no medo de serem crucificadas pelo autoritarismo de grupelhos, como LGBTs, direitos humanod e outros com siglas exóticas, que impõem seus "valores" como se fossem os únicos válidos e aceitos. Assim, assistimos sem muitas possibilidades de reação a decisões como essa desse juiz e outros muitos, que assombram a moral e os chamados bons costumes das pessoas comuns, que ainda cultivam a decência, a verdade, a honestidade, a vergonha, a família...

5 ano(s) Gosto Responder 15

Os comunistas, sempre imorais, insistem em atentar contra os valores éticos, a boa formação e a decência....mas estejam cientes de que, não vamos aceitar essa canalhice, DEPOIS NÃO RECLAMEM.

5 ano(s) Gosto Responder 50

Por que a esquelha defensora da "exposição de arte" onde crianças apalpa homem nú não defende a inclusão dessa apresentação nos presídios? Por que essa discriminação? Os presidiários tão queridos pela esquerda não podem ter acesso a esse tipo de "arte"?



5 ano(s) Gosto Responder

minha opinião; ou vc nasce homem ou vc nasce mulher, o homem vai morrer homem a mulher vai morrer mulher desconheço ou tipo de Nascimento humano, o mal está aí pra mostrar pro os que não acreditam em Deus que ele está certo é Deus está errado devemos ter um pouco de cuidado amém

5 ano(s) Gosto Responder

Vamos botar a este vagabundos para correr..... Intervenção Militar já

5 ano(s) Gosto Responder

Figura 15: Imagens postadas nos comentários à postagem de Magno Malta no *Facebook*.



Fonte: Colagem elaborada pela autora, a partir da página do *Facebook* de Magno Malta.

Artistas, em seu convívio social, também sofreram ataques. Em novembro do mesmo ano a filósofa americana Judith Butler, uma das principais teóricas do movimento feminista e da teoria *queer*, foi hostilizada em sua viagem ao Brasil<sup>53</sup>, acusada de promover uma ideologia nefasta, que têm por objetivo acelerar o processo de corrupção e fragmentação da sociedade<sup>54</sup>.

Além de *La Bête*, outras obras envolveram nudez e foram atacadas. Uma delas foi a performance *Macaquinhos*, de 2011, apresentada pelos *performers* Andrez L. Ghize, Ana C. Pires, Caio, Eidglas Xavier, Luiz G. F. Lopes, Rafael Amambahy, Mavi Veloso, Teresa M. Neves, Yuri Tripodi, Daniel Barra, Fernanda Vinhas e Renata Alcoba, que objetivava promover um questionamento político sobre a forma como os países do hemisfério sul são tratados pelos países do hemisfério norte. Na performance, se abordava a ideia do corpo dividido em dois hemisférios: a parte superior, constituída da região torácica e a cabeça, e a parte inferior, que vai da barriga até os pés, dando a essas regiões funções. Por esse prisma, é feita a analogia, na qual os homens do poder e os políticos exploram o cu do povo, tanto quanto um país do hemisfério norte explora o cu dos países do hemisfério sul. A metáfora abordada pela peça coloca o ânus enquanto lugar de exploração daqueles que não estão no poder, isto é, dos

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/do-psol-a-militante-conservadora-a-mulher-que-hostilizou-butler>>. Acesso em: out. 22.

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/11/07/judith-butler-bruxa-manifestacoes-sao-paulo-ideologia-genero>>. Acesso em: out. 22.

dominados, dos subalternos. Esta metáfora também é desmistificada a partir do entendimento do cu enquanto possibilidade de conhecimento e poder, o que pode dar voz aos subalternos, criando tensões na normatividade do sistema (SILVA, 2022).

A peça coloca em questionamento se o ânus teria uma capacidade de “controlar” o corpo por meio dos desejos. Se “pensar com a genitália” seria apenas pensar com o pênis, ou se seria possível pensar com e pelo ânus. Por outro lado, a perspectiva do corpo dividido por hemisférios corrobora o entendimento de como é atribuída para as regiões inferiores do corpo as funções não nobres, tendo o entendimento de que essas regiões são incapazes de criar conhecimento. Dessa maneira, obras como *Macaquinhos*, em que os *performers* exploram os ânus um dos outros, acabam por se tornarem polêmicas, por envolverem a exposição de uma região percebida como não tocável na visão do pudor corporal. Isso mostra que a nudez e a exploração do ânus são símbolos do controle dos sistemas sociais para com os indivíduos (SILVA, 2022).

*Xereca Satânik*, em 2014, em Rio das Ostras, nas qual duas mulheres atuaram em uma performance em que uma costurava o órgão genital da outra. A performance foi realizada pelo Coletivo Coiote, do estado de Minas Gerais, que abriga artistas que são adeptos a performances e intervenções deste gênero. A proposta da performance era denunciar o alto número de casos de violência contra a mulher, mais especificamente casos de estupro em Rio das Ostras, onde o número era bastante expressivo (LEITE, 2020).

Em 2019, o então governador do Rio de Janeiro, Witzel, censurou a exposição *Literatura Exposta*, que seria encerrada com uma performance que fazia alusão à ditadura, promovida pelo coletivo de artistas “É uma maluca”. Os artistas interagiram nus com a obra “A voz do Ralo é a Voz de Deus”, na qual baratas de plástico se aglomeram sobre um bueiro. A inspiração para a performance veio do conto de Rodrigo Santos, que trata de um tipo de tortura praticada pela ditadura, na qual uma mulher tem baratas introduzidas na sua vagina.<sup>55</sup>

Esse combate incessante contra a nudez por grupos conservadores pode ser explicado pela censura do corpo, que tem ligações profundas com a religião, conforme explicado por Weber (2004). Em seu estudo sobre o capitalismo e a ética protestante, ele identificou que o calvinismo era predominante entre as classes capitalistas europeias, constatando que essa ideologia promovia, de uma forma ou de outra, a própria construção do capitalismo. Isso porque, na teologia calvinista, que originou o puritanismo, o homem é salvo não por suas boas ações, mas sim porque foi escolhido por Deus. No entanto, as boas ações também são um comportamento previsto por Deus, o que indica que aqueles que são os escolhidos para a

---

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/rio-de-janeiro-governador-censura-exposicao-que-fazia-alusao-a-ditadura1>>. Acesso em: fev. 2023.

salvação são aqueles que praticam as boas ações. Isso levou a um efeito profundamente moralizante entre os crentes, que passaram a se esforçar enormemente para apresentar uma integridade moral absoluta, acreditando estarem entre o grupo escolhido para a salvação. Isso gerou não apenas a censura do corpo como a dedicação total ao trabalho, porém sem ambição financeira.

Portanto, interessava ao crescimento do capitalismo, que necessitava de mão de obra dócil, disposta e não ambiciosa, disseminar a religião protestante ou o puritanismo, pois assim conseguia massa de trabalhadores com disposição para ser explorada, sem ambição financeira e sem consciência crítica para questionar esse sistema opressor e de exploração da força de trabalho.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz (2017) nessa época de radicalismo e extremos à solta, a arte virou, mais uma vez, pretexto para muita coisa, menos para aquilo a que ela se propõe:

Um julgamento desse tipo também se abateu sobre a exposição do Masp *Histórias da Sexualidade*. A despeito da data de abertura oficial ter ocorrido no dia 20 de outubro de 2017, já no dia 18 grande número de internautas tinha opinião formada sobre tudo: o que era a mostra e o que deveria ser ou não.

Nesse caso, e como o objetivo era antes alimentar a polêmica e não tanto falar e consumir arte, foi a censura para menores de 18 anos ‘que pegou’. De um dia para o outro, brasileiros converteram-se não só em críticos de arte, como também em curadores e, ademais, em especialistas na legislação brasileira. Alguns, candidamente, explicaram que uma exposição de arte é educativa e deveria se abrir para estudantes. Nesse aspecto imagino que não exista alguém no Masp que discorde da posição. Essa era inclusive a intenção do museu, até que a mostra teve de passar por um ‘aconselhamento jurídico’, que avaliou que ela apresentava ‘cenas de violência, de sexo explícito e de linguagem inadequada’. Que mundo é esse que faz com que exposições tenham de ser analisadas previamente dessa perspectiva que dá aos advogados a primazia da análise das obras?

Pois foi essa a decisão do museu: ou seriam cortadas (e devolvidas) 60% das obras que já se encontravam no país ou criava-se uma sala especial para maiores de 18 anos, a exemplo da famosa Arte Degenerada na Alemanha nazista.

Foi assim que, pela primeira vez no Brasil, uma exposição de arte não seria acessível para menores, mesmo que estivessem acompanhados dos seus pais ou responsáveis. Para Cristiane Olivieri, advogada, e Edson Natale, músico, escritor e jornalista, a classificação indicativa na exposição *Histórias da Sexualidade* no Masp estava ligada às imagens retratadas nas obras, mas especialmente foi definida pelo momento de extrema tensão com alguns grupos conservadores, alguns deles reacionários, sendo fundamentada em norma inconstitucional do Ministério da Justiça, conquistando o mérito de evitar que mais uma exposição de arte tivesse divulgação impressa nas páginas criminais ao invés de nas páginas de arte (OLIVIERI; NATALE, 2018).

Em 2017, com a arte contemporânea tendo percorrido caminhos inimagináveis, seria a hora de censurar o corpo nu? Estariam nossos jovens ameaçados diante da exposição de nus artísticos enquanto a grande mídia sexualiza e erotiza qualquer corpo sem discriminação? Por que a arte das galerias é perseguida por grupos conservadores enquanto a tv aberta protagoniza cenas moralmente questionáveis nas tardes de domingo? Certamente, uma das respostas possíveis para essas questões gira em torno da educação, da arte educação e do investimento na cultura, que infelizmente está condicionado às ações de um governo seja ele pró ou contra a cultura de maneira geral e toda a disseminação do saber (ciência).

### 3.4 A PERFORMANCE COMO LINGUAGEM

Segundo Schechner (2003), na arte, o *performer* é aquele que atua em um show, um espetáculo de teatro, dança ou música. Fazer performance é um ato que também poder ser entendido em relação a: ser; fazer; mostrar-se fazendo; explicar ações demonstradas. Ser é a existência em si mesma. Fazer é a atividade de tudo que existe, dos quasares aos entes sencientes e formações supergalácticas. Mostrar-se fazendo é performar: apontar, sublinhar e demonstrar a ação. Explicar ações demonstradas é o trabalho dos Estudos da Performance.

Pode-se dizer que performance é uma dramaturgia que se faz junto com o público. Se propõe a ensinar a seus espectadores os meios de deixarem de ser espectadores e tornarem-se agentes de uma prática coletiva. Ela os faz sair de sua posição de espectadores: em vez de ficarem em face de um espetáculo, são circundados pela performance, arrastados para o círculo da ação que lhes devolve a energia coletiva (RANCIÈRE, 2012).

Performances marcam identidades, dobram o tempo, remodelam e adornam o corpo, e contam histórias. Performances – de arte, rituais, ou da vida cotidiana – são comportamentos restaurados, comportamentos duas vezes experienciados, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam. Assim, fica claro que, para realizar arte, isto envolve treino e ensaio (SCHECHNER, 2003).

A performance como linguagem se legitima na história da arte em meados de 1960 em uma série de desdobramentos (como tudo na história da vida e da arte) a partir de Allan Kaprow criador do *happening* na década de 50 nos Estados Unidos. Segundo GiulioCarlo Argan (1992) o *happening*, que pode ser traduzido literalmente como “evento” ou “acontecimento” é um tipo de ação que envolve um ou mais artistas na sua execução e os espectadores. Kaprow, inicialmente, programava seus *happenings* de maneira organizada visando uma encenação

exata e perfeita, que se transformaram em improvisações, organizadas em partes, desenvolvendo-se simultaneamente em diversos locais. Nesse caso, a performance permite que o espectador abandone seu *status* de passividade e contemplação e passe a interagir e integrar a obra.

Segundo Cohen (2002), a passagem do *happening* para a performance se deu com o aumento de preparação em detrimento do improvisado e da espontaneidade. Tem por característica romper convenções, formas e estéticas, em um movimento que é ao mesmo tempo de quebra e de aglutinação. A performance permite analisar, sob outro enfoque, em uma confrontação com o teatro, questões complexas como a da representação, do uso da convenção, do processo de criação etc., questões que são extensíveis à arte em geral.

A performance passou a ser aceita como forma de expressão artística independente na década de 1970, período em que a arte conceitual estava em seu apogeu, ou seja, a arte que determinava que as ideias eram mais importantes que o produto, uma arte que podia ser comprada ou vendida. Nesse caso, a performance era frequentemente uma demonstração ou uma execução dessas ideias (GOLDBERG, 2006).

Para a artista Marina Abramovic (2017), a essência da performance reside no fato de a plateia e o *performer* criarem a peça (obra) juntos. Uma de suas obras mais icônicas nesse sentido foi a *Rhythm 0*, culminância de uma série de performances onde a artista seria o objeto, o receptáculo, enquanto a plateia (os observadores) que proporcionaria a ação. *Rhythm 0* aconteceu no Studio Morra em Nápoles no ano de 1974, com duração prevista para 6 horas (20h00 – 2h00). A seguir está o relato da artista sobre a obra, presente no livro *Pelas paredes: memórias de Marina Abramovic* lançado no Brasil em 2017:

Meu plano era ir à galeria e simplesmente ficar ali, de calça preta e camiseta preta, atrás de uma mesa sobre a qual haveria 72 objetos. Um martelo. Um serrote. Uma pena. Um garfo. Um vidro de perfume. Um chapéu-coco. Um machado. Uma rosa. Um sino. Umas tesouras. Umas agulhas. Uma caneta. Um pote de mel. Um osso de cordeiro. Uma faca de trinchar. Um espelho. Um jornal. Um xale. Uns alfinetes. Um batom. Um pote de açúcar. Uma câmera Polaroid. Vários outros objetos. E uma pistola, com uma bala ao lado dela. (...)

Se alguém quisesse pôr a bala na pistola e usá-la, eu estava preparada para as consequências. (...)

Durante as três primeiras horas, não aconteceu grande coisa. O público estava tímido diante de mim. Eu simplesmente fiquei ali em pé, com o olhar ao longe, sem focalizar em nada e nem em ninguém. De vez em quando alguém me entregava a rosa, cobria meus ombros com o xale ou me dava um beijo.

E então, a princípio aos poucos e depois mais rápido, começaram a acontecer coisas. (...) as mulheres da galeria diziam aos homens o que fazer comigo, em vez de elas mesmas fazerem (se bem que, quando alguém fincou um alfinete em mim, uma mulher enxugou a lágrima dos meus olhos). Em geral, tratava-se simplesmente de frequentadores normais de galerias, do mundo da arte italiana, com suas mulheres.

Em última análise, creio que a presença das mulheres foi o motivo pelo qual não fui estuprada ali.

A artista prossegue o relato afirmando que, conforme a noite avançava, um certo ar de sexualidade surgiu no recinto, não por parte dela, mas do público e ressalta que no sul da Itália, onde acontecia a performance, a Igreja Católica desempenhava um poder notório, o que ampliava uma forte dicotomia entre a madona e a prostituta no que diz respeito às atitudes para com as mulheres. Abramovic (2017), então, descreve o desfecho da performance:

Depois de três horas, um homem cortou minha camisa com a tesoura e a tirou. As pessoas me manuseavam para eu assumir várias poses. Se viravam minha cabeça para baixo, eu a mantinha baixa. Se a viravam para cima, eu a mantinha naquela posição. Eu era uma marionete – totalmente passiva. Com os seios nus, continuei ali, em pé, e alguém pôs o chapéu-coco na minha cabeça. Com o batom, outra pessoa escreveu IO SONO LIBERO – “eu sou livre” – no espelho e o prendeu na minha mão. Outra pessoa também pegou o batom e escreveu FIM na minha testa. Um cara tirou polaroides de mim e me fez segurá-las, como cartas de baralho.

As coisas foram ficando mais intensas. Duas pessoas me pegaram e me carregaram de um lado para o outro. Eles me puseram em cima da mesa, abriram minhas pernas e cravaram a faca na mesa, perto da minha virilha.

Alguém fincou alfinetes em mim. Outra pessoa despejou lentamente um copo de água por cima da minha cabeça. Alguém fez um corte no meu pescoço com uma faca e sugou o sangue. Ainda tenho a cicatriz.

Havia um homem – um homem muito pequeno – que simplesmente ficou bem perto de mim, com a respiração pesada. Esse homem me deu medo. Nenhuma outra pessoa, nenhuma outra coisa me deu medo. Mas ele, sim. Depois de um tempo, ele colocou a bala na pistola e a pôs na minha mão direita. Fez a pistola apontar para o meu pescoço e tocou no gatilho. Houve um murmúrio na plateia, e alguém o agarrou. Teve início um tumulto.

Parte dos presentes obviamente queria me proteger. Outros queriam que a performance continuasse. Como aquilo ali era o sul da Itália, vozes se alteraram, a raiva se inflamou. O cara baixo foi retirado às pressas da galeria, e a peça prosseguiu. Na verdade, a plateia se tornou cada vez mais atuante, como que num transe.

E então, às duas da manhã, o galerista veio e me avisou que as seis horas tinham terminado. Parei com meu olhar vazio e olhei direto para o público. ‘A performance terminou’, disse o galerista. ‘Obrigado’.

Após o término da performance Marina se percebeu “destruída”, seminua e sangrando e diz ter percebido nesse momento que algo estranho aconteceu na galeria; as pessoas que ainda estavam lá pareciam ter ficado com medo dela e quando a artista caminhou na direção dessas pessoas, elas saíram correndo da galeria. Na manhã seguinte, galeria recebeu dezenas de telefonemas de pessoas que tinham participado da apresentação, elas pediram desculpas e relatavam não ter entendido muito bem o que aconteceu na noite anterior.

Muitos paralelos podem ser traçados entre *La Bête* e *Rythm 0* – assim como muitos contrapontos. Ambos os artistas se colocaram como objetos manipuláveis em suas obras, que podem ser pensadas como uma obra em potencial, já que tem seu “vir a ser” em completa dependência da participação do espectador, sendo essa participação por parte do público uma

característica há muito declarada e explorada da performance como linguagem artística, pois nela não há roteiro provável, tudo é possível (ou seria quase tudo?). Quando Marina escreve a palavra ‘*peça*’ ao invés de ‘performance’ ou ‘obra’, o universo semântico da palavra aproxima o leitor ao universo do teatro, no qual a improvisação pode conduzir o desfecho da obra.

Obviamente a questão da nudez é outro ponto que merece reflexão; em *Rythm 0* não há nudez a princípio, mas a participação dos espectadores conduz a performance a um caminho possivelmente sexual, ou melhor, sexualizado. Em *La Bête* o artista já se apresenta nu, mas não há nenhuma atmosfera sexual ou erotização, mesmo assim, diante da participação de uma criança – acompanhada de sua mãe – que tocou o artista nas mãos e no tornozelo, Wagner Schwartz foi veementemente chamado de pedófilo.

Será que se invertessem as obras e seus respectivos artistas – Wagner Schwartz em *Rythm 0* e Marina Abramovic em *La Bête* – os desfechos e seus desdobramentos seriam os mesmos? Porque os corpos nus, enquanto masculino ou feminino, são objetos de percepção tão diferentes? Dificilmente o corpo nu feminino é visto como algo ofensivo, assim como destoa dos costumes da sociedade privilegiar o nu masculino simplesmente por ser fonte de beleza e sensualidade.

Entender a imagem e o simbolismo que diferem entre o corpo feminino e o masculino ajuda a compreender essa questão, que tem ligação com o machismo estrutural. Segundo Preciado (2019), pode-se utilizar nessa compreensão a questão dos banheiros masculino e feminino. Enquanto as cabines do banheiro feminino são individuais e fechadas, os mictórios masculinos ficam em espaços abertos ao olhar público, uma vez que “mijar-de-pé-entre-homens” chega a ser uma atividade cultural, “[...] que gera vínculos de sociabilidade compartilhados por todos aqueles que, ao fazê-lo publicamente, são reconhecidos como homens” (p.3). Pode-se observar duas lógicas opostas que dominam os banheiros de mulheres e homens:

Enquanto o banheiro de mulheres é a reprodução de um espaço doméstico no meio do espaço público, o banheiro dos homens é uma dobra do espaço público no qual se intensificam as leis de visibilidade e posição ereta que tradicionalmente definiam o espaço público como espaço de masculinidade (PRECIADO, 2019, p.3).

Há, portanto, percepções bem diferentes entre os corpos masculino e feminino. Enquanto a nudez feminina é alvo de submissão, a masculina é de virilidade e ação. Nessa ideologia do machismo estrutural, jamais uma criança poderia tocar o corpo de um homem nu, sem que houvesse nisso uma conotação sexual. Daí a acusação falaciosa de pedofilia.

Pode-se perceber que as problematizações que envolveram a obra *La Bête* (que aconteceu mais de quarenta anos depois de *Rythm 0*) são frutos da sociedade na qual se está inserida, mais do que qualquer percepção estética ou artística. E o que se percebeu na avalanche midiática em relação a performance *La Bête* foi uma disputa de ideologias, que nada diz respeito ao universo das artes.

No texto “*O esquema geral da nova objetividade*”, escrito por Hélio Oiticica (2011) à propósito da exposição *Nova Objetividade Brasileira*, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em abril de 1967, são formulados conceitos característicos da “então atual” arte brasileira, dentre eles: vontade construtiva geral; tendência para o objeto ao ser negado e superado o quadro de cavalete; participação do espectador; tomada de posição em relação a problemas políticos, sociais e éticos; tendência a uma arte coletiva e ressurgimento do problema da antiarte. O criador dos *Parangolés* avalia a “*Nova Objetividade*” não como um movimento dogmático e esteticista como os “ismos” (constituídos por uma centralidade de pensamento), mas como um “estado” constituído por múltiplas tendências. Ressalta que o povo brasileiro, ao contrário do europeu ou norte americano, é marcado por uma constante busca de uma caracterização cultural e cita a Antropofagia como uma defesa para um suposto colonialismo cultural. Oiticica aponta a experiência de Lygia Clark na desintegração do quadro tradicional, do plano e espaços pictóricos;

Na de Clark com demarche mais crítica de sua obra: a da descoberta por ela, de que o processo criativo se daria no sentido de uma imanência em oposição ao antigo baseado na transcendência, surgindo daí o Caminhando, descoberta fundamental de onde se desenvolveu todo o atual processo da artista que culminou numa ‘descoberta do corpo’, para uma ‘reconstituição do corpo’, através de estruturas supra e infra sensoriais, e do ato na participação coletiva – esta é uma demarche impregnada do conceito novo de antiarte (OITICICA, 2011, *online*).

Sobre a participação do espectador, Hélio Oiticica (2011) afirma que difere de uma contemplação transcendental e se manifesta de várias maneiras, porém haveria duas maneiras bem definidas de participação; uma que envolve ‘manipulação’ ou ‘participação sensorial-corporal’ e outra que envolve uma ‘participação semântica’. Sobre isso afirma:

Esses dois modos de participação buscam como que uma participação fundamental, total, não fracionada envolvendo dois processos, significativa, isto é, não se reduzem ao puro mecanismo de participar, mas concentram-se em significados novos, diferenciando-se da pura contemplação transcendental. Desde as proposições ‘lúdicas’ as do ‘ato’, desde as proposições semânticas da ‘palavra pura’ as da ‘palavra no objeto’, ou as de obras ‘narrativas’ e as de protesto político ou social, o que se procura é um modo objetivo de participação. Seria a procura interna fora e dentro do objeto, objetivada pela proposição da participação ativa do espectador nesse processo: o indivíduo a quem chega a obra é solicitado à contemplação dos significados

propostos na mesma – esta é, pois, uma obra aberta. Esse processo, como surgiu no Brasil, está intimamente ligado ao da quebra do quadro e a chegada do objeto ao relevo e antiquadro (quadro narrativo). Manifesta-se de mil e um modos desde seu aparecimento no movimento Neoconcreto através de Lygia Clark e tornou-se como que a diretriz principal do mesmo, principalmente no campo da poesia, palavra e palavra-objeto. É inútil fazer aqui um histórico das fases e surgimentos de participação do espectador, mas verifica-se em todas as novas manifestações de nossa vanguarda, desde as obras individuais às coletivas (*happenings* p. ex.).

Oiticica (2011) destaca a presença no Brasil de uma ‘arte participante’, a qual exige um suposto posicionamento diante dos problemas políticos, sociais e éticos. O artista, ao ignorar essa demanda poderia estar fadado a uma posição ‘gratuita e alienatória’ ao insistir em uma velha posição esteticista. Sobre a tendência a uma arte coletiva, Oiticica afirma que sua origem está intimamente ligada à participação do espectador já que a arte deixou de ser algo fechado e agora passa a introduzir o espectador no processo criador fenomenológico da obra como uma proposição aberta a sua participação total. Por fim, o texto aborda o ressurgimento do problema da antiarte:

No Brasil o papel toma a seguinte configuração: como, num país subdesenvolvido, explicar o aparecimento de uma vanguarda e justificá-la, não como uma alienação sintomática, mas como um fator decisivo no seu progresso coletivo? Como situar aí a atividade do artista? O problema poderia ser enfrentado com outra pergunta: para quem faz o artista sua obra? Vê-se, pois que sente esse artista uma necessidade maior, não só de criar simplesmente, mas de comunicar algo que para ele é fundamental, mas essa comunicação teria que se dar em grande escala, não numa elite reduzida a *experts* mas até contra essa elite, com a proposição de obras não acabadas, ‘abertas’. Essa é a tecla fundamental do novo conceito de antiarte: não apenas martelar contra arte do passado ou contra os conceitos antigos, mas criar novas condições experimentais, em que o artista assume o papel de ‘proposicionista’, ou ‘empresário’ ou mesmo ‘educador’.

Embora o *Esquema Geral da Nova Objetividade* tenha sido escrito na década de 60, ele aborda questões atuais ao universo da arte, que inclusive podem ser aplicadas a *La Bête, uma performance*, na qual a participação do público era esperada.

### 3.5 ARTE POLÍTICA E O ÓDIO CONSERVADOR

Em uma análise promovida por Marcia Tiburi (2019) sobre o ocorrido com *La Bête*, ela explica que, dificilmente, um ataque a uma performance, uma exposição ou um artista irá parecer um ato de violência, para o público não especializado. Especialmente se as armas usadas forem os celulares e os discursos carregados de retórica de apelo moralista e emocional, divulgados nas redes por pessoas se dizendo defensores da moral e dos bons costumes, salvadores da pátria. Com essa manobra estratégica, transformam a arte em perigo, e tentam

o mesmo com a ciência, a educação, a Constituição e a politização da sociedade. Para os grupos que utilizam esse tipo de estratagem, a violência é uma estratégia e, ao mesmo tempo, uma mercadoria. Inclusive, a violência é a forma e o conteúdo de muito do que se vende hoje.

A violência é um capital no mundo patriarcal/racista e é o valor que está por trás das regras do capitalismo: a competição, a meritocracia, a superioridade, o controle e a dominação. Ora, ninguém vai convencer alguém que ganha dinheiro e/ou poder para criar e propagar violência, a deixar de fazer isso alegando para esses agentes que o mundo ficaria melhor se as pessoas agissem sem violência e respeitassem direitos, instituições e outros indivíduos. A violência alimenta um mercado e não há interesse em acabar com ela. Quando se promete mais violência para acabar com a violência é evidentemente de um capital que se está a falar (TIBURI, 2019, *online*).

A violência enquanto “negócio”, é muito difícil de combater, inclusive a violência midiática, pois ela vem sendo naturalizada como parte inegável dos processos de linguagem, comunicação, informação e desinformação que circula nas redes sociais. Especialmente nesse sentido se encontra o obscurantismo, que também é a forma e o conteúdo da mercadoria da violência, aumentando ainda mais a lucratividade desse mercado. Pode-se citar como exemplo o que tem sido feito pelas instituições religiosas e os políticos ligados a elas, que sabem perfeitamente unir a violência com o obscurantismo. Voltando a *La Bête*, ela era encenada enquanto esses jogos de poder envolvendo violência aconteciam ao seu redor. Com isso, o artista, a criança, a obra de arte, a arte e a cultura como um todo se tornaram alvo de ataques desses grupos, com todo oportunismo possível, que buscam visibilidade por meio do escândalo (TIBURI, 2019).

Especialmente o ano de 2017 foi palco para esses escândalos, sendo estes decisivos para a campanha eleitoral de 2018. Afinal, há muitas formas de se fazer campanha eleitoral. Como todas as instituições estão dominadas pela publicidade, há sempre o domínio do valor de mercadoria para a venda, o que remete ao fato de que a venda só funciona quando se consegue chamar a atenção para um “produto”. Nesse contexto, há um velho capital anticultural em jogo: Deus, sexo, moralismo, conservadorismo, obscurantismo. Esse é um capital que pode ser sempre acionado para agregar massas abandonadas às leis do capital. Para movê-lo, criaram-se produtos para vendê-lo, que são o “Marxismo cultural” e a “ideologia de gênero”, desenvolvidos para gerar lucro contemporâneo de ideólogos que escondem suas ideologias atrás do ataque ao que eles afirmam ser a ideologia dos outros. Surgem os pastores e políticos profissionais que são os vendedores e, para que a venda aconteça, é preciso que haja publicidade. Pode-se exemplificar com os pastores neopentecostais, que são excelentes vendedores e publicitários, tornando suas pregações em verdadeiros espetáculos pelos quais as

peessoas não sabem que estão pagando ingresso. Vendem aquilo que já se sabe que é de todos: o contato com Deus. Acenam com a velha promessa da salvação que sempre arrebanha os desesperados. No entanto, só conseguem vender porque sabem chamar a atenção daqueles que se sentem sem lugar no mundo (TIBURI, 2019).

E, para vender a salvação, primeiro é necessário espalhar a perdição e criar o pânico. Por isso demonizam tudo que é livre e democrático. É preciso manter as pessoas dentro de suas caixinhas, amedrontadas, sem pensamento crítico, sem opinião própria. Assim, um simples nu artístico vira cena de pedofilia.

Os episódios de censura e polêmica diante das manifestações artísticas no segundo semestre de 2017 podem ser um ponto de partida para se pensar a guerra de narrativas no Brasil contemporâneo, já que serviram de palco para políticos religiosos e de extrema direita bradarem contra “os desvios de conduta de artistas e espectadores aliados à partidos que se mantiveram no poder graças à balbúrdia e a deturpação moral e cultural de uma geração de jovens”.

É fato que as religiões cristãs e o capitalismo desenvolveram uma relação doentia com a sexualidade e fizeram dela um fantástico dispositivo de poder. Com isso, para pessoas que se encontram reprimidas em sua sexualidade, se torna impossível olhar um corpo nu e não pensar em sexo, justamente porque o sexo, quando é algo interdito, acaba por clamar inconscientemente um lugar. São justamente essas pessoas reprimidas as mais facilmente manipuláveis. Portanto, não é surpresa que essas acabem defendendo discursos moralistas, pois estes servem como cortina de fumaça sobre seu desejo, que não pode ser assumido e nem vivido. Porém, o que aconteceu com *La Bête* foi muito além desse recalque. O escândalo provocado tinha intenções políticas. O símbolo “criança” se tornou uma moeda de troca valiosa no discurso conservador. Serve de isca simbólica em um processo de capitalização política. Nesses discursos moralistas, as crianças são usadas e a pedofilia é mistificada como um puro discurso, se tornando um elemento vigoroso no processo cênico desses políticos. Portanto, é fácil visualizar como *La Bête* coube como oportunidade perfeita para o discurso conservador de mistificação em vigência no Brasil desde 2017 e como serviu aos propósitos da campanha de Bolsonaro. Mesmo porque, criar polêmica é uma das principais estratégias utilizadas pela extrema-direita, visando chamar a atenção para seus líderes. Com isso, espera-se conquistar a eleição desses líderes, ou seja, através da manipulação de capital midiático e social (TIBURI, 2019).

O uso de *La Bête* como plataforma política e geração de escândalo, como era de se esperar, foi explorado por Jair Bolsonaro:

Uma das mais importantes postagens, em termos de número de visualização e engajamento com o vídeo, aconteceu em 28 de setembro, na conta pessoal do então Deputado Federal Jair Bolsonaro. Nessa data, o deputado Jair Bolsonaro publicou (às 22h33) o vídeo editado da performance acompanhado do tweet de grande repercussão (alcançando mais de 240 mil de visualizações) com os dizeres: “Cenas que revoltam... uma criança toca homem nu ‘em nome da Cultura’. Coloquei tarja no vídeo em respeito a vocês. MIL VEZES CANALHAS!”. Outro tweet dizia “Há muitos anos atrás falei: estão escancarando as portas para a pedofilia! Só não vê quem não quer ou compactua!” e chamou os envolvidos de “canalhas”, categorizando a atividade como “pedofilia” (BRANDÃO; DIAS, 2020, p.30).

Infelizmente, esse discurso foi ouvido por grande parte da população, que além de reprimida sexualmente (visto que boa parte das doutrinas cristãs exploram a sexualidade, o sexo e mesmo a nudez como pecado mortal), não possui conhecimento artístico. Ou seja, uma população para a qual não se faz compatível uma educação prévia no universo da criação artística. Em muitas entrevistas se ouviu dizer; “Mas isso não é arte!”, então o que seria arte? A sociedade privilegia uma educação tecnicista, o jovem ao concluir seus estudos é preparado para a competição e para o mercado de trabalho, o que não é difícil de entender visto a desigualdade de oportunidades. E a ideia que a grande massa carrega sobre o universo artístico é que uma obra de arte está estritamente relacionada ao que é belo. Quantas vezes diante de uma pintura abstrata se ouve: “Mas isso eu também faço!!!”, isso reflete a falta da educação artística no aluno, cidadão, que não foi treinado para reconhecer em um suporte bidimensional linhas e cores que dialogam em harmonia e movimento, da mesma maneira que não compreende a multiplicidade de linguagens que compõe o universo da arte contemporânea.

Em uma era de polaridade e de extremismos seria de grande valia assumir a postura de um espectador diante de uma obra minimalista; o objeto, a obra, é aquilo em si e qualquer julgamento de valor que o observador emitir, diz respeito a ele e ao que a obra provocou de reação em si mesmo. Conforme diz Umberto Eco (1991), a obra/arte é viva e vai se ressignificando, especialmente quando envolve performance, pois necessita da interação do público.

A arte caminha desde sempre com a evolução (ou involução) da humanidade, da mesma maneira que o homem ganhou inúmeros recursos no seu caminhar é natural que a arte também o faça. Há muito a arte contemporânea superou o uso do quadro e cavalete e restringir o acesso a qualquer tipo de manifestação artística é um retrocesso. Por fim, faz todo sentido o lema da “Nova Objetividade”, o grito legado por Hélio Oiticica: “DA ADVERSIDADE VIVEMOS!”.

## 4 REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO ESTRUTURAL E O ÓDIO CONSERVADOR

### 4.1 MACHISMO ESTRUTURAL E A BIOPOLÍTICA

Helio Hintze (2020) explica o machismo estrutural a partir da cultura patriarcal, por meio da identificação de cinco traços: (1) masculino; (2) branco; (3) heteronormativo; (4) adulto; (5) monoteísta. Cria-se, a partir daí, uma estrutura produtora de normalização, atuando através de instituições como família, escola, igreja, mídia, moda, mercado e o Estado, que seguem produzindo e reproduzindo os valores e comportamentos morais da sociedade, sempre com base no ideal proposto com base nesses cinco traços. Trata-se de uma dinâmica de poder que produz dicotomia, minando as possibilidades de construção de uma sociedade com igualdade de gênero. Valores associados com o masculino são considerados superiores aos associados ao feminino, nos quais se incluem os LGBTQIA+.

É importante trazer ao debate a questão da população LGBTQIA+, pois dentro do machismo estrutural e do patriarcado essa população sofre ainda mais, visto que além das questões relacionadas ao gênero, há aquelas ligadas à identidade de gênero e à orientação sexual, pondo em xeque o binarismo de gêneros predominante (VECCHIATTI, 2018). Essas pessoas sofrem todo tipo de preconceito, por não irem de encontro aos princípios e modelos da sociedade patriarcal. Surgem contra elas inúmeros discursos de ódio, com base em uma LGBTfobia, que se transforma em uma maneira violenta de demonstrar aversão ao diferente. Essa fobia velada é fruto da construção histórica de consolidação da intolerância por meio do discurso de ódio, veiculado através de práticas culturais religiosas, ditos populares e mesmo “piadas” e “brincadeiras” repletas de preconceitos, que seguem sendo propagadas se baseando na máxima da “liberdade de expressão”<sup>56</sup> (VALADARES; ALMEIDA, 2018).

Pode-se definir machismo estrutural como a associação de comportamentos culturalmente aceitos e propagados, que reforçam a imagem do homem como ser superior, ao qual a mulher deve ser submissa, gerando desigualdade de gênero entre homens e mulheres. Para Gregori (1993), trata-se de uma ideologia machista, visto que se aceita o mundo a partir da visão dos homens, enquanto as mulheres são doutrinadas desde sua infância a serem complacentes: “[...] não porque concordam ou acreditam nisso, mas porque toda ação ou aceitação da parte do dominado é resultado de um poderoso ocultamento” (p.128).

---

<sup>56</sup> Porém, ainda que seja um direito, a liberdade de expressão não pode ser vista como salvaguarda para abrigar manifestações de ódio, de preconceito e discriminação, muito menos ser amparo para crimes de injúria, calúnia e difamação (ROMANINI; MIELLI, 2019).

Surge, nesse contexto, a misoginia, que é um discurso de ódio especializado em construir uma imagem visual e verbal das mulheres como seres pertencentes ao campo do negativo. A misoginia culmina em violência, sendo que atos de violência, seja verbal ou física, seja espancamento ou estupro, são de uma lógica diabólica que transforma em negativo tudo aquilo que visa a destruir (TIBURI, 2018).

A maioria das sociedades implementou um sistema social onde as mulheres ficaram com a responsabilidade principal de cuidar do trabalho doméstico e dos filhos, enquanto aos homens foi dada a responsabilidade de sustentar a família. Com isso, se gerou uma preponderante divisão de trabalho entre os sexos, levando homens e mulheres a assumirem posições muito desiguais em termos de poder, prestígio e riqueza perante a sociedade. Observa-se que essa desigualdade resulta de uma construção social baseada em uma divisão sexual de papéis, que determina desde a infância os campos em que as mulheres devem agir e outros nos quais os homens é que devem atuar. Ou seja, criou-se uma organização social baseada no sexo, hierarquizada e que contém em si o machismo estrutural e a violência de gênero (CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2017).

É importante discorrer um pouco aqui sobre a biopolítica, pois ela tem relação direta com o machismo estrutural. De início, biopolítica era um termo utilizado, mais especificamente, em relação à forma como o Estado se apropriava dos corpos e das sexualidades dos cidadãos, no intuito de sustentar um modelo político e econômico determinado. No entanto, a verdadeira dimensão e concepção de biopolítica nasceu com Foucault. Ao tomar por base o exame dos modos de dominação operados pelas práticas dos biopoderes locais no âmbito de regimes totalitaristas, como o nazismo, o autor traz a visão sobre a constituição das mais novas tecnologias de dominação, elaboradas no plano das economias de mercado sob a égide do neoliberalismo econômico da Escola de Chicago<sup>57</sup> e da Teoria do Capital Humano (LYRA; BARRETO, 2016).

Nessa teoria, a gestão do capital humano é crucial para o avanço do capitalismo, no qual esse capital se torna valor de troca. Com essa visão, se reintroduz o trabalho no campo da análise econômica (COSTA, 2009). A economia deixa de ser a análise de processos e passa a ser a

---

<sup>57</sup> O termo Escola de Chicago surgiu na década de 1950, em alusão às ideias de alguns professores que, sob influência do paradigma econômico neoclássico e sob a liderança de Theodore Schultz, atuavam junto ao Departamento de Economia da Universidade de Chicago, à Escola Superior de Administração e à Faculdade de Direito dessa mesma universidade. Por outro lado, o termo também remete a um grupo de economistas que, a partir do início dos anos 1960, influenciados por Milton Friedman, George Stigler e seus discípulos, além de servir de arauto à defesa do livre mercado, refutava e rejeitava os princípios da doutrina keynesiana (teoria político-econômica que defende a intervenção do Estado na organização econômica). Um dos principais desenvolvimentos teóricos da Escola de Chicago, particularmente pela influência dos trabalhos de Schultz e de Stigler, consiste na teoria do Capital Humano (COSTA, 2009).

análise de uma atividade. Ou seja, já não é mais a análise da lógica histórica de processo, mas sim a análise da racionalidade interna, da programação estratégica da atividade dos indivíduos (FOUCAULT, 2008). Assim, surge o que Foucault chama de figura do *homo economicus* que transcende a personalidade jurídico-política autônoma do indivíduo, fazendo com que este passe a ser um simples brinquedo das regras econômicas do mercado globalizado (LYRA; BARRETO, 2016).

Em seus estudos, Foucault (1999) observou que a mudança na maneira de o Estado punir causou uma alteração na forma de controle do poder soberano sobre indivíduos e a população. A partir do momento em que esse poder soberano não mais podia gerir a sociedade apenas através de seu direito de matar, passou a fazer uso de uma nova forma de manter o controle social, administrando a vida biológica dos recursos humanos a sua disposição.

Essa passagem da punição para a vigilância se deu, também, ao se perceber que, do ponto de vista da economia do poder, é mais eficaz e mais rentável vigiar do que punir. Essa descoberta se deu no período entre o séc. XVIII e XIX, quando um novo tipo de exercício do poder se iniciava. Foi um período no qual transformações políticas, econômicas se consolidaram no bojo da revolução industrial, técnica e científica e, com elas os reajustes institucionais que implicaram na alteração de regime político e econômico, maneira pela qual as delegações de poder no sistema estatal foram modificadas (FOUCAULT, 1998).

O biopoder possui dois polos de poder/controlado interligados: o 1º deles é centrado no corpo enquanto máquina, em outras palavras, em adestrar o corpo para ampliar suas aptidões, o que leva a extorsão de suas forças, enquanto, em paralelo, estimula-se o crescimento de sua utilidade e docilidade, bem como sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos; o 2º desses polos é massificante, voltando-se ao corpo-espécie, isto é, aos processos relacionados com a biologia da vida humana, tendo-se como exemplos “[...] a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade” (FOUCAULT, 1999, p.131).

Com isso, o corpo se torna uma realidade biopolítica. Muda-se o foco, para o qual a norma passa a ser o elemento disciplinar e regulador, que se aplica ao corpo do indivíduo e da população, permitindo controlar e, ao mesmo tempo, impor a ordem do corpo. “A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 2005, p.302).

Nesse contexto, Agamben (2002) diz que a biopolítica tem o poder de rebaixar a vida em “vida nua”, que seria aquela que pode ser descartada, caso não atenda aos interesses administrativos e econômicos do Estado. Portanto, a vida seria “matável”. Ele retoma, em sua

obra, o conceito de *homo sacer*, do direito romano, que seria uma vida completamente destituída de direitos, de valor, de proteção. Se tornava uma vida nua, sacrificável, matável, descartável.

Mas, embora essa figura tenha desaparecido do direito romano, Agamben considera que todos, na modernidade, são *homo sacer*, visto que a estrutura político-jurídica atual, na qual todos se inserem, não garante efetivamente direitos em situações de exceção, expondo todos ao abandono ou mesmo à morte, em situações de anomia (BAZZANELLA; SILVA, 2016).

Nesse cenário da biopolítica, o poder estatal não age através da supressão ou repressão, buscando coibir e/ou impedir a manifestação de condutas consideradas indesejáveis. Atua de forma contrária, de forma a gerar ou a estimular certos comportamentos que, estes sim, são desejáveis, levando-os a emitir certos padrões esperados de resposta. São práticas de biopoder, que surgiram especialmente no ocidente moderno, direcionadas para a gestão e a regulação dos processos vitais humanos (FOUCAULT, 1999).

Conforme argumenta Foucault (1987), a sociedade vive sob uma estrutura panóptica (que remete à ideia de visão total – pan + ótico), se organizando em unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer/julgar imediatamente, sendo desenvolvidas de forma a possibilitarem a vigilância constante e a imposição de uma série de normas disciplinadoras, com a função de moldar comportamentos, seja em escolas, hospitais, fábricas ou prisões. Por meio da imposição dessa ordem panóptica, essa organização se torna, ao mesmo tempo, uma técnica de poder e um processo de construção de um saber. Assim, “[...] o panoptismo é o princípio geral de uma nova ‘anatomia política’ cujo objeto e fim não são a relação de soberania, mas as relações de disciplina” (FOUCAULT, 1987, p.232).

Afinal, o dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. As estruturas panópticas são desenvolvidas de forma a possibilitarem a vigilância completa, o que se inicia mesmo nas instituições escolares. Com isso, promove uma inversão entre reprimir e produzir. A total vigilância produzida por essa estrutura, associada à exigência de disciplina, cria um ambiente no qual os sujeitos são, desde a infância, treinados, forçados a se moldarem em um estereótipo comum. Com isso, se tornam mais obedientes, moldáveis e menos “perigosos” para a sociedade. Observa-se que isso inverte a função educacional. A disciplina acaba por funcionar como um meio de moldar comportamentos (FOUCAULT, 1987).

É nesse contexto que entra a questão da ligação da biopolítica com o machismo estrutural, pois as sociedades, especialmente as ocidentais, são baseadas no patriarcado. Portanto, o modelo a ser seguido é voltado para o estereótipo do homem branco heterossexual como chefe de família, tendo ao seu lado uma mulher submissa e filhos também submissos.

Nesse caso, à queles que não se encontram nesse estereótipo passam a ser rechaçados e se tornam os corpos matáveis.

Além disso, para Foucault (1987), um corpo disciplinado pelo sistema social em que está inserido é um corpo dócil. Para tal, esse corpo não apenas se apresenta dentro das normas e padrões sociais que vigoram na sociedade, mas também educa outras corporeidades a obedecer a uma norma social. Segundo Silva (2022, p.64): “Quanto mais disciplinado o corpo for, mais obediente às normas sociais o indivíduo será e, portanto, mais dócil. Dessa forma, estar nu é entendido como algo transgressor à norma e será tratado como algo ofensivo, punitivo e proibido”.

Conforme Foucault (1987), este modelo disciplinar da sociedade é como um arquipélago carcerário, que faz com que as pessoas transitem durante a vida entre uma prisão e outra, constantemente vigiados por uma variada gama de “carcereiros” que controlam o tempo todo. A escola prepara a mente dos alunos para obedecer e se submeter, deixando-os prontos para o mercado de trabalho, no qual novamente irão obedecer e submeter. Trata-se, portanto, de uma dimensão geral para promover controle social, uma maneira subjetiva de impor poder manipulando e moldando o comportamento. Nas palavras de Foucault (1995, p.239): “Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. [...] Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposta há vários séculos”.

Ao se observar esse quadro, reconhece-se que ideias preconceituosas convivem na sociedade brasileira, especialmente sobre questões étnicas e de gênero, que fazem com que muitos defendem que há tanto um machismo como um racismo institucionais/estruturais.

#### 4.2 MACHISMO ESTRUTURAL, ÓDIO CONSERVADOR E DISCURSOS DE ÓDIO

O sistema patriarcal, por ser fundamentado em um machismo estrutural, gera o ódio conservador que, por sua vez, se expressa na forma dos discursos de ódio. Ainda não há uma definição de discurso de ódio universalmente formulada, nem as facetas individuais da definição são totalmente aceitas. Uma das definições mais divulgadas é a presente na Enciclopédia da Constituição Americana, que diz que: Discurso de ódio é um discurso que ataca uma pessoa ou grupo com base em atributos como raça, religião, origem étnica, nacionalidade, sexo, deficiência, orientação sexual ou identidade de gênero (MACAVANEY et al., 2019).

O ódio e as expressões de ódio têm várias aparências e são transversais a todas as regiões e civilizações. Pode ser exemplificado quanto a questões raciais, fanatismo, descrição ofensiva de religiões específicas ou de seus adeptos, podendo ser expresso na Internet ou na mídia convencional. Praticamente, expressões de ódio na forma de ridículo, ameaça falada, importunação, assédio e confronto corporal ou violência são vividas em níveis muito altos e alarmantes em todo o mundo (SANTURAKI, 2019).

Segundo Gomes (2019), o discurso de ódio tem como característica principal a estigmatização de um indivíduo ou grupo, sendo essa estigmatização direcionada ao insulto, à perseguição ou à privação de direitos. Observa-se que essa característica também é recorrente no cenário das *fake news*, que fazem uso da polarização política ou afetiva para adquirir notoriedade. Além disso, sua disseminação acelerada passa a servir como prova ou confirmação da validade desses estigmas. Sendo assim, a divulgação desse tipo de *fake news* significa a propagação do discurso de ódio.

Utilizando o caso brasileiro dos bolsonaristas, Antonioni (2019) alega que estes seguidores confiam plenamente nas narrativas do ex-presidente Bolsonaro, tomando suas declarações como verdade absoluta, ainda que estas sejam, majoritariamente, baseadas em *fake news*. Ainda de acordo com o autor, “[...] essa personificação da autoridade assume a tutela para si de seus seguidores que, se sentindo resguardados por seu patrono, acham que podem agir com raiva, preconceito e irracionalidade nas redes sociais”. Nesse caso, ressalta-se que os discursos de ódio geralmente têm como alvos: mulheres, negros, indígenas, LGBTQIA+, quilombolas e pessoas pobres (ANTONIONI, 2019, p.14).

O discurso do ódio apresenta um dos maiores e mais difíceis desafios enfrentados pela concepção ampla da liberdade de expressão. Afinal, é um preceito fundamental dessa liberdade que a palavra de todos os indivíduos seja tratada e protegida igualmente pelos governos. Porém, o discurso de ódio apresenta uma abrasão social porque põe em perigo as liberdades civis e a segurança de outros cidadãos que também têm direito à proteção. As expressões de ódio são principalmente motivadas e realizadas com base na raça, preconceito e discriminação nacional, tribal ou religiosa, além do alinhamento sexual e de gênero. É importante ressaltar, porém, que a obscuridade oferecida pela internet potencializa a disseminação de tais expressões, com mais frequência nas redes sociais, por indivíduos não identificados, eventualmente por meio de comunicações anônimas. Nesse cenário, o *Facebook* é a plataforma líder para expressões de ódio *online*, seguido pelo *YouTube* e *Twitter* (SANTURAKI, 2019).

#### 4.3 COMPREENDENDO O QUE ESTÁ POR TRÁS DO ÓDIO CONSERVADOR

Ao abordar essa questão é preciso remeter ao texto de Freud: “Psicologia das massas e análise do Eu”, publicado em 1921. Nesse texto, segundo Freud (1921-2011, p.15), “[...] a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim”. A partir dessa concepção, deve-se considerar os fenômenos que irão surgir no cenário dessa massa como manifestações de um “instinto especial irreduzível a outra coisa”, ou seja, um instinto social, que pode ser descrito como um instinto de rebanho ou mente grupal, que não se manifestaria em uma situação do ser individual.

Freud cita Gustave Le Bon, que diz:

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa. A massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células (LE BON, 1895 apud FREUD, 1921-2011, p.17).

Ao comentar essa citação de Le Bon, Freud (1921-2011) alega que para que esses indivíduos de uma massa se liguem em uma unidade é porque há algo que os une entre si, e este meio de ligação provavelmente é justamente o que é característico da massa. Novamente citando Le Bon, Freud diz que o indivíduo, quando age em um grupo, apresenta algo secreto por trás das causas confessas de seus atos. E por trás dessas causas secretas há outras ainda mais secretas, estas ignoradas até mesmo pelo próprio indivíduo.

Parte dessa questão se explica pelo simples fato do número, ou seja, de não ser mais apenas o indivíduo sozinho, mas um grupo. Isso traz um sentimento de poder, de invencibilidade, que lhe permite ceder a instintos que se estivesse sozinho manteria sob controle. Com o tempo e o pertencimento a essa massa, o sujeito cada vez mais cederá com facilidade a esses instintos, porque se vale do anonimato da massa e, por conseguinte, desaparece por completo o sentimento de responsabilidade que costuma deter os indivíduos de cederem a tais instintos (FREUD, 1921-2011).

Ainda conforme explica Freud (1921-2011), no grupo o indivíduo se encontra em um cenário que lhe permite se livrar das repressões que impõe aos seus impulsos instintivos inconscientes. Então, essas aparentemente novas características que ele está apresentando são,

na verdade, manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mau presente na alma humana. Sendo assim, fica mais fácil compreender a perda da censura da consciência ou do sentimento de responsabilidade. Mesmo porque, o cerne da chamada consciência moral consiste no “medo social”, em outras palavras, no medo da opinião do outro.

Novamente citando Le Bon, Freud traz uma explicação interessante sobre a transformação que ocorre com o sujeito quando se insere em um grupo/massa:

Portanto, evanescimento da personalidade consciente, predominância da personalidade inconsciente, orientação por via de sugestão e de contágio dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas, tais são as principais características do indivíduo na massa. Ele não é mais ele mesmo, mas um autômato cuja vontade se tornou impotente para guiá-lo (LE BON, 1895 apud FREUD, 1921-2011, p.23).

Para Freud (1921-2011) é como se o indivíduo fosse hipnotizado, perdendo a consciência sobre seus atos. Nesse caso, enquanto certas faculdades do sujeito são destruídas, outras podem ser levadas a um estado de exaltação extrema. O homem que se deixa levar pela mente grupal acaba descendo vários graus na escala de civilização e passa a agir instintivamente e agressivamente. Com isso, a influência de uma sugestão pode levá-lo, com irresistível impetuosidade, à realização de certos atos extremistas que ele não realizaria se não estivesse sob a influência do grupo. Há uma diminuição de sua capacidade intelectual quando este se permite dissolver na massa. Diante disso, a massa se torna extraordinariamente influenciável, crédula e acrítica, indo prontamente a extremos, em que uma suspeita exteriorizada se transforma imediatamente em certeza indiscutível, e uma semente de antipatia se torna um ódio selvagem.

Pegando toda essa explicação e trazendo para o contexto desse estudo, fica claro que se pode aplicar essa compreensão para o discurso de ódio da extrema direita contra a exposição *Queermuseu* e a performance *La Bête*, que foi fomentado pelas redes sociais, que deram voz à muita gente e muitos discursos que antes se mantinham em silêncio.

No artigo de Queiroga, Barone e Costa (2016), os autores destacam o fato de que as redes sociais estão cada vez mais presentes na vida cotidiana das pessoas, em especial após o surgimento dos *smartphones*, que facilitaram o acesso à Internet. Com isso, essas ferramentas ajudam a socializar pessoas que se encontram fisicamente distantes. Por isso, também facilitou a formação de grupos que pensam de forma semelhante, que funcionam como uma válvula de escape para que sujeitos possam vivenciar seus desejos, substituindo seus ideais de Eu pelo

objeto escolhido e, assim, venham a manifestar hostilidade para aqueles que não estão inseridos em tais grupos.

O algoritmo existente no *Facebook*, por exemplo, se encarrega de organizar os grupos (apresentando a eles sempre as postagens com conteúdo semelhante ao que curtem), enquanto configura uma estrutura de como agir nesses grupos: postar, curtir, comentar, compartilhar e reagir. Nesse cenário, verifica-se que a formação de grupos em redes sociais se tornou um dos possíveis modos de o indivíduo lidar com o desamparo que foi despertado pela liberdade atual das múltiplas referências, já que a referência patriarcal da modernidade segue perdendo forças, ao mesmo tempo que se pluralizam as referências da pós-modernidade. Assim, há um paradoxo, pois ao mesmo tempo que o indivíduo deseja a liberdade, não consegue lidar com ela e busca referências para não se sentir perdido, encontrando apoio nesses grupos (QUEIROGA; BARONE; COSTA, 2016).

Sabendo disso, a extrema direita se utiliza dessa ferramenta para reunir essas pessoas em grupos, sobrecarregá-las com informações falsas e deturpadas, criando neles um medo fantasma, fomentando seu ódio e usando-o como arma contra seus desafetos, sejam pessoas ou grupos populacionais ou ideológicos.

Nas redes sociais, como o grupo é conduzido por seu inconsciente, assim como explicou Freud, uma de suas características é a não preocupação com a verdade. Assim, nesses grupos se disseminam muitas informações falsas, mas como esses indivíduos estão despreocupados com esse aspecto, aceitam essas informações como verídicas e reagem de forma agressiva e conservadora, especialmente se essas informações entrarem em desacordo com os interesses do grupo, já que querem defendê-lo a todo custo, justificando para si o discurso do ódio (QUEIROGA; BARONE; COSTA, 2016).

Trata-se de uma perversão narcísica, onde o perverso se serve do outro para seus fins, se preocupando em fazer com que o outro se sinta culpado. “O perverso narcísico acredita (embora não o assuma ou admita) que, para sobreviver, é preciso usar o outro, sugá-lo, negá-lo, desrespeitá-lo” (MARTINS, 2009, p.41).

Há nesses indivíduos um verdadeiro pavor de enfrentar a si mesmos, o que os leva a justificar quaisquer ações de uso e apropriação do outro. Para eles, essas ações são como uma questão de sobrevivência do Eu, ou mesmo uma legítima defesa. Consideram suas agressões como uma defesa contra supostos ataques deferidos pelo outro. Porém, na verdade, trata-se de uma defesa contra seus próprios fantasmas e fraquezas, que os levam a enxergar o outro e sua expansão como ameaçadores. “Por um lado, ele sente o outro como ameaçador; por outro, ele

precisa sentir o outro como ameaçador para legitimar sua necessidade de apoiar-se nele” (MARTINS, 2009, p.42).

No cenário político dos discursos de ódio, há dois lados em guerra: em um os partidos populistas de extrema direita que moldam o imaginário de um “eu” que considera (geralmente por meio de relatos emotivos pessoais) apenas brancos e cristãos de classe média; e de outro os grupos de esquerda, que desde a segunda onda do feminismo, fortalecem relatos pessoais de mulheres, negros e LGBTQIA+ acima das instituições tradicionais (ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019).

Para fortalecer esse discurso de ódio, especialmente a extrema direita tem se valido do uso de *fake news*:

Qualquer um pode crer na verdade, enquanto acreditar no absurdo é uma real demonstração de lealdade – e que possui um uniforme, e um exército. Assim, o líder de um movimento que agregue *fake news* à construção de sua própria visão de mundo se destaca da manada dos comuns. Não é um burocrata pragmático e fatalista como os outros, mas um homem de ação, que constrói sua própria realidade para responder aos anseios de seus discípulos (EMPOLI, 2019, p.15).

Dessa forma, o que tem sido observado em todo o mundo é que os temores e as aspirações de uma massa crescente de eleitores (especialmente os populistas de extrema direita) os levam a crer em diversas *fake news* e teorias de conspiração, enquanto os fatos apresentados por aqueles que as combatem se apresentam como um discurso que não tem credibilidade. Na prática, para esses eleitores de extrema direita, a verdade dos fatos não conta. Ou seja, para eles, o que é verdadeiro é a mensagem que corresponde a seus sentimentos e suas sensações. Diante disso, torna-se inútil informar fatos e dados e fazer correções, tornando muito mais fácil sua manipulação por seus líderes (EMPOLI, 2019).

Partindo da premissa que em um grupo o ideal do ego de seus membros é substituído pelo objeto, então sua devoção a ele é extrema, o que impede o ideal de ego de cumprir suas funções. Com isso surgem os comportamentos intolerantes voltados para aqueles que não fazem parte do grupo ou pensam como ele. Nas redes sociais, é comum que esses comportamentos sejam encontrados em postagens em defesa dos grupos aos quais essas pessoas pertencem (QUEIROGA; BARONE; COSTA, 2016).

Segundo Freud (1921-2011), essas características encontradas em grupos ocorrem pelo fator da sugestão mútua e não apenas por sua ligação com o líder ou a ideia que defendem. Assim, cada membro da massa é constantemente submetido à repetição de ações e falas de

outros membros, levando esses sujeitos a agirem sempre de acordo com as características do grupo do qual fazem parte.

Trazendo esse ensinamento de Freud para as redes sociais, constata-se que esse sugestionamento é ininterrupto, pois postagens são realizadas a todo momento, sem que o indivíduo tenha controle sobre isso. Esse fator pode ser verificado em postagens que se tornam populares no *Facebook*, onde cada vez que a mesma recebe um comentário ou uma “curtida”, mais aparecerá na linha do tempo dos sujeitos, gerando cada vez mais popularidade e visibilidade (QUEIROGA; BARONE; COSTA, 2016).

Há, ainda, o agravante de que as redes sociais permitem a criação de perfis falsos, e esses perfis permitem o anonimato que, por sua vez, favorece a falta de moral presente nas massas e aumenta o poder e a influência do discurso de ódio. Como explica Freud (1921-2011), para julgar corretamente a moralidade das massas, deve-se levar em consideração que, ao se reunirem os indivíduos em um grupo, todas as inibições individuais são despidas dos sujeitos e todos os seus instintos cruéis, brutais e destrutivos surgem. Assim, o que antes estava dormente no ser humano é despertado para uma livre satisfação instintiva.

Geralmente por trás desse anonimato se encontram os perfis mais violentos e agressivos das redes sociais, onde se destacam os *haters*. Também conhecidos como “odiadores” ou “trolls”, os *haters* se caracterizam por serem pessoas que buscam a violência sem ter uma justificativa clara frente à sociedade em suas interações *online*, nas redes sociais, ou seja, priorizam o conflito e a disseminação do ódio (REBS; ERNST, 2017).

É importante entender o quanto a compreensão desse sistema manipulatório é perigoso, pois sabe-se que o nazismo alemão cresceu se utilizando de propaganda cinematográfica para disseminar notícias falsas e discursos de ódio, levando uma população inteira a odiar um grupo de pessoas com base em mentiras fabricadas, o que culminou no holocausto (SIRIUS, 2019).

Conforme questionam Queiroga, Barone e Costa (2016, p.117) “[...] o que leva os indivíduos a se unirem tão fortemente, a ponto de abdicarem de seus interesses e crenças individuais”? Essa resposta é encontrada em Freud (1921-2011), ao explicar que uma massa primária, ou um grupo que se forma, reúne uma quantidade de pessoas que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu. Em consequência disso, passam a identificar-se uns com os outros em seu Eu. Nesse caso, esse objeto pode ser um líder/pessoa ou uma ideia. E passam a defendê-lo com todas as forças e agressividade.

Essa explicação explica a formação de seitas em torno de ideias ou pessoas, podendo perfeitamente ser aplicada ao bolsonarismo, no qual o objeto em questão é a própria pessoa do

Jair Bolsonaro, assim como ocorre na TFP, em torno da figura de Plínio Corrêa de Oliveira e do nazismo de Hitler.

Ainda no caminho da compreensão sobre o que leva os indivíduos a se unirem a esses grupos extremistas e ao desenvolvimento do ódio conservador e discurso de ódio, Douglas et al. (2019) levantam a questão de que as pessoas têm uma forte necessidade de se sentirem positivas sobre os grupos aos quais pertencem, como suas nacionalidades, partidos políticos e grupos religiosos. Com isso, a convicção de que outros conspiram contra seu grupo pode surgir quando o grupo se considera desvalorizado, desprivilegiado ou ameaçado (como tem ocorrido com os conservadores frente ao crescimento da visibilidade das minorias). Em outras palavras, derivam de uma necessidade de validar a imagem do grupo denegrindo os grupos externos. Assim, teorias da conspiração e *Fake News* podem surgir ligadas a formas defensivas de identificação com o próprio grupo social, o que é capturado pelo conceito de narcisismo coletivo.

Ao se analisar o perfil dos consumidores dessas *fake news*, constata-se que o nível de escolaridade do usuário influencia na crença e em sua disseminação, em que pessoas com melhor escolaridade são menos propensas a acreditarem e compartilharem informações falsas (BAPTISTA; GRADIM, 2020). Ainda que todos estejam expostos e propensos a acreditar e compartilhar *fake news*, é fato comprovado por diversos estudos, como os realizados por Lewis e Marwick (2017), Mancosu, Vassallo e Vezzoni (2017), Douglas (2018), Marwick (2018) e Halpern et al. (2019) que pessoas ideologicamente de direita estão mais amplamente conectadas a teorias da conspiração e/ou são mais propensas a acreditar, consumir e espalhar *fake news*, em especial aquelas ligadas ao discurso de ódio.

Isso se explica porque, do ponto de vista psicológico, pessoas com personalidade liberal tendem a ser mais analíticas do que as conservadoras, enquanto estas últimas confiam mais na intuição e são menos questionadoras, então acabam sendo mais propensas a consumir e acreditar em *fake news*. Em uma análise sobre o comportamento social associado ao conservadorismo, constata-se que pessoas ideologicamente direitistas, no sentido social, têm maior tendência a rejeitar temas complexos e são mais dependentes de raciocínio implícito. Além disso, o conservadorismo está associado a uma mente mais fechada, que oferece resistência à complexidade e à mudança, extraindo lições do mundo ao seu redor por meio de julgamentos rápidos, às vezes baseados em estereótipos e preconceitos, o que também os leva a acreditar e compartilhar *fake news*. Ou seja, as informações falsas são aceitas e compartilhadas porque o destinatário conservador concorda com esses valores sociais, ainda que sejam informações mentirosas. Essa exposição seletiva é motivada por razões políticas e os usuários

buscam confirmar, por meio dessas *fake news*, uma crença pré-existente (BAPTISTA; GRADIM, 2020).

Da mesma forma, grupos extremistas podem usar teorias da conspiração e *fake news* para criar as condições ideológicas para justificar seu extremismo e a violência política (DOUGLAS et al., 2019). Nesse sentido, é bem comum que as *fake news* dedicadas à direita tenham uma dimensão religiosa, pois ela está relacionada ao seu extremismo (DOUGLAS et al., 2019).

Segundo Oliveira (2020), usando o Brasil como exemplo, vê-se que foi o que ocorreu na campanha presidencial de Jair Bolsonaro, que se aproveitou do crescimento das igrejas evangélicas para formar seu populismo evangélico, enfatizando desde seu discurso de campanha que sua prática seria um governo para família e valores morais cristãos. No entanto, seu conservadorismo evidente no campo político de direita liberal levou a um discurso nada cristão, de ódio velado contra a mulher, contra homoafetivos, contra os professores, contra esquerdistas (em especial os petistas), contra ativistas (de todos os tipos: feministas, negros, ecológicos, LGBTQIA+ e outros), contra Ongs e até mesmo contra artistas nacionais e estrangeiros, usando muita *Fake News* para embasar tais discursos e manipular a opinião pública.

Cabe trazer aqui, como bem compara Antonioni (2019), em seu livro “Odeio, logo compartilho”, uma análise do mito da caverna, de Platão:

Na Alegoria da Caverna, Platão conseguiu, com maestria, narrar como se encontra a condição humana. Através dessa metáfora, o filósofo explicou sua teoria do conhecimento, que resumidamente é assim: imagine uma caverna onde, no fundo dela, homens nasceram e cresceram, presos a correntes, acostumados a olhar para a parede que projetava apenas sombras. Por estarem condicionados àquela condição adversa, os homens tomavam as sombras por verdades. Para os prisioneiros, a caverna era o único mundo verdadeiro possível. Até que um homem decidiu quebrar seus grilhões e, com muito esforço, conseguiu sair daquele lugar e contemplar a beleza do sol, do céu, da vida real. Imbuído da descoberta, aquele homem decidiu voltar para contar a novidade e libertar seus companheiros. Mas quando regressou, os que permaneceram acorrentados não acreditaram nele, zombaram e, por fim, decidiram matá-lo. O interior da caverna é o mundo sensível, baseado nas aparências, nos preconceitos, na ignorância, na *doxa*. O exterior da caverna é o mundo inteligível, baseado na essência das coisas, nos conceitos puros e universais, na inteligência - enfim, na *epistème*. Sair do mundo das opiniões preconceituosas para o mundo da ciência exige um grande esforço intelectual, que tem início no momento da tomada de consciência sobre quais são as cavernas nas quais estamos presos (ANTONIONI, 2019, p.35).

Ainda na análise de Antonioni (2019), pode-se interpretar uma bolha ideológica como cavernas nas vidas daqueles que as seguem. No momento, se vive o crescimento das bolhas de extrema-direita. Aqueles que nela estão só dialogam com quem pensa igual, desprezando

pessoas do outro espectro político, em uma postura arrogante, permanecendo encarceradas em sua própria ideologia. É preciso sair da caverna. Caverna que mantém pessoas aprisionadas em seus próprios preconceitos e rancores.

#### 4.4 A VIOLÊNCIA RESULTANTE DOS DISCURSOS DE ÓDIO E DO MACHISMO ESTRUTURAL

Todo esse ódio nutrido e retroalimentado acaba por se manifestar na forma de uma série de abusos e violências, sendo a mais notória delas a violência contra a mulher. A violência contra a mulher é um fenômeno mundial, que ocorre de forma cultural e institucionalizada, possuindo várias facetas. É tida como um fenômeno histórico, complexo e de difícil conceituação que está presente nas relações desiguais existentes entre homens e mulheres em inúmeras sociedades. As raízes dessa violência se encontram além das estruturas culturais, estando presente nas estruturas sociais, políticas, econômicas ou mesmo ambientais, com forte associação com as desigualdades sociais e as relações de gênero. Na verdade, essa é uma das manifestações mais extremas e perversas da desigualdade de gênero, sendo resultado das diferenças de poder, representando um importante fenômeno social e de violação dos direitos humanos, que impacta de forma significativa no processo saúde-doença e na expectativa de vida das mulheres (BARUFALDI et al., 2017).

A violência contra a mulher também pode causar sua morte, tendo sido registrados, em 2019, 1.246 feminicídios dentro das residências, o que representa 33,3% do total de mortes violentas de mulheres registradas no ano. A análise dos últimos onze anos sobre violência no Brasil indica que, enquanto os homicídios de mulheres nas residências cresceram 10,6% entre 2009 e 2019, seus assassinatos fora das residências apresentaram redução de 20,6% no mesmo período, indicando um provável crescimento da violência doméstica (CERQUEIRA, 2021).

Outra vítima constante de violência do ódio conservador é a população não branca, especialmente os negros e pardos. Segundo o Atlas da Violência de 2021 (CERQUEIRA, 2021), dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/MS) informam que, em 2019, houve 45.503 homicídios no Brasil, o que corresponde a uma taxa de 21,7 mortes por 100 mil habitantes, com a presença de intensa concentração de um viés racial entre as mortes violentas. Os negros representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa

que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. Em outras palavras, em 2019, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras. A realidade é mesma entre mulheres negras, que representaram 66% do total de mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 4,1, em comparação a taxa de 2,5 para mulheres não negras.

A taxa de assassinatos no Brasil vinha diminuindo desde 2018, indo contra a série histórica iniciada em 1979, que apontava taxas crescentes a cada ano. Porém o próprio documento alerta que esses dados devem ser vistos com cautela, em função da deterioração na qualidade dos registros oficiais ocorridos desde 2018 (o que mostra a intervenção manipuladora do Estado sobre esses dados, provavelmente para ocultar a verdade) (CERQUEIRA, 2021). Mesmo porque, dados publicados pelo “Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020” (FBSP, 2021), que tem como fonte os boletins de ocorrência produzidos pelas Polícias Civis, indicam 47.742 mortes violentas intencionais no ano de 2019, valor que é 5% superior ao registrado pelo sistema do Ministério da Saúde. Esse segundo anuário também aponta que em 2020 a tendência de queda foi revertida e houve um crescimento de quase 4% em relação ao ano anterior, mas ainda não chegou aos 30,9 para cada grupo de 100 mil habitantes de 2017, o mais alto já registrado. E, entre as mortes violentas intencionais, 76,2% era de pessoas negras (FSBP, 2021).

Além disso, a suposta redução dos homicídios ocorrida no país esteve muito mais concentrada entre a população não negra do que entre a negra. Na verdade, houve um aumento de 1,6% dos homicídios entre negros entre 2009 e 2019, enquanto entre não negros houve redução de 33% no número absoluto de vítimas no período citado (CERQUEIRA, 2021).

Nesse quadro que se apresenta, é preciso reconhecer o cenário de exclusão e violência seletiva da população negra e parda no Brasil, que demonstra qual o padrão característico das vítimas de violência: jovem, negro, pobre, de baixa escolaridade e de periferia. Este passa a ser o principal alvo de violência, que se torna institucionalizada por discursos e ações do Estado que definem os corpos matáveis a partir de aspectos que também legitimam as desigualdades sociais. Essa legitimação é corroborada pela sociedade, que repete bordões do tipo “direitos humanos para humanos direitos”. Essa legitimação faz com que a sociedade em geral acredite ser preciso cada vez mais intervenções rigorosas, violentas e cruéis em territórios que podem ser considerados de populações marginalizadas, que vivem em um “estado de exceção”, sendo constantemente vítimas de violação de direitos humanos (MALLMANN; RODRIGUES, 2019).

Como a sociedade patriarcal coloca o poder nas mãos dos homens brancos heterossexuais, essa violência não é apenas contra mulheres e não brancos, também afetando

enormemente a população LGBTQIA+, especialmente os transgêneros (ou simplesmente trans), que são aqueles indivíduos cuja identidade de gênero não corresponde ao seu sexo biológico.

Na dimensão simbólica, a violência opera ora pelo recurso ao holofote lançado sobre a ideia de um modelo único e compulsório de família nuclear, cis, heterossexual e biparental, que apaga as diversidades sexuais e de gênero, ora pelo recurso aos estereótipos e estigmas que marcam LGBTQIA+ como agentes desviantes, de contaminação e degeneração, recorrendo a discursos morais, sociais, biológicos, religiosos e médicos. Na dimensão corporal, a violência se materializa na forma de abandono, estupros “corretivos”, assassinatos e espancamentos. Ainda que diferentes, as violências corporais e simbólicas se sobrepõem, visando aniquilação, apagamento e silenciamento de sexualidades e expressões de gênero dissidentes do modelo único cis hétero historicamente imposto no Brasil, que ganhou força recentemente com a ascensão de movimentos moralistas anti-LGBTQIA+ operados pela narrativa de suposta priorização da infância e da família (CERQUEIRA, 2021, p.58).

De acordo com a ONG *Transgender Europe*, que se concentra na pesquisa de violência e crime contra pessoas trans e com diversidade de gênero desde 2009, um total de 3.314 dessas pessoas foram mortas em 74 países em todo o mundo entre janeiro de 2008 e setembro de 2019. Porém, como os assassinatos de pessoas trans e com diversidade de gênero não são sistematicamente registrados, o número real é certamente muito maior (FEDORKO; KURMANOV; BERREDO, 2020).

Em números absolutos, o Brasil é o país com o maior número de registros de pessoas trans assassinadas, ano após ano. Só entre 1 de outubro de 2018 e 30 de setembro de 2019 foram registrados 331 casos de assassinatos de pessoas trans e com diversidade de gênero nos 74 países analisados, e novamente a maioria dos assassinatos ocorreu no Brasil (130), seguido pelo México (63) e os Estados Unidos (30) (TRANSGENDER EUROPE, 2019). No Brasil, a violência contra a população LGBTQIA+ teve um aumento de 20,9% nas agressões e de 24,7% nos homicídios, entre 2019 e 2020 (FSBP, 2021).

O estigma e a discriminação contra essas pessoas são reais e profundos em todo o mundo e fazem parte de um círculo estrutural e contínuo de opressão que as mantém privadas de seus direitos básicos. Os *queer* são vítimas de violências horríveis, incluindo extorsão, agressões físicas e sexuais e assassinato (TRANSGENDER EUROPE, 2019). Estes crimes acontecem, muitas vezes, porque essas vítimas estão socialmente desprotegidas (CATTANEO et al., 2018).

A violência contra pessoas LGBTQIA+ frequentemente se sobrepõe a outros eixos de opressão prevaletentes na sociedade, como racismo, sexismo, misoginia, xenofobia e discriminação contra profissionais do sexo. Nesse sentido, os dados da *Trans Murder Monitoring* mostram que as vítimas trans e com diversidade de gênero, cujas ocupações são

conhecidas, são principalmente profissionais do sexo (61%) (TRANSGENDER EUROPE, 2019).

Esse dado mostra a importância de se combater esse preconceito, que deve se iniciar desde o sistema educacional, para que esse grupo populacional tenha seus direitos garantidos, inclusive o direito a serem reconhecidos e respeitados como LGBTQIA+.

## 5 COMBATENDO O ÓDIO CONSERVADOR COM ARTE, CULTURA E EDUCAÇÃO – A EXPERIÊNCIA *QUEERMUSEU E LA BÊTE*

### 5.1 EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA COMO CONTRAMOVIMENTOS

As estatísticas de violência apresentadas no capítulo anterior mostram a importância de se combater o preconceito contra a população LGBTQIA+. É preciso que o Estado haja na mudança de conceitos, o que se inicia pela educação, pois apenas pela educação se muda a forma como a sociedade enxerga o diferente. É preciso que esse grupo populacional tenha seus direitos garantidos, o que inclui usar, no caso específico dos trans e com diversidade de gênero, seus nomes sociais<sup>58</sup>, mesmo enquanto ainda na escola, para que possam almejar conquistar carreiras profissionais de todos os tipos, como qualquer outra pessoa.

Afinal, como bem destacam os pesquisadores Cattaneo et al. (2018), geralmente essas pessoas ficam distantes do mercado de trabalho formal e das escolas e universidades, por serem marginalizadas e hostilizadas. Com isso, ficam restritos a duas opções: ou se prostituir ou ir para a área da beleza (como cabelereiros, manicures e maquiadores). Sendo que os mesmos autores, baseados em dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, afirmam que 90% da população trans acaba na prostituição, por falta de outras oportunidades.

A aceitação do diferente e o respeito ao outro são fundamentais para inverter a lógica do machismo estrutural e do ódio conservador e combater essa violência na raiz, cabendo ao governo alterar a estrutura ideológica patriarcal da sociedade, o que perpassa por mudanças no sistema educacional, legislativo e de políticas públicas. Afinal, à luz do que preconiza a Constituição brasileira em seu art. 5º, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” (BRASIL, 1988). No entanto, basta um olhar mais atento para a sociedade que se percebe que, muitas vezes, essas garantias ficam apenas “no papel”.

Um bom exemplo dessa discrepância é observado justamente na população *queer*, em especial a transgênera, que sofre no país com a falta de visibilidade e aceitação nos espaços sociais e educacionais. Além de estar previsto na Constituição, o direito à educação de qualidade desde a infância está entre os Oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da Organização das Nações Unidas (ONU), mas, na prática, isso não ocorre para esse grupo, já

---

<sup>58</sup> Conforme explicam Lessa e Oliveira (2013), entende-se como nome social o nome pelo qual pessoas com diversidade de gênero (como travestis e transexuais) se identificam e são identificadas/os no meio social, e sua aceitação busca evitar ainda mais preconceitos e situações constrangedoras, tendo em vista que definições sociais, médicas e legais ainda caminham a passos lentos na resolução dessa questão no Brasil.

que muitas pessoas transgênero não conseguem sequer chegar ao ensino médio, pois abandonam a escola, por sofrerem com casos de intolerância, preconceito e *bullying*. Ao desistirem dos estudos, ficam ainda maiores as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho (CATTANEO et al., 2018).

Procurando resolver parte da questão, alguns Estados brasileiros adotaram medidas em que aconselham as escolas a adotarem o nome social de crianças e jovens trans, como fez o Estado do Rio Grande do Sul, que elaborou o Parecer nº 739 de 2009, no qual “[...] aconselha as escolas do Sistema Estadual de Ensino a adotar o nome social escolhido pelo aluno pertencente aos grupos transexuais e travestis” (RIO GRANDE DO SUL, 2009, *online*). Nesse sentido, Luanda Julião (2018) diz que uma das questões que causa mais constrangimento ao aluno trans é justamente a chamada, na qual consta o nome de batismo e não o nome social escolhido.

Essa medida acabou por se tornar Federal, quando em 17 de janeiro o Parecer nº 14/2017, do Conselho Nacional de Educação, que orienta os sistemas de ensino para o uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares da educação básica, foi homologado por meio da Portaria do Ministério da Educação, MEC nº 33/2018 (BRASIL, 2018).

Antes disso, por meio do Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016, foi declarado o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, permitindo o uso do nome social, e sendo vedado o uso de expressões pejorativas e discriminatórias para referir-se a essas pessoas (BRASIL, 2016).

Portanto, observa-se que medidas legais em relação ao reconhecimento do nome social de pessoas trans já é uma realidade no Brasil. Porém, só isso não basta. Segundo Julião (2018), no cenário escolar, muitos alunos e alunas transgêneros passam por experiências muito traumáticas, mesmo reconhecendo o fato de que as escolas já apresentem em seu currículo a disciplina Identidade de gênero e sexualidade, além da lei que assegura a adoção do nome social no ambiente escolar. Isso ocorre porque as escolas ainda não possuem projetos para que esse tipo de aluno seja acolhido e respeitado. Afinal, a educação é fundamental para promover a diversidade e quebrar estereótipos, evitando a catalisação da violência. Mas, dentro da realidade dos alunos trans, ela vem falhando em um dos seus principais papéis, que é o de ser um espaço democrático, político, palco de liberdade, reflexão e discussão.

Nesse sentido, cabe alertar para o fato de que o processo de transexualização ainda é uma discussão recente no Brasil, e que pouco ou nada se fala sobre transexuais e transgêneros,

o que faz com que sua invisibilidade nos espaços educacionais seja notável. É fundamental o reconhecimento por todos de que o nome social envolve o reconhecimento e o respeito à construção corporal assumida por eles. Afinal, o processo de construção corporal por meio de cirurgia e tratamento hormonal geralmente é demorado, e exige no mínimo dois anos de tratamento psicológico antes que uma cirurgia seja aprovada. Sendo assim, a construção do visual precede a construção corporal, e essas pessoas passam a trajar-se tal como se percebem subjetivamente, o que vai na contramão de sua identidade civil, gerando, muitas vezes, constrangimento social, tendo em vista que seu nome de registro não condiz com como ela se apresenta socialmente (LESSA; OLIVEIRA, 2013).

Ainda conforme Julião (2018), a escola é o primeiro momento da vida em que as crianças irão conviver com indivíduos que não fazem parte de seu convívio familiar. É seu primeiro espaço coletivo, no qual ela se depara com questões políticas e sociais e inicia sua formação enquanto cidadã. É, portanto, o primeiro espaço político, democrático e social em que esse cidadão-aluno irá exercitar sua liberdade e aprender a respeitar a dos outros. Neste sentido, é no ambiente escolar que se aprende a respeitar as diferenças individuais e a subjetividade do outro, pois embora o outro não seja igual a si, ele tem todo o direito de ser feliz do jeito que for. Sendo assim, é na escola o local onde surgem novas relações, formas inéditas de se experimentar a vida, portanto, sem nenhuma dúvida, é também nesse ambiente escolar que deve-se refletir e debater a questão do gênero.

Para combater esse preconceito e o ódio conservador, é preciso investir em ações afirmativas, que são a adoção de políticas públicas e, também, privadas (de empresas, por exemplo) criadas com o objetivo de corrigir as desproporções, mudando situações claras de desigualdade social e econômica, direcionadas para promover o grupo que se encontra em posição de desvantagem. Representam, portanto, uma forma de compensar ou reparar a discriminação sofrida por essa população no passado, evitando que essa desigualdade continue se reproduzindo interminavelmente no presente e se projete para o futuro (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Essas políticas devem envolver não apenas as voltadas para aspectos sociais e econômicos, mas principalmente educacionais, pois é preciso mudar a mentalidade da sociedade e promover a aceitação do outro, com suas diversidades. Uma forma de estimular essa mudança é justamente através da arte e da cultura, pois elas estimulam o pensamento crítico.

Segundo Alavina (2016), por meio da prática constante do pensamento crítico, que não seja cego, que se permite uma reflexão lógica sobre as informações que se recebe,

especialmente em relação ao meio virtual e sobre tudo que é divulgado nele. Assim, evita-se ser manipulado pelas armas das *fake news* utilizadas pelo ódio conservador e pela extrema direita. É apenas tendo pensamento crítico que se consegue combater o impulso de mergulhar em um inconsciente coletivo, que daria voz aos instintos primários do indivíduo e o poderia levar a se esconder atrás do anonimato de grupos radicais nas redes sociais. Para tanto, segundo alegam Queiroga, Barone e Costa (2016), é preciso vencer a barreira do pensamento fácil, o que exige esforço e tempo, pois só assim se consegue conectar com aquilo que realmente cada indivíduo é.

Em uma época na qual artistas são perseguidos em suas redes sociais, por exporem obras que não agradam aos setores conservadores da sociedade, gerando discurso de ódio que, em alguns casos, chegam a ameaçar as suas vidas, fica evidente que a educação artística precisa ser explorada nas escolas. O ódio sem conhecimento e a perseguição devem ser combatidos, e o fazer artístico é um caminho para combater essas injustiças. Torna-se, assim, necessário compreender a obra em questão, com olhar crítico, e ter capacidade de entender as possibilidades de discussões sobre ela como meios de ampliação dos horizontes, não permanecendo presos a tabus e em discursos conservadores e sem contextualização (SILVA, 2022).

Inclusive, para Bertold Brecht (2005), arte deve ser política, pois a única arte que interessa é aquela que tem compromisso político. Ele também defendia que a arte devia ter uma proposta pedagógica, que os artistas deveriam fazer peças políticas para informar as classes desinformadas, com o intuito de superar os pressupostos naturalistas através da razão.

## 5.2 *QUEER*, MACHISMO E POSIÇÕES SOCIAIS SIMBÓLICAS

Quando grupos oprimidos compartilham suas experiências, há uma tentativa constante em deslegitimar a diversidade de suas manifestações artísticas. Mudar o foco das realidades violentadas e suas denúncias corrobora para a manutenção de uma narrativa universal onde valores patriarcais, heteronormativos e eurocêntricos silenciam múltiplas vozes.

Ao refletir sobre as contribuições de Collins, Djamila Ribeiro (2017) argumenta que a partir do ponto de vista da teoria feminista é possível pensar o conceito “lugar de fala”. Ao pensar o que é lugar de fala não se trata de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Já que as experiências dos grupos subalternizados resultam das desigualdades e hierarquias que os

mantém como tal, isso significa um debate estrutural. Assim, a posição social ocupada pelos subalternizados refere-se não apenas às experiências individuais, mas também sobre como o lugar social que esses grupos ocupam determinam suas oportunidades. Essa condição implica na limitação das narrativas, “[...] produções intelectuais, vozes, saberes assim como a diversidade de experiências e das manifestações artísticas em que há, conseqüentemente, a quebra de uma visão universal” (RIBEIRO, 2017, p.35). É precisamente nesse contexto do silenciamento que se insere a polêmica em torno da exposição *Queer* e da performance *La Bête*.

Dentre as discussões em torno do conceito do Lugar de Fala abordadas por Ribeiro (2017), a autora considera as definições dentro do campo da comunicação social em que “[...] a representação das posições sociais e da posse de capital simbólico dos agentes sociais envolvidos [...] geram Modos de Endereçamento específicos” (AMARAL, 2005, p.104). Assim, torna-se necessário delimitar de onde se fala para entender realidades até então consideradas implícitas.

Por exemplo, segundo Kilomba (2010b), no sistema racista das sociedades ocidentais, a voz dos negros tem sido sistematicamente desqualificada, considerada conhecimento inválido, ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se ‘especialistas’ na cultura negra. Lhes é retirado o lugar de fala e mesmo o direito de falar. Há, portanto, uma epistemologia voltada a excluir o negro do conhecimento, enquanto sujeito, para mantê-lo, ainda, sob a perspectiva do objeto. Ainda segundo Kilomba, o que tem sido feito é ensinar colonizados a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador, sendo essa uma excelente forma de seguir colonizando. Portanto, é preciso descolonizar o conhecimento. Dar voz a quem tem lugar de fala.

Um exemplo disso é apresentado nas reflexões de Emerson Silva Meneses (2020), de que a presença LGBTQIA+ nas universidades é uma ótima ferramenta para a produção de conhecimento, além de uma forma de agir politicamente, em tempos em que apagamentos e silenciamentos se fazem presentes nas estruturas sociais de maneira cada vez mais forte. Para o autor, é necessário quebrar silêncios.

Nesse sentido, considerando que a arte busca questionar problemas contemporâneos ou antigos, não em estabelecer verdades absolutas, a exposição *Queermuseu* contestou a supremacia de uma sociedade patriarcal, branca, eurocêntrica e heterossexual. Ao mostrar comportamentos sexuais dissidentes – os quais existem em na sociedade, mas geralmente são omitidos e escondidos por serem tabus sociais, a repercussão da mostra tornou-se polêmica. A subversão de valores morais e desvinculados de uma análise plural geraram pânico social nos grupos reacionários onde comportamentos “desviantes” precisam ser combatidos em prol da

manutenção de uma suposta normalidade. Isto é, para manter “a moral e os bons costumes” (SELISTRE; DUARTE, 2018).

Nessa perspectiva, ao tratar do silenciamento dos sujeitos que não foram autorizados a falar, Ribeiro (2017) comenta o trabalho de Grada Kilomba. “A Máscara” no âmbito do racismo representa a legitimação das estruturas violentas de exclusão social onde o sujeito negro é visto como aquilo que o sujeito branco não quer ser relacionado. Isto é, o negro trata-se do elemento a ser combatido, disruptivo, opressor, violento e malicioso (KILOMBA, 2010). É a partir dessa perspectiva que, em uma sociedade supremacista branca e patriarcal, mulheres, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays não possuem legitimidade para suas produções intelectuais e artísticas. O “não ouvir”, então, consiste em uma tendência dessas posições sociais como lugar cômodo daquele que se intitula autorizado para falar em nome dos “outros” subalternizados.

Nesse sentido, Kilomba (2010, p.19) declara que:

Dentro dessa infeliz dinâmica, o sujeito Negro torna-se não apenas o ‘Outro’ – o diferente em relação ao qual o ‘self’ da pessoa *branca* é medido – mas também ‘alteridade’ – a personificação de aspectos repressores do ‘self’ do sujeito *branco*. Em outras palavras, nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito *branco* não quer se parecer (Tradução nossa).

É a partir dessa semelhança em promover a interrupção do regime de autoridade que as reflexões trazidas até aqui coincidem com as autoras pensadas. Tal dificuldade em tolerar essas manifestações artísticas em que a arte *queer* é considerada transgressão, daquilo que não se pode ser ou até mesmo o “outro” a ser combatido, o que coincide com as posições sociais que grupos LGBTQIA+ ocupam na sociedade brasileira.

A polêmica em torno da exposição e o seu cancelamento refletem como as obras foram desassociadas de suas possibilidades conceituais e interpretativas, limitadas a partir de um conceito fechado de arte em uma obra que subverte as normas hegemônicas. E, por isso, é cancelada devido ao seu caráter “desviante”. A dicotomia entre o certo e errado, a moral e o imoral reflete o jogo semântico e a disputa de narrativas onde a mostra foi silenciada, censurada e difamada.

### 5.3 GÊNERO E HETERONORMATIVIDADE NA REPERCUSSÃO DA MOSTRA *QUEERMUSEU* E DA PERFORMANCE *LA BÊTE*

As expressões artísticas também refletem ideais hegemônicos, resultantes das posições sociais dominantes. Assim, a arte também é fruto de uma construção eurocêntrica, masculina e heterossexual cujas obras destinam-se a estes. Essa regulamentação artística, que favorece aos grupos dominantes, incomoda-se com o avanço de discursos dos grupos minoritários em termos de direitos. Isto é, daqueles que surgem das posições sociais simbólicas em que é preciso reconhecer as condições de constituição do grupo ao qual ele se direciona. Essa disputa de narrativas obedece às regras intrínsecas ao sistema que estrutura certo imaginário social, já que trata-se também de poder e controle.

Nesse sentido, Foucault (2014, p. 35) argumenta que:

Não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles ... os sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciadas), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala.

É possível perceber o ambiente em que as campanhas difamatórias da exposição *Queermuseu e La Bête*, lideradas por grupos reacionários, mostraram-se bem-sucedidas, já que Jair Messias Bolsonaro, que se mostrara conivente com essas afirmações, foi eleito em 2018. Assim, percebe-se que o silenciamento da multiplicidade de vozes é sustentado pelo pavor que a sociedade heteronormativa sente em relação aos comportamentos que fogem aos padrões masculinos, heteronormativos, cristãos e eurocêntricos.

Assim, os corpos que fogem das pré-disposições sociais sofrem censuras daqueles que buscam reafirmar as visões tradicionais por meio da exclusão e da anulação daquele considerado “o outro”. Portanto, essa relação de força envolve todos os indivíduos na biopolítica, conforme conceito atribuído por Foucault:

Com o conceito de biopolítica, busca exemplificar uma forma de controle sobre todos, utilizando-se de ameaças e jogando os sujeitos em campos de poder, tornando-os em corpos dóceis, aqueles submissos, que obedecem às ordens. É por meio dessa biopolítica que a supremacia comanda o que é normal ou patológico, o que deve ser normalizado ou não, o que é merecedor de ser olhado e ter segunda chance, daquele invisibilizado e agredido (PEDROZA; DINIZ, 2022, p.85).

Apesar da existência de um sistema de poder que inviabiliza, impede e silencia saberes produzidos por grupos subalternizados, Ribeiro (2017) reitera que as massas falam por si. Ainda que os subalternos ocupem posições sociais vulneráveis, encarar o lugar silenciado como intransponível é fortalecer as estruturas dominantes. A necessidade de autodefinição é considerada pela autora como uma estratégia fundamental de enfrentamento à visão colonial. Da mesma forma, o medo imposto pelos discursos de grupos como o MBL e do ex-presidente Jair Bolsonaro serve para impor limites aos silenciados, já que falar, muitas vezes, implica em represálias. Ribeiro (2017), então, questiona se mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays podem falar do mesmo modo que homens brancos cis heterossexuais em uma sociedade supremacista patriarcal e branca.

Como resposta, a autora retoma às reflexões de Kilomba, em que o medo em lidar com o “outro” protege o sujeito branco em lidar com o negro. É nesse medo que consistem nas semelhanças entre a censura da exposição *Queermuseu*, que proíbe o pensamento livre, e manifestações artísticas plurais. Impedindo, assim, que o público entre em contato com supostos tabus intoleráveis pela sociedade, pautada por valores patriarcais e heteronormativos. Dessa forma, rejeita-se a arte enquanto espaço de resistência aos poderes conservadores e reacionários.

Como diz Milenna Saraiva (2017), essa ala conservadora ataca não apenas a liberdade de expressão, mas demonstram uma enorme incompreensão em relação à história da arte, crenças e valores. Para a autora, essa atitude não pode ser chamada de liberalismo, pois é fascismo, literalmente. Afinal, todos têm o direito de não ver uma exposição de arte, caso o tema não lhe atraia. Esse é um direito muito fácil de ser exercido em uma exposição: basta não a frequentar ao ser alertado sobre seu “conteúdo adulto” ou violento. Contudo, para os fundamentalistas isso não basta. É preciso censurar, impedir e destruir o direito de ver. A campanha difamatória exercida nada mais é do que um ato de ódio e intolerância contra artistas e obras, contra sujeitos que lutam para se expressar. “É o retrato não de tempos de ‘arte degenerada’, mas de uma sociedade doente e ignorante”.

A sobreposição de narrativas por conta de grupos reacionários de extrema direita reflete a desigualdade das posições sociais que grupos subalternizados ocupam na sociedade brasileira. O cancelamento da exposição demonstrou o desconforto em lidar com temas progressistas como liberdade sexual, igualdade de gênero e arte *queer*.

Mas, cabe afirmar aqui, conforme defende Suely Rolnik (1999), que a arte possui funções que vão muito além de sua apreciação pelo outro. Tanto a arte quanto o artista, em um movimento contracultural, têm o dever de:

Livrar o espectador de sua inércia anestesiadora, seja através de sua participação ativa na recepção ou na própria realização da obra, seja através da intensificação de suas capacidades perceptivas e cognitivas. Libertar o sistema da arte da inércia instaurada por seu elitismo mundano ou sua redução à lógica mercantilista, expondo ou criando em espaços públicos, ou abrindo seus próprios espaços a outros públicos. Libertar a arte de seu confinamento em uma esfera especializada, para torná-la uma dimensão da existência de todos e de qualquer um, fazendo da vida uma obra de arte. Em suma, contaminar de mundo os espaços, os materiais e, sobretudo, a fabulação da arte; contaminar de arte, o espaço social e a vida do cidadão comum (ROLNIK, 1999, p.2).

Analisando por esse ponto de vista, foi exatamente o que a exposição *Queermuseu* e a performance *La Bête* se propuseram a fazer. E, mesmo com tanta polêmica e sendo vítimas da censura, pode-se dizer que conseguiram, inclusive, talvez tenham ido além do que se propuseram justamente devido a toda essa controvérsia gerada.

O sistema sempre irá buscar definir determinados conhecimentos como válidos e outros não, objetivando criar corpos dóceis para alimentá-lo (FOUCAULT, 1987). Mas a arte sempre esteve disposta a questionar a sua época e o sistema sociopolítico que controla os corpos e seus saberes. É função da arte colocar em pauta questões que possam contribuir para o rompimento desse controle sociopolítico, para desconstruir esse Brasil homofóbico, machista e racista. Diante dessa missão, os saberes do corpo negro e do corpo homoafetivo, que são colocados como inferiores neste sistema, precisam ser enaltecidos e exibidos pela arte contemporânea (SILVA, 2022).

Por fim, ao longo deste trabalho, buscou-se correlacionar instrumentos teóricos que tratam do ponto de vista feminista para refletir sobre a necessidade de dar voz a outros saberes, diferentes manifestações artísticas relacionadas a temáticas LGBTQIA+. A exposição *Queermuseu* e a performance *La Bête* buscaram discutir e valorizar a diversidade além de permitir a multiplicidade de vozes. E, assim, romper com o silêncio a fim de garantir a liberdade artística, fundamental para confrontar valores hegemônicos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise feita nesse estudo pode cumprir com o objetivo geral predeterminado, que foi, a partir da polêmica gerada com a exposição *Queermuseu* e com a performance *La Bête*, fazer uma analogia entre essas reações, especialmente as relacionadas com *La Bête*, com o machismo estrutural e os discursos de ódio, buscando entender o que há por trás do ódio conservador.

Na pesquisa feita nesse estudo, observou-se que as declarações e posicionamentos machistas naturalizados que colocam as mulheres e as minorias LGBTQIA+ em desvantagem, ressaltando o machismo estrutural, estavam presentes o tempo todo enquanto justificativas para a consternação e a revolta em relação às obras de *Queermuseu* e *La Bête* e suas representatividades.

Perante todo o exposto nesse estudo, pode-se constatar que por trás do ódio conservador que atacou *Queermuseu* e *La Bête* há uma ideologia cultural machista, patriarcal, historicamente construída, que foi desenvolvida séculos atrás, em paralelo ao crescimento do capitalismo. Interessava na época que a sociedade em geral possuísse crenças cristãs que as induzisse a determinado comportamento: dócil, submisso, amedrontado e sem ambição. Formava-se, assim, uma enorme massa de trabalhadores que não questionaria seus empregadores, pois estavam cumprindo seu papel dentro dessa imagem de sociedade na qual só o trabalho salva.

Qualquer comportamento desviante era punido pela própria sociedade, que não aceitava nada que viesse a questionar a família branca, cristã, monogâmica, liderada pelo homem. Após o capitalismo se estabelecer e se manter enquanto sistema econômico, sem necessitar mais investir na manutenção dessa massa de protestantes, grupos paralelos passaram a crescer, liderados por movimentos de esquerda, defendendo uma série de direitos que colocavam em cheque essa sociedade idealizada por esses grupos conservadores.

No entanto, essa mentalidade conservadora, baseada no puritanismo, prosseguiu enraizada ao longo dos séculos e ainda hoje faz parte da crença e do estilo de vida de milhões de pessoas. Com o crescimento das igrejas evangélicas, que nutrem essa mentalidade em seus fiéis, muitos políticos se aproveitam dessa massa de manobra já pronta, se aproximam desses grupos, os nutrem com *fake news* e os transformam em arma política contra seus opositores, de esquerda.

Infelizmente, trata-se de uma violência que é perpetuada pela repetição, reprodução e disseminação de padrões comportamentais machistas, que ganhou velocidade e aumento descomunal de proporções ao ser disseminada pelo meio virtual, através de redes sociais.

Foi isso o que ocorreu com a exposição *Queermuseu* e a performance *La Bête*. Por trazerem arte questionadora, foram atacadas por esses grupos, que aproveitaram a oportunidade para criarem um roteiro falacioso, usando essa arte como instrumento para provocar pânico entre os fiéis evangélicos e outros grupos de extrema direita, como se a arte de esquerda fosse uma grave ameaça à família e aos bons costumes.

*La Bête* trazia uma performance que convidava o público a criar a arte junto com o artista, a interagir com a obra. A descontextualização da performance devido a presença de uma criança, ainda que acompanhada da mãe, transformou o artista em pedófilo, cabendo questionar aqui se a pedofilia não está justamente no íntimo de cada um que acusou a obra, tendo em vista que arte muito reflete o íntimo de quem a aprecia.

Continuando com a análise sobre as reações da sociedade a exposição *Queermuseu* e a performance *La Bête*, é possível fazer uma contextualização dessas reações com a política e as ações dos grupos conservadores de extrema direita, um fato que pode ser observado nos comentários sobre a postagem do Santander, por exemplo, feita para se explicar pelo cancelamento da exposição *Queermuseu*. Observa-se que além dos comentários agressivos e fundamentados em jargões da extrema direita, havia uma quantidade expressiva de curtidas nesses comentários, que chegaram aos milhares, o que mostra o alinhamento de uma quantidade significativa de pessoas com esse pensamento ultraconservador e com os políticos que o representam.

Da mesma forma, o vídeo criticando a exposição, feito pelo Arthur do Val, teve mais de 439 mil visualizações, ganhou mais de 41 mil curtidas e 3.8 mil comentários de apoio. O mesmo ocorreu na postagem de Magno Malta, sobre a suspensão à censura da peça *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*.

Também é possível observar nesses comentários uma constante associação das obras de arte polêmicas com uma suposta ideologia direcionada a “destruir a família cristã”, com apologia à pedofilia e a “opções” LGBTQIA+, além da crença equivocada de que essa suposta “ideologia” seja pauta dos movimentos de esquerda. Justamente por isso, também foi corriqueiro que apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro viessem nessas postagens usar esses discursos para promover a campanha, à época, para seu candidato à presidência da república.

Outro ponto comum aos comentários dessas postagens é a apologia à violência contra os artistas, com ameaças de espancamento e morte, inclusive, o que não deveria vir de pessoas que se dizem cristãs e “cidadãs de bem”, para dizer o mínimo.

Falando em performance, ao analisar toda a encenação promovida contra a exposição e contra *La Bête*, é possível identificar nisso também uma performance? Afinal, esses políticos

estão representando personagens, se fazendo passar por cristãos preocupados com a moral e os bons costumes, enquanto o que querem mesmo é manipular a opinião pública, por meio desses personagens que assumem e das *fake news* que produzem. Criam toda uma cena, induzem medo e raiva, alardeiam discursos de ódio e, com isso, conseguem a participação do público-alvo nessa performance. Estes, ao participarem da encenação, passam a combater veementemente todos aqueles que são considerados como inimigos desses políticos e grupos de extrema-direita.

Porém, trata-se de uma performance perversa, pois além de manter uma população considerável de pessoas sob o jugo da mentira, as leva a cometer crimes, muitas vezes graves, como esses ataques promovidos contra a arte e seus artistas e, como ocorrido recentemente, na tentativa de um golpe de estado que culminou com a destruição de patrimônio público e de uma série de obras de artes que estava exposta nos prédios destruídos.

Com relação a questão da liberdade de expressão, muitas vezes evocada como um direito para se falar/postar o que quiser, é preciso deixar claro aqui, nesses comentários finais, que cada um tem todo o direito de gostar ou não de uma obra de arte e até de criticá-la. Pode achá-la de mau-gosto, repudiá-la até. Pode expressar sua opinião contra ela em redes sociais, recomendar ou não a ida do público à determinada exposição, inclusive. Tudo isso é liberdade de expressão.

No entanto, nesses comentários, não cabem ameaças aos artistas, muito menos comentários racistas, homofóbicos, misóginos, calúnia ou difamação, pois tudo isso é crime e foi cometido nos comentários altamente preconceituosos e violentos proferidos contra a exposição *Queermuseu*, a performance *La Béte* e outras no mesmo período. Liberdade de expressão tem limites, e esse limite se encontra quando a “expressão” se insere em crimes previstos pela legislação brasileira.

Nesse contexto, cabe ressaltar que as redes sociais estão servindo de palco diário para o cometimento de crimes desse tipo, com o fomento de discursos de ódio contra as mulheres e grupos LGBTQIA+, através de grupos de extrema direita, alguns com focos religiosos e outros, que têm se destacado recentemente, com focos exclusivamente machistas, masculinistas, que propagam misoginia e homofobia e ameaçam mulheres e pessoas LGBTQIA+ pela internet. Entre esses grupos pode-se citar o Redpill, Incel e MGTOW (sigla para *man going their own way*, em português: homens seguindo o seu próprio caminho).

Esses grupos masculinistas, que vivem uma masculinidade tóxica, surgiram em defesa aos “direitos dos homens heterossexuais”, segundo os próprios grupos, como uma reação de alguns homens contra a emancipação feminina e a luta por igualdade de direitos que, segundo eles, tirou dos homens seu papel de destaque na sociedade. Porém, dentro do que eles defendem

como liberdade de expressão, mas é crime, seguem ameaçando mulheres e pessoas LGBTQIA+ de agressões físicas e de morte.

Diante disso, ficam as questões: Por que isso segue ocorrendo impunemente? Por que esses crimes não estão sendo devidamente punidos? Ao não punirem os que usam redes sociais para ameaçarem, difamarem e denegrirem a imagem do outro, se estimula que novos crimes como estes sigam ocorrendo. É preciso a mão forte do Estado sobre esses crimes. É essencial e premente que essas pessoas passem a pagar de forma exemplar por esses crimes. É fundamental que a justiça brasileira passe a separar o que é liberdade de expressão do que é crime e puna os criminosos.

Da mesma forma, censurar ou pedir censura a uma obra ou exposição não é liberdade de expressão e nem direito de ninguém, conforme prevê a Constituição Federal Brasileira, em seus artigos 5<sup>59</sup> e 220<sup>60</sup>, que deixam bem claro que não deve haver censura de nenhum tipo à arte no Brasil. Desde, logicamente, que a arte ou performance não esteja cometendo um crime (como tortura, apologia ao racismo, assassinato).

Sendo assim, não são os preconceituosos de extrema direita e os masculinistas que estão sendo violados em sua liberdade de expressão, mas sim os artistas que estão sendo censurados em suas obras.

Nesse sentido, não se pode mais permitir que a censura (ou movimentos exigindo censura) sobre a arte siga existindo. No máximo pode-se colocar alguma restrição para menores, quando a arte envolver algum grau de nudez. De qualquer forma, não se deve normalizar a censura quando ela impede os jovens de ter acesso a arte, de ter educação artística. Isso remete à ditadura militar, que com sua censura fez tanta gente perder conteúdos culturais.

Esse estudo finaliza suas considerações com a certeza de apenas com investimento em educação, o que necessariamente precisa incluir a educação artística, é que o Estado será capaz de combater o ódio conservador e o machismo estrutural. A educação é o único caminho para produzir uma população com pensamento crítico, sem preconceitos e igualitária.

---

<sup>59</sup> Art. 5º: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

<sup>60</sup> Art. 220 – A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

[...]

§2º – É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

A aprendizagem precisa estimular no aluno o pensamento crítico. É como bem coloca Paulo Freire, em “Educação como prática da liberdade”<sup>61</sup>, ao dizer que é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade, portanto o ensino precisa desenvolver no aluno essa criticidade. Para ele, a educação precisa ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude, de criação de disposições democráticas através das quais se substituam antigos hábitos culturais de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência. Além disso, é preciso vincular a educação à vida, pois um ensino que seguir desvinculado da realidade não produz consciência.

Ainda como defendia Paulo Freire, as escolas devem promover uma educação que possibilite ao homem a discussão corajosa de sua problemática. Que promova sua inserção nesta problemática. Que seja capaz de o advertir dos perigos de seu tempo, para que, tendo consciência deles, conquiste a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. A educação deve colocar o sujeito em diálogo constante com o outro. O predispondo a constantes revisões. Tornando-o capaz de realizar, constantemente, uma análise crítica de seus “achados”. Levando-o a uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Promovendo sua identificação com métodos e processos científicos. É esta educação que precisa ser buscada e desenvolvida em sala de aula, e esta é a forma de agir de um aluno com seu pensar independente.

É preciso que se busque fornecer aos alunos uma educação integral, que não foque apenas seu desenvolvimento intelectual ou formação para o mercado de trabalho, mas também ofereça oportunidades para que os alunos possam desfrutar e produzir arte, para que se torne um cidadão criativo, conhecedor de sua história e de seu patrimônio cultural, para aprender a valorizá-los.

É essencial que haja estímulo à arte nas escolas, pois a arte é libertadora. A arte é fundamentalmente crítica, tendo em vista que ela sempre trará análises e juízos de valor do artista que a produziu, que irão se associar com a interpretação dada por aquele que a observa, mesmo que este venha a ter interpretações totalmente diversas sobre ela. Isso irá produzir novas críticas. Portanto, ela liberta, já que promove o livre pensamento.

A arte é capaz de proporcionar aos seus observadores a possibilidade de questionarem seus pré-conceitos, ajudando a mudar a forma como enxergam e interagem com o outro, com o mundo. Mas, para que seja assim, ela precisa ser representativa de todos os grupos sociais, etnias e culturas. Por isso é tão importante que esteja inclusa nas escolas, para que cada aluno consiga

---

<sup>61</sup> FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

usar a arte, seja qual for sua forma, para se expressar. Afinal, cada tipo de arte terá seu público e toda arte deve ser valorizada.

Portanto, é fundamental buscar uma teoria crítica da educação que busque romper com a atual situação social de machismo estrutural e educação castradora, para que se almeje uma educação que alcance a todos e seja realmente libertadora. Mas, para tal, é preciso vontade política, o que não havia no governo de Jair Bolsonaro e não há na extrema direita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVIC, Marina. **Pelas paredes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.
- ADORNO, T. W. Tabus acerca do magistério. In: \_\_\_\_\_. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AGAMBEN, G. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ALAVINA, F. A internet e as artimanhas do pensamento fácil. **Outras Palavras**, 15 ago. 2016. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/uncategorized/a-internet-e-as-artimanhas-do-pensamento-facil>>. Acesso em: jan. 2023.
- ALBUQUERQUE, W.R.; FRAGA FILHO, W. **Uma história de negro no Brasil**. Salvador; Brasília: Centro de estudos Afro-Ocidentais, Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALBUQUERQUE, A.; QUINAN, R. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “professor terra plana”. **Revista Mídia e Cotidiano**, v.13, n.3, p.83-104, 2019.
- AMARAL, M. Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. **Contracampo**, n.12, p.103-114, 2005.
- ANTONIONI, A. **Odeio, logo compartilho: O discurso de ódio nas redes sociais e na política**. Maringá: Viseu, 2019.
- ARGAN, G.C. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BAPTISTA, J.P.; GRADIM, A. Understanding Fake News consumption: a review. **Social Sciences**, v.9, n.185, p.1-22, 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARUFALDI, L.A.; SOUTO, R.M.C.V.; CORREIA, R.S.B.; MONTENEGRO, M.M.S.; PINTO, I.V.; SILVA, M.M.A.; LIMA, C.M. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n.9, p.2929-2938, 2017.
- BAZZANELLA, S.L.; SILVA, S.S. As manifestações biopolíticas na conformação dos espaços citadinos do planalto norte catarinense e suas implicações em relação ao desenvolvimento regional. **Revista Grifos**, n.40, p.11-42, 2016.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Fatos e mitos. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BECKER, H.S. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRANDÃO, V.C.; DIAS, J.G. O que diz um corpo nu? Processos de mediatização da performance “*La Bête*” e as controvérsias discursivas em rede. **Contemporânea, Comunicação e Cultura**, v.18, n.3, p.27-46, 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: jan. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm)>. Acesso em: jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 33 de 2018**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=72921-pcp014-17-pdf&category\\_slug=setembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=72921-pcp014-17-pdf&category_slug=setembro-2017-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: jan. 2023.

BRECHT, B. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BUTLER, J.P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPEAN, F. **O discurso bolsonarista e a desconstrução do Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

CARVALHO, D.H.B. O corpo na poética de Lygia Clark e a participação do espectador. **Moringa**, v.2, n.2, p.131-142, 2011.

CATTANEO, C.; GOLENIA, C.; BAGGIO, E.; GOLDENBERG, F.; MELLO, J. Transexuais encontram dificuldades para o acesso à educação e trabalho: Desigualdade e preconceito são recorrentes em diversos ambientes do convívio social. **Humanista**, 15 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/humanista/2018/01/15/transexuais-encontram-dificuldades-para-o-acesso-a-educacao-e-trabalho/>>. Acesso em: jan. 2023.

CAVALCANTI, E.C.T.; OLIVEIRA, R.C. Políticas públicas de combate à violência de gênero a rede de enfrentamento à violência contra as mulheres. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v.2, n.2, p.192-206, 2017.

CERQUEIRA, D. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

COHEN, R. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

COSTA, S.S.G. Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação & Realidade**, v.34, n.2, p.171-186, 2009.

DOUGLAS, C. Religion and Fake News: faith-based alternative information ecosystems in the US and Europe. **The Review of Faith & International Affairs**, v.16, n.1, p.61-73, 2018.

DOUGLAS, K.M.; USCINSKI, J.E.; SUTTON, R.M.; CICHOCKA, A.; NEFES, T.; ANG, C.A.; DERAVIDI, F. Understanding conspiracy theories. **Political Psychology**, v.40, s.1, p.3-35, 2019.

ECO, U. **A obra aberta**: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

FABBRINI, R.N. **Poética do gesto**: arte e política em Lygia Clark. Filosofia contemporânea: arte, ciências humanas, educação e religião. São Paulo: ANPOF, 2013.

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

FEDORKO, B.; KURMANOV, S.; BERREDO, L. **A brief guide to monitoring anti-trans violence**. Transrespect versus Transphobia Worldwide Project - Transgender Europe, 2020.

FIDELIS, G. **Catálogo da exposição realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage**. Rio de Janeiro, de 18 de agosto a 16 de setembro de 2018. Curadoria: Gaudêncio Fidelis.

FOSTER, G. "Queermuseu": quais são e o que representam as obras que causaram o fechamento da exposição. **Gaúcha ZH Artes**, 11 set. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2017/09/queermuseu-quais-sao-e-o-que-representam-as-obras-que-causaram-o-fechamento-da-exposicao-9894305.html>>. Acesso em: jan. 2023.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1995. p.231-249.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1925-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978 - 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Edições Loyola, 2014.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

GOLDBERG, R. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOMES, P.R.T.F. **O discurso de ódio e as fake news políticas no facebook sob a égide da justiça eleitoral brasileira**. 103f. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2019.

GREGORI, P.F. **Gênero e violência**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

HALPERN, D.; VALENZUELA, S.; KATZ, J.; MIRANDA, J.P. From belief in conspiracy theories to trust in others: which factors influence exposure, believing and sharing Fake News. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HUMAN-COMPUTER INTERACTION, 2019, Berlin. **Anais [...]**. Berlin: Springer, 2019. p.217-232.

HINTZE, H. Desnaturalização do machismo estrutural – primeiras aproximações. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Desnaturalização do machismo estrutural na sociedade brasileira**. Jundiá: Paco Editorial, 2020.

JAREMTCHUK, D.; MIGUEL, J.L. A campanha difamatória contra a exposição *Queermuseu*. **Dossiê**, v.23, n.3, p.41-63, 2020.

JULIÃO, L. A escola e os alunos transexuais: poucos avanços, muitos desafios. **Justificando**, 8 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2018/06/08/a-escola-e-os-alunos-transexuais-poucos-avancos-muitos-desafios/>>. Acesso em: jan. 2023.

KILOMBA, G. The Mask. In: \_\_\_\_\_. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. 2.ed. Münster: Unrast Verlag, 2010a. p.15-24.

KILOMBA, G. Who can speak? In: \_\_\_\_\_. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. 2.ed. Münster: Unrast Verlag, 2010b. p.25-38.

LE BON, G. **La psychologie des foules**. Paris: PUF, 1895.

LEITE, T.S. Tensões na definição de arte: o caso do evento “Xereca Satânik”. **Revista Discente Planície Científica**, v.2, n.1, p.142-154, 2020.

LESSA, P.; OLIVEIRA, M. A invisibilidade dos transexuais na educação: análise dos discursos legais sobre o nome social nas escolas do Brasil. **Caderno de Gênero e Tecnologia**, n.25/26, p.129-141, 2013.

LEWIS, R.; MARWICK, A.E. Taking the red pill: ideological motivations for spreading online disinformation. In: ANNENBERG SCHOOL FOR COMMUNICATION (Org.). **Understanding and addressing the disinformation ecosystem**. Philadelphia: Annenberg School for Communication, 2017. p.18-22.

LOURO, G.L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v.9, n.2, p.541-553, 2001.

LYRA, U.M.B.; BARRETO, A.C.C. Os direitos humanos e a perspectiva biopolítica. In: ARAÚJO, D.G.U.; FERREIRA, G.A.; BIZAWU, S.K. (Orgs.). **Direito internacional dos direitos humanos II**. Florianópolis: CONPEDI, 2016. p.42-61.

MACAVANEY, S.; YAO, H.R.; YANG, E.; RUSSELL, K.; GOHARIAN, N.; FRIEDER, O. Hate speech detection: Challenges and solutions. **PLoS One**, v.14, n.8, e0221152, 2019.

MALLMANN, R.W.; RODRIGUES, A.P.K. A seletividade punitiva no brasil expressa em 80 tiros: a política da morte na gestão biopolítica da vida. In: CONGRESSO NACIONAL CIÊNCIAS CRIMINAIS E DIREITOS HUMANOS, 3., 2019, Ijuí, RS. **Anais [...]**. Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2019.

MANCOSU, M.; VASSALLO, S.; VEZZONI, C. Believing in conspiracy theories: evidence from an exploratory analysis of italian survey data. **South European Society and Politics**, v.22, n.3, p.327-344, 2017.

MARWICK, A.E. Why do people share Fake News? A sociotechnical model of media effects. **Georgetown Law Technology Review**, v.2, p.474-512, 2018.

MARTINS, A. Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica. **Cadernos de Psicanálise**, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n.22, p.37-56, 2009.

MARTINS, M. **O dispositivo de menoridade e as formas de governo das condutas na contemporaneidade**. 2020. Tese, (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

MENESES, E.S. Um corpo gay pesquisando masculinidades 'viadas' na universidade machista. In: HINTZE, H. (Org.). **Desnaturalização do machismo estrutural na sociedade brasileira**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020. p.101-116.

MIRANDA, V.C.; ALÓS, A.P. Arte não permitida: apagamento, censura e resistência. In: SENACORPUS, 2018, Campina Grande, PB. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MORITZ, A. **Arte, política e guerra cultural: Um estudo antropológico sobre a mostra Queermuseu**. 2018. Dissertação, (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018.

OITICICA, H. Esquema Geral da Nova Objetividade. **Poro**, 9 nov. 2011. Disponível em: <<https://poro.redezero.org/biblioteca/textos-referencias/esquema-geral-da-nova-objetividade-helio-oiticica>>. Acesso em: dez. 2022.

OLIVIERI, C.; NATALE, E. **Direito, Arte e Liberdade**. São Paulo: Edições SescSão Paulo, 2018.

PALMIERI, J. El masculinismo de estado reforzando el patriarcado. **¡Feminismos! Eslabones Fuertes del Cambio Social**, v.1, n.17, p.157-163, 2017.

PEDRONI, R. **A relação entre arte e política: possíveis expressões de enfrentamento e contra-hegemonia**. 2019. Dissertação, (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PEDROSA, M. A obra de Lygia Clark. In: ROLNIK, S.; DISERENS, C. (Orgs.). **Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro.** São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006. p.29-21.

PEDROZA, Y.; DINIZ, P. Teoria Queer: um espaço revolucionário e decolonial da identidade. **Revista COR LGBTQIA+**, n.2, v.1, p.78-89, 2022.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, v.19, n.1, p.11-20, 2011.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual.** São Paulo: n-1 Edições, 2014.

PRECIADO, B. Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino. **eRevista Performatus**, v.7, n.20, p.1-5, 2019.

QUEIROGA, C.S.; BARONE, L.M.C.; COSTA, B.H.R. Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu. **Jornal de Psicanálise**, v.49, n.91, p.111-126, 2016.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p.117-143.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIO GRANDE DO SUL. Comissão de Legislação e Normas. **Parecer nº 739/2009.** Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[https://www.mprj.mp.br/documents/20184/237640/parecer\\_cee\\_739\\_2009\\_rs\\_nome\\_social.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/237640/parecer_cee_739_2009_rs_nome_social.pdf)>. Acesso em: jan. 2023.

ROCHA, J.C.C. **Guerra cultural e retórica do ódio** (Crônicas de um Brasil pós-político). Goiania: Caminhos, 2021.

ROJTMAN, S. Extrema derecha: instrumentalización de los derechos de la mujer y del acceso al poder. **¡Feminismos! Eslabones Fuertes del Cambio Social**, v.1, n.17, p.164-170, 2017.

ROLNIK, S. Molding a contemporary soul: the empty-full of Lygia Clark. In: CARVAJAL, R.; RUIZ, A. (Orgs.). **The experimental exercise of freedom: Lygia Clark, Mathias Goeritz; Helio Oiticica and Mira Schendel.** Los Angeles: Museum of Contemporary Art, 1999.

ROMANINI, A.V.; MIELLI, R.V. Mentiras, discurso de ódio e desinformação violaram a liberdade de expressão nas eleições de 2018. In: COSTA, C.C.; BLANCO, P. (Orgs.). **Liberdade de expressão: questões da atualidade.** São Paulo: ECA-USP, 2019. p.34-51.

SALLES, A.C.T.C.; CECCARELLI, P.R. A invenção da sexualidade. **Reverso**, v.32, n.60, p.15-24, 2010.

SANTOS JÚNIOR, J.G. **Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP): um Movimento Ultramontano na Igreja Católica do Brasil?** 2008.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTOS, R.F.G.; SILVA, N.F. Criança viada, travesti da lambada. **Albuquerque: Revista de História**, v.13, n.26, p.97-118, 2021.

SANTURAKI, S.U. Trends in the regulation of hate speech and fake news: A threat to free speech? **Hasanuddin Law Review**, v.5, n.2, p.140-158, 2019.

SARAIVA, M. Arte Observada: Bia Leite. **Revista Circuito**, 20 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.revistacircuito.com/arte-observada-bia-leite>>. Acesso em: fev. 2023.

SCHECHNER, R. O que é performance? **O Percevejo**, v.11, n.12, p.25-50, 2003.

SCHWARCZ, L.M. Arte degenerada no Brasil ou como sair da arquibancada moralista. In: DUARTE, L. (Org.). **Arte censura liberdade: reflexões à luz do presente**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

SELISTRE, J.R.; DUARTE, M. Arte contemporânea e o retorno da censura: caso Queermuseu e suas adjacências. **Contemporânea**, v.1, n.2, e16, p.1-6, 2018.

SILVA, T.H. Reflexões perante a performance ‘Macaquinhos’. **Periódicus**, v.2, n.17, p.63-78, 2022.

SILVA, E.C.H.; SILVA, B.V.G. CENA de Interior II e Queermuseu: cartografias das diferenças na arte brasileira silenciadas em Porto Alegre (2017). **Palíndromo**, v.11, n.25, p.246-265, 2019.

SIRIUS, A. Das *fake news* aos discursos de ódio: uma análise à luz da constituição cidadã nas mídias sociais. **AMAERJ**, 2019. Disponível em: <<https://amaerj.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Fake-News.pdf>>. Acesso em: jan. 2023.

TAVARES, M. Arte sob ataque: os usos e abusos da arte pelas redes reacionárias durante a censura da exposição Queermuseu. **MODOS: Revista de História da Arte**, v.6, n.1, p.18-49, 2022.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TIBURI, M. La Bête: a quem interessava transformar a performance em escândalo? **Revista Cult**, 30 out. 2019. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/la-bete-dois-anos-depois-wagner-schwartz>>. Acesso em: fev. 2023.

TRANSGENDER EUROPE. TMM Update Trans Day of Remembrance 2019. **Transrespect.org**, 11 nov. 2019. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-of-remembrance-2019>>. Acesso em: jan. 2023.

TREVISAN, J. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade**. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2018.

VALADARES, G.; ALMEIDA, J.P.R. Direito constitucional: a LGBTfobia como resultado do discurso de ódio. In: BAHIA, A.G.M.F.M. (Org.). **Homotransfobia e os desafios à**

(re)construção do direito a partir da diversidade. 1ª parte do livro de DESLANDES, K. (Org.). **Homotransfobia e direitos sexuais:** Debates e embates contemporâneos. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

VECCHIATTI, P.R.I. Apresentação. In: BAHIA, A.G.M.F.M. (Org.). Homotransfobia e os desafios à (re)construção do direito a partir da diversidade. 1ª parte do livro de DESLANDES, K. (Org.). **Homotransfobia e direitos sexuais:** Debates e embates contemporâneos. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

WEISHEIMER, S.C.; LAZZAROTTO, E.M.; NAZZARI, R.K.; BAQUERO, R. Sexualidade, tabus e preconceitos na concepção dos adolescentes. **Ciências Sociais em Perspectiva**, v.7, n.12, p. 119-141, 2008.

## ANEXO I

Confira o resumo dos pronunciamentos das deputadas e dos deputados realizados durante o período das Comunicações da sessão plenária do Parlamento gaúcho desta terça-feira (12). A íntegra das manifestações pode ser ouvida no endereço [www.al.rs.gov.br/legislativo](http://www.al.rs.gov.br/legislativo), em áudios das sessões.

**Missionário Volnei (PR)** manifestou seu repúdio à exposição Queermuseu - Cartografias da diferença na América Latina, encerrada no domingo (10) no Santander Cultural em virtude de protestos. Classificou algumas das imagens como obscenas, “que promovem explicitamente a pornografia, a pederastia, a pedofilia, o sexo com animais, dentre tantos outros”. Para o parlamentar, o conteúdo da mostra não é arte, é crime. Ele ainda questionou como esse tipo de exposição conseguiu apoio do Ministério da Cultura, via Lei Rouanet, e do próprio Santander. “Como ousam direcionar essa exposição às nossas crianças e adolescentes em idade escolar?”, questionou. Disse que o aprendizado que fica do episódio é que “juntos somos muito mais fortes”. “E no que depender do povo Deus nós não nos curvaremos”, concluiu.

Também se manifestando sobre a exposição Queermuseu, **Marcel van Hattem (PP)** disse ser importante saber discernir o que é boicote do que é censura. “Censura vem de cima, vem do governo. Censura vem para impedir-nos de ver aquilo que nós gostaríamos de ver. Mas boicote é organizado num sistema capitalista, numa sociedade livre, por pessoas que discordam daquilo que, por exemplo, uma empresa a quem é associada ou lhe oferece um serviço ou vende um produto e decide, portanto, com isso, não consumir mais esse produto e esse serviço”, explicou. Afirmou que algumas obras faziam apologia a crimes, citando elementos de zoofilia e pedofilia, e criticou o acesso de crianças, junto com professores em turmas organizadas, à mostra. Segundo ele, a reação ao fechamento da exposição foi “uma orquestração de movimentos de esquerda que têm todo o interesse de destruir os fundamentos da sociedade judaico-cristã ocidental”. Informou que levará o assunto para reunião da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos nesta quarta (13).

**Regina Becker Fortunati (Rede)** fez referência ao abate de animais, que teriam contraído tuberculose, do Parque Pampa Safari há duas semanas. A parlamentar disse que, até agora, o encaminhamento referente ao sacrifício, através de determinação do Ibama, de 20 cervos, dos quais quatro fêmeas em final de gestação, ainda não foi completamente elucidado. “Na verdade, estamos diante de um dilema, porque sabemos que estamos tratando com uma questão de saúde pública, sem dúvida, porém a ciência não tem ainda um consenso a

respeito da possibilidade dessa doença passar para os seres humanos”, explicou. Conforme a parlamentar, os cervos abatidos, de acordo com os resultados dos exames (ainda não há os laudos finais), não eram portadores da tuberculose. Lembrou, ainda que, com a extinção da Fundação Zoobotânica, não há quem se responsabilize com a questão dos animais silvestres e exóticos no estado.

**Lucas Redecker (PSDB)** anunciou que já protocolou projeto de lei na Assembleia Legislativa para estabelecer regramento etário para exposições artísticas no Rio Grande do Sul nos moldes vigentes em outros países. A iniciativa, segundo ele, foi motivada pelos desdobramentos da exposição realizada no Santander. “Defendo a liberdade de expressão, especialmente, no mundo artístico. Mas defendo que, assim como acontece para a televisão e o cinema, é preciso estabelecer uma distinção por faixas etárias para as exposições culturais também”, justificou. Redecker acredita que a proposição permitirá o debate no Parlamento, possibilitando que outros parlamentares apresentem emendas, e suscitará manifestações da sociedade sobre o tema. “A regulamentação por faixa etária evitará que fatos como ocorrido no Santander voltem a acontecer. Ao mesmo tempo em que assegurará a liberdade dos adultos de visitarem exposições culturais, preservará os valores familiares”, acredita. Sobre o conteúdo da exposição cancelada antes da data prevista, o parlamentar disse que, embora reconheça a função da arte como instrumento para incitar o debate na sociedade, não compreendeu o papel de elementos de estímulo à pedofilia e à zoofilia.

**Manuela d Ávila (PCdoB)** disse que o grupo que precipitou o encerramento da exposição no Santander não está preocupado com o bem-estar das crianças ou com o destino dos recursos da Lei Rouanet. “O que aconteceu não foi a defesa das crianças ou preocupação com observação à lei. Foi a ação de um grupelho fascistoide que invadiu e constrangeu o curador da exposição. O que aconteceu foi um ato de censura”, classificou. A parlamentar afirmou ainda que o episódio colocou Porto Alegre no noticiário internacional de forma negativa. “Fui jovem numa Porto Alegre da diversidade, do Fórum Social Mundial e do Orçamento Participativo, que vendia a ideia de construção de um outro mundo, mais igualitário e com mais justiça social. Desta vez, não foram estes elementos que levaram a cidade às manchetes do País e do mundo”, ressaltou. Manuela apontou ainda que o grupo que atacou a exposição não se apresenta para discutir a revisão da Lei Rouanet com o intuito de torná-la mais justa ou para regram a publicidade infantil. “Curiosamente, este grupo não aparece para defender as crianças da publicidade, que cria hábitos alimentares nocivos e consumismo perverso”, finalizou.

**Adão Villaverde** disse que, em nome da bancada do **PT** na Assembleia, associava-se à inconformidade em relação à intolerância acerca da exposição no Santander. “Até podem

acontecer restrições a esta ou aquela forma de arte. No entanto, cabe à pessoa ir ou não ao evento. O que não pode ocorrer é a invasão do local, com provocação ao curador e constringendo a quem assiste. Ações desta natureza ultrapassam os limites do bom senso e atentam contra a liberdade das formas de expressão”, sublinhou. Citou artigo do jornalista David Coimbra, na edição de ZH desta terça-feira, 12, intitulado *A arte proibida do Santander*. “Ali, ele cita que não choca a situação em si, mas choca, isso sim, o banco Santander dar ouvidos a ações anti-democráticas. A história”, prosseguiu Villaverde, “está recheada de exemplos ligados à intolerância, práticas inaceitáveis, que devem ser refutadas. Conhecemos a postura pseudo-democrática de algumas pessoas, que defendem interesses sociais, quando lhe interessam. Na realidade, como este episódio mostrou, desrespeitam uma das coisas mais caras na democracia, a plena liberdade de manifestação”.

**Nelsinho Metalúrgico (PT)** afirmou que registrava a preocupação da bancada em relação às notícias de que o governo do RS se agiliza para encaminhar à Assembleia as propostas acordadas com o governo federal para que possa aderir ao plano de recuperação fiscal proposto pela União. “Já vimos isso em 1997, 1998, quando o Rio Grande do Sul, via governo, propôs série de medidas consolidadas num acordo entre Britto e FHC que estrangularam o Estado, condenando a população gaúcha a tempos sombrios, de dificuldades”. Conforme o deputado petista, a maior parte do sofrimento atual da sociedade rio-grandense é reflexo daquelas ações, que reduziram a capacidade de desenvolvimento do Rio Grande, preso às amarras daquele período. “O RS, a partir dali, teve que passar a pagar ao governo central 13% da RCL (Receita Corrente Líquida), e a dívida, que era, em 1997, de 9 bilhões de reais, hoje está em 52 bilhões, sendo que 25 bilhões já foram pagos”, considerou, alertando que a proposta atual elevará a dívida a 65 bilhões de reais, “a ser paga pelos próximos governantes. E medidas a serem propostas, como a privatização de estatais, reduzirão ainda mais a capacidade do RS em enfrentar seus problemas”.

**Enio Bacci (PDT)** frisou, da tribuna, que ainda aguarda informações acerca da morte do PM Náurio Garcia Viana, morto recentemente em barreira no interior. “É muito provável que uma bala tenha perfurado seu colete, tendo em vista a precariedade da maioria deste equipamento em uso pela corporação”, apontou, citando que são apenas 7,5 mil coletes em condições, mas com prazo a vencer, para atender a 17 mil policiais militares. Lembrou que apresentou projeto de Lei, 180 de 2017, segundo o qual todo o colete a ser adquirido precisa trazer, em grande destaque, o prazo de vencimento do equipamento. “O PM tem o direito de saber isso, e não pode ser jogado aos leões, sem este esclarecimento. É ele quem atua na ponta do processo”, recordou, questionando na sequência: “qual o critério usado para decidir quem

deve ou não usar o colete?”. Assim, disse, a dúvida persiste em relação à morte do PM Náurio. “Uma vez que o comando da BM não agiliza o esclarecimento, porque depende do IGP, solicitarei a informação necessária diretamente àquele órgão. Forçar um PM a usar um colete vencido é crime, não só contra a segurança pública, mas contra a sociedade e contra o policial e sua família”, advertiu.

**Tiago Simon (PMDB)** afirmou que igualmente trataria do tema que mobilizou vários deputados na sessão desta terça, 12, a exposição no Santander, “tema que causou polêmica. Foi, claro, um episódio grave, mas radicalização não serve a ninguém”, ponderou. Para Simon, deve haver total repúdio a qualquer crítica quanto à liberdade de expressão, um pressuposto democrático. “No entanto, nenhum dos colegas que esteve nesta tribuna teceu consideração em relação ao ponto mais importante desta situação, aquela que causou a verdadeira indignação, e não se a mostra era profana ou não, mas som o fato de escolas terem levados alunos ao espaço sem que os pais soubessem. Uma exposição de obras com pornografia pesada”, destacou. Segundo Simon, trata-se de uma infração ao Estatuto da Criança e do Adolescente e até ao Código Penal. “As crianças devem ser protegidas, diante da incapacidade de discernir diante de alguns acontecimentos. O menos importante é se tentam ou não imputar a alguns deputados o caráter de censores. O importante é que há um direito maior, que é o da proteção às crianças”, alertou.

**Jeferson Fernandes (PT)** saudou os praças da Brigada Militar que estiveram nos gabinetes explicando o seu posicionamento acerca do PLC1477, que estava na Ordem do Dia da sessão. Disse que era uma categoria que merecia todo o respeito e consideração, lembrando que o efetivo estava abaixo de 50% da previsão e que nunca se viu um momento tão duro da violência como agora. “Na prática, aquele que se expõe na linha de tiro, o praça da Brigada, está tendo que trabalhar em dobro, com o salário parcelado, sendo desrespeitado em sua dignidade”, disse o parlamentar. “Não bastasse isso, esses praças, muitos deles habilitados para uma promoção, não têm nada da parte do governo estadual, nenhuma política nesse sentido”. Conforme o deputado, o governo Sartori promoveu até o momento pouco mais de 900 praças, enquanto no governo Tarso Genro foram mais de 6,4 mil praças, sem contar os oficiais superiores. Na sua avaliação, não havia necessidade de um projeto como aquele na gestão anterior porque então o servidor era respeitado. “Havia cursos a cada ano e a promoção era atendida”, disse. O parlamentar ressaltou que sabia que o projeto havia sido discutido pela categoria e que não era do seu interesse provocar choque entre praças e terceiros sargentos e sim apaziguar essa relação. Disse ainda que era preciso se assegurar de que aquilo que havia sido prometido aos praças seria realmente efetivado, para não se criar uma expectativa e depois

se ficar a ver navios. Hoje, segundo Jeferson, o governo teria dado uma amostra da sua incompetência ao prever no projeto algo que não havia sido ainda aprovado por emenda à Constituição.

**Zilá Breitenbach (PSDB)** parabenizou a Brigada Militar pelo trabalho valoroso. A seguir, pronunciou-se sobre a exposição *QueerMuseu*, cancelada pelo banco Santander. Disse que, a seu ver, não se tratava de uma exposição de arte e sim de uma exposição pornográfica à qual as crianças não poderiam ter acesso. Disse que cabia aos pais decidir que era melhor para os seus filhos. “Não vivemos na antiga Roma, na Sodoma e Gomorra”, disse a deputada. “Vivemos no mundo de hoje, onde temos a possibilidade de educar”. Para a deputada a exposição desrespeitava o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei Rouanet precisava ser reavaliada.

O deputado **Catarina Paladini (PSB)** abordou da tribuna a crise das universidades e institutos federais, que enfrentam redução de seus recursos e têm ameaçado a manutenção dos serviços prestados. Referiu os avanços dos últimos anos, com a ampliação de vagas através de programas como o Reuni e Prouni, mas alertou para a grave crise que atinge o ensino superior do país. Relatou encaminhamento hoje (12) na Reunião da Mesa, através da Frente Parlamentar em Defesa das Instituições Federais e deliberação através da bancada federal gaúcha para a manutenção das universidades. Fez um apelo às bancadas em favor da UERGS, recentemente homenageada pelos 16 anos de atuação, destacando sua atuação em 24 municípios e comprometida com a pesquisa e extensão, “valorizando as potencialidades regionais”.

Em nova intervenção, o deputado **Marcel van Hattem (PP)** relatou manifestação de estudantes, ontem (12) em Sapiranga, contra o governador José Ivo Sartori e o secretário da Fazenda, Giovani Feltes, durante inauguração de duas passarelas na RS-239. Destacou que se tratava de menores de idade, em horário escolar, “provavelmente poderiam eles estar sendo usados como massa de manobra do Cpers e dos professores”, sendo utilizados politicamente. Lamentou que os menores de idade lá estivessem, “sem noção da gravidade política que vivemos”, ponderando que os professores deveriam explicar quem são os responsáveis pela crise e, dessa forma, “os estudantes não estariam protestando contra Sartori, que tenta aprovar projetos para sanear as contas públicas”. Os protestos, conforme o deputado, deveriam ser direcionados ao PT “e não servindo de massa de manobra dos sindicalistas do PT”, atribuindo também ao PSOL, PCdoB e parte do PDT que “nesta Casa barram qualquer projeto para melhorar o Estado”. Atribuiu à doutrinação em sala de aula pelos professores petistas a presença dos jovens no protesto. E disse, ainda, que desconhecem o voto dos deputados petistas contra a PEC do duodécimo, medida que pretendia alterar o critério no repasse dos recursos

orçamentários aos órgãos do Legislativo, Judiciário, Ministério Público e Defensoria Pública. Ele foi favorável à PEC do duodécimo.

**Tiago Simon (PMDB)** manifestou preocupação com a complexidade da crise enfrentada não só pelo Rio Grande do Sul, mas por outros oito estados brasileiros, que não estão conseguindo pagar os salários dos servidores em dia. “O Rio Grande do Sul vive uma situação de desequilíbrio estrutural grave, mas o Parlamento parece não estar à altura dos desafios que tem pela frente. Triste ter que constatar que o Parlamento permanece estagnado numa agressividade ideológica e numa desqualificação coletiva que impede o debate qualificado de questões decisórias, como o Regime de Recuperação Fiscal”, apontou. Para ele, a gravidade do momento exige, inclusive, uma discussão federativa mais ampla das medidas, que representam uma saída para o Estado, mas lançam a conta para o futuro. “Trata-se de uma solução temporária e paliativa diante da situação de calamidade financeira que recebemos o Rio Grande do Sul. O governador Sartori tem se empenhado para reduzir despesas e aumentar receitas. Nunca se combateu tanto a corrupção, mas estas medidas não conseguem enfrentar a maior recessão de nossa História”, frisou. Ele defendeu o abandono do discurso simplista e o empenho para enfrentar “a dimensão da crise estrutural e a necessidade de reorganização do Estado”.

**Liziane Bayer (PSB)** também se manifestou sobre a exposição do Santander. “O que entendo por arte é muito diferente daquilo que foi mostrado na exposição, realizada com recursos públicos. Defendo a boa arte. Mas quando a arte ofende e agride pessoas, instituições, lei e símbolos cristãos em defesa de algo como a diversidade, ela não me serve”, apontou. A parlamentar afirmou ainda que é preciso verificar quem foram os visitantes, pois a exposição não era adequada para crianças. “Adultos têm condições de julgar e classificar as obras, mas as crianças não têm como fazer este juízo de valor. Por isso, temos que repudiar esta atitude e defender as famílias e as crianças”, salientou. Liziane lamentou ainda que os mesmos que dizem que defendem a liberdade de expressão criticam as pessoas que expõem os seus pensamentos. “Numa exposição, posso olhar, julgar e manifestar o que penso sobre as obras. Se tenho ou não conhecimento técnico, não importa, pois a exposição é aberta a todos. Tenho o direito de achá-la inapropriada. Lamentavelmente, quando expusemos nossa opinião, somos reprimidos pelos defensores da liberdade de expressão”, criticou.

Fonte: <<https://al-rs.jusbrasil.com.br/noticias/497712899/pronunciamentos-na-tribuna-nesta-terca-feira>>. Acesso em: set. 2022.